CRIME NA ESCOLA

O menino de 14 anos que atirou contra colegas era excelente aluno. Até que começaram aquelas ideias estranhas

TEMER ESCAPA

O presidente derruba a segunda denúncia, mas fica mais fraco do que antes

Abril

veja

www.veja.com

Editora ABRIL
edição 2554 - ano 50 - nº 44
1º de novembro de 2017

Anúncio de uma empresa elétrica americana de 1957 em que VEJA aplicou objetos da atualidade

A REVOLUÇÃO DOS CARROS SEM MOTORISTA

Os veículos autônomos chegarão ao mercado em uma década e, com eles, virá uma mudança espetacular na mobilidade humana, nos hábitos e nos costumes da nossa civilização

MAIS: VEJA testou o automóvel do futuro em Pittsburgh

PRIMEIRO, ELA CHEGOU
ÀS ESTRELAS.
AGORA, CHEGOU
AO SEU CELULAR.
DPZ&T

Leia para uma criança

#issomudaomundo

A Menina das Estrelas é o novo livro da Coleção Kidsbook Itaú Criança.

Uma história inspiradora, criada por Tulipa Ruiz especialmente para ser lida a qualquer hora, direto no celular. Acesse este e mais 7 livros digitais da Coleção Kidsbook gratuitamente em: euleioparaumacrianca.com.br

Kidsbook

Itaú

DESAFIO //ARGO

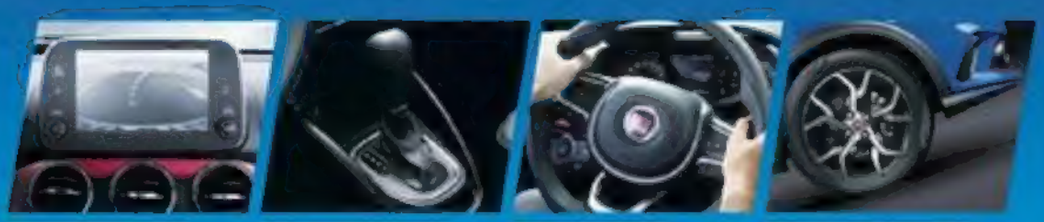
COMPARE O FIAT ARGO NUM TEST-DRIVE COM SEUS PRINCIPAIS CONCORRENTES.

ELEITO A MELHOR COMPRA PELA REVISTA QUATRO RODAS NA CATEGORIA CARRO ATÉ R$ 50 MIL.

AVALIADO COMO O MELHOR HATCH ATÉ R$ 50 MIL PELA REVISTA CARRO.

Pela vida. Escolha o trânsito seguro. ARGO.FIAT.COM.BR

Promoção válida de 19/10/2017 até 5/11/2017, exclusivamente para veículos Argo. É vedada a participação de veículos adquiridos através da modalidade Venda Direta. Os prazos para a realização de cada uma das três primeiras revisões desta promoção estão inclusos no Manual. Também deverão ser observadas todas as condições previstas no Manual de Uso e Manutenção e no Livreto de Garantia do Veículo. Consulte os demais termos e condições na rede de concessionárias Fiat participantes. Garantia Fiat de 3 anos. Para usufruir dessa garantia, é obrigatória a realização das Revisões Programadas. O prazo de garantia oferecido já inclui os 90 dias da garantia legal. Para mais informações, consulte os manuais de Garantia e de Uso e Manutenção. Imagem meramente ilustrativa, com alguns itens opcionais. SAC 0800 707 1000 / 0800 282 1001.



Central Multimídia 7" com Android Auto e Apple CarPlay

Câmbio automático de 6 velocidades

Direção Elétrica Progressiva

Assistente de partida em aclive

Leo Burnett Tailor Made

COMPRANDO O ARGO, A FIAT GARANTE 3 ANOS DE REVISÕES GRÁTIS.

VÁ A UMA CONCESSIONÁRIA.

FIAT

FÉRIAS NO CARIBE

Prepare-se para férias incríveis a bordo dos premiados Norwegian Escape e Norwegian Epic

Existem férias para famílias. E existem os tipos de férias inspiradoras que sua família se lembrará para sempre. Faça um cruzeiro no oeste do Caribe com a Norwegian e descubra a facilidade e conveniência de desfazer as malas uma só vez e viver todas as emoções em alto mar. Graças ao Freestyle Cruising, todos os passageiros podem ter as melhores férias de suas vidas! Porque para viajar em família é muito importante ter opções para todas as idades e nós as oferecemos, desde uma variedade de acomodações até deliciosos restaurantes que nem mesmo os mais exigentes deixarão de experimentar. Venha fazer parte desta família: Norwegian Cruise Line!

NCL

NORWEGIAN
CRUISE LINE®

Feel Free™

COMPANHIA DE CRUZEIROS

LÍDER NO CARIBE

2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017

CARIBE OESTE saindo de MIAMI

Com o Norwegian Escape saída de 06 de Janeiro em 7 noites de cruzeiro

Roteiro: Miami; Falmouth; George Town; Great Stirrup Cay (Ilha Particular); Nassau e Miami

A partir de **R$ 748,00 +** 9x **R$ 248,00** por pessoa

CARIBE OESTE saindo de ORLANDO

Com o Norwegian Epic saída de 13 de Janeiro em 7 noites de cruzeiro

Roteiro: Porto Canaveral; Nassau; Falmouth; George Town; Great Stirrup Cay (Ilha Particular) e Porto Canaveral

A partir de **R$ 792,00 +** 9x **R$ 262,00** por pessoa

CONSULTE OUTROS ROTEIROS PELA AMÉRICA DO SUL, EUROPA, HAVAÍ, BAHAMAS E ÁSIA

Disponível nas melhores agências de viagem em todo Brasil

São Paulo (11) 3253 7203 Outras localidades 0800 773 7203 | www.ncl.com.br

Total por pessoa: Norwegian Escape R$ 2980,00 e Norwegian Epic R$ 3150,00 em 25/10/17 para a saída acima.
Condições: Cruzeiro por pessoa em cabine interna dupla com taxas portuárias e taxas de serviço. Não inclui tarifa aérea e despesas pessoais.
Tarifas sujeitas a alterações e disponibilidade.

veja

EDIÇÃO 2554 | ANO 50 | Nº 44

JORGE WILLIAM/AG. O GLOBO

Michel Temer: desgaste e conta alta para seguir no poder

DIVULGAÇÃO

Carros: às portas da revolucionária era da autonomia

12 **Carta ao Leitor**
15 **Entrevista** Heitor Martins
24 **Leitor**
28 **Imagem da Semana**
30 **Datas**
32 **Conversa** Márvio Lúcio (Carioca)
34 **SobeDesce**
34 **A Lista**
37 **Sensacionalista**
38 **Radar**
40 **Veja Essa**

BRASIL

42 **Governo** O bilionário custo de uma vitória
48 **Corrupção** Em vídeo, o caminho da propina da presidente do PT
50 Empresa quer devolver dinheiro, mas ninguém aparece para receber
51 **Coluna** Dora Kramer
52 **Página Aberta** Marcelo Issa

INTERNACIONAL

54 **Argentina** Um réquiem pelo kirchnerismo
60 **China** Começa a era de Xi, o poderoso
61 **Coluna** Maria Laura Canineu

ECONOMIA

62 **Conjuntura** A queda dos juros ajuda, mas a retomada depende de reformas
64 **Clima** A produção mundial de vinhos será a menor em cinquenta anos
65 **Coluna** Sérgio Lazzarini

GERAL

66 **Crime** O que levou um garoto a matar colegas de uma escola em Goiânia
71 **Coluna** Rosely Sayão
72 **Saúde** Estudo mostra que anticoagulantes reduzem o risco de demência
74 **Gente**
76 **Especial Tecnologia** O carro, símbolo de status e liberdade, está prestes a sofrer uma mudança radical: ele deixará de ter motorista
78 As questões éticas e legais que envolvem os veículos autônomos
84 Testamos o carro autodirigível da Uber
88 **Ciência** Os genes podem guardar os segredos da longevidade
90 **Moda** Paris muda o estilo Neymar

CULTURA

92 **Música** Nego do Borel: sucesso do funk pop
95 **Cinema** *Thor: Ragnarok*, com Chris Hemsworth
96 **Livros** *História da Riqueza no Brasil*, de Jorge Caldeira
98 **Televisão** A nova temporada de *Stranger Things*
99 **Coluna** José Francisco Botelho
100 **VEJA Recomenda**
101 **Os livros mais vendidos**
102 **Coluna** Roberto Pompeu de Toledo

LAILSON SANTOS

Nego do Borel: estrela nacional e herói na periferia carioca

Tiragem: 931 368 exemplares

Cadastre-se grátis em
WWW.SMILES.COM.BR/EMAISFACIL
BAIXE O APP

QUANDO O ASSUNTO É MILHAS, NADA SE COMPARA À SMILES.

Você já sabe que na Smiles é muito mais fácil acumular milhas em tudo que fizer: voando pelas melhores companhias aéreas do mundo, transferindo os pontos do seu cartão de crédito, alugando e abastecendo carros, comprando no Shopping Smiles ou fazendo parte do Clube Smiles. E só aqui, ao pagar as reservas dos nossos hotéis com cartão de crédito, você pode ganhar milhares de milhas na hospedagem. Você tem os melhores hotéis do Brasil e do mundo à sua disposição, com os melhores preços, e ainda acumula muitas milhas. A **Black Friday** também vem aí, cheia de promoções. Quanto mais milhas você acumular em outubro, mais poderá aproveitar. Traga suas milhas para a Smiles, porque aqui você vale muito mais.

É mais fácil viajar com a Smiles

IVAN PACHECO

HORA DA VERDADE

MAIS DE 7,5 MILHÕES de estudantes participarão nos domingos 5 e 12 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o mais amplo processo vestibular do país. VEJA publica uma série especial de reportagens com curiosidades, dicas e informações sobre a principal porta de entrada de estudantes brasileiros em instituições de ensino superior do país. Entre outros tópicos, os textos mostram como usar a prova para ingressar em faculdades de Portugal e abordam os cursos mais fáceis para conseguir aprovação e os mais disputados nas dez maiores universidades públicas do Brasil, particularidades sobre questões de outros anos, os assuntos que podem ser tema da redação em 2017 e conselhos de estudantes que alcançaram nota 1000. abr.ai/enem

POLÍTICOS ATRÁS DAS GRADES

EDUARDO CUNHA, o outrora poderoso presidente da Câmara, completou em outubro um ano na prisão. Além dele, há mais oito caciques — políticos que exerceram mandato ou foram dirigentes de partido — presos pela Lava-Jato, a maior investigação contra a corrupção da história do país. Há gente engaiolada em Curitiba, na Papuda, no Rio de Janeiro e em Natal. VEJA preparou um teste para detectar seus conhecimentos sobre quem ainda não se livrou do cárcere, por que e onde estão presos. abr.ai/politicos-presos

NATÁLIA LUIZ

A VOLTA DA MAGIA

SUCESSO DA TV CULTURA nos anos 1990, o *Castelo Rá-Tim-Bum* conquista novos fãs com musical em São Paulo. Baseado na trama original de Cao Hamburger, o espetáculo traz cenário e personagens da série em história inédita. O aprendiz de feiticeiro Nino, seus tios, Dr. Victor e Dona Morgana, o Porteiro e a cobra Celeste mostraram a VEJA bastidores da produção. abr.ai/ra-tim-bum

ENCARE A CIDADE SOB UMA NOVA PERSPECTIVA.

CHEGOU A NOVA BMW G 310 R.
Criada para as grandes cidades, pensada para os brasileiros. Toda a versatilidade, leveza e agilidade de uma 300 cilindradas com o melhor da tecnologia BMW.

PRIMEIRA REVISÃO DE 1.000 KM OU 10 MESES/KM (TDR) R$ 361,

Acesse bmwmotorrad.net.br/G310R e garanta a sua.

MAKE LIFE A RIDE.

BMW G 310 R
POR
R$ 499 MENSAIS

*BMW G 310 R R$ 21.900 À VISTA + FRETE OU ENTRADA DE R$ 1.[illegible] + [illegible] PARCELAS MENSAIS DE R$ 499 + PARCELA FINAL DE R$ 6.570 + FRETE. VALOR TOTAL À PRAZO: R$ 31.672 + FRETE.**

Preço promocional válido para inscrições de 1.000 km até 10.000 km, para chassis de 01/01/2017 a 31/12/2017. R$ 2.000,00 [illegible] Preço de venda à vista sugerido para a linha G 310 R, com [illegible] satisfação das concessionárias de [illegible] BMW Motorrad, bem adicionais serão cobrados. [illegible] Consulte validade de 1/8/2017 a 31/12/2017. Para consultar valores em [illegible] Informações, consulte a Concessionária Autorizada BMW Motorrad de sua preferência. **Condições válidas para a motocicleta BMW G 310 R, 2017/2017 - 0 km. Preço promocional de R$ 21.900,00 à vista ou entrada de R$ 7.450,00 mais 36 parcelas mensais de R$ 499,00 mais parcela final no 36º mês de R$ 6.570,00. Valor final do bem a prazo: R$ 31.671,72. Taxa de juros de 2,00% a.m. [illegible] Valor mínimo financiado de R$ 2.000,00. Custo Efetivo Total (CET): 32,50% a.a. Plano de financiamento oferecido pela BMW Financeira. Sujeito à aprovação de crédito. Mediante CDC - Pessoa Física. Taxa de Cadastro (R$ 750,00), Taxa do DETRAN/SP (R$ 120,00) e IOF estão incluídos nas parcelas e no CET. Consulte [illegible] 1/7/2017 a 30/11/2017 ou até o [illegible] de 31 unidades. Quantidade [illegible] sujeita a [illegible] Alô Clientes BMW 08 0000 016 3777.

Minha cegueira [illegible] no trânsito.

A RECEITA ESSENCIAL

IN LOCO Silvio Nascimento, na Europa: mais um teste

EXPERIÊNCIA Salvador e Vilicic: segurança é fundamental

O AVANÇO DIGITAL e a conectividade trouxeram o mundo para a tela dos computadores e smartphones. Tornou-se possível passear no Museu de Edimburgo, na Escócia, sem se levantar da cadeira em Brasília. Podem-se trocar mensagens instantâneas com um primo que mora em Dublin, na Irlanda, estando à mesa de um restaurante na orla de Búzios, no Rio de Janeiro. Podem-se observar as belezas da Ilha de Mykonos, na Grécia, durante um intervalo do trabalho no bairro carioca de São Cristóvão. Em plena madrugada em São Paulo, pode-se fazer um tour pelo Palácio de Buckingham, em Londres.

Mesmo com o mundo tão acessível, o jornalismo de qualidade que VEJA faz questão de praticar mantém intocada uma receita essencial: o repórter precisa sair da redação e ir até o coração dos acontecimentos, precisa sentir a pulsação das coisas — e levar tudo isso aos leitores. Foi com esse fundamento em mente que VEJA apurou a reportagem desta edição sobre o futuro do carro.

O editor Silvio Nascimento, de 58 anos, que começou sua carreira profissional na revista QUATRO RODAS, viajou a Barcelona para participar da convenção anual da Audi, fabricante alemã. O destaque, ali, foi um modelo de automóvel semiautônomo, que Nascimento se encarregou de conhecer nos detalhes. Ele se encantou com a experiência, apesar de já ter feito mais de 300 testes de carros em sua vida e acompanhado de perto quase uma centena de corridas de Fórmula 1.

O editor de Ciência e Tecnologia, Filipe Vilicic, de 32 anos, foi escalado para testar o carro autônomo da Uber em Pittsburgh, nos Estados Unidos. Após andar no banco de trás do veículo que se movimentava sem a presença de um motorista, Vilicic comentou: "É difícil confiar em algo que não vemos e não tocamos, mas depois de dez minutos de viagem perdi o receio e me senti completamente confortável".

Em São Paulo, o editor Alexandre Salvador, de 30 anos, deu suporte às reportagens com entrevistas e leituras sobre a evolução dos carros — assunto ao qual se dedica há quatro anos, tendo visitado os centros de pesquisa de diversas montadoras e empresas do Vale do Silício, na Califórnia. "Gosto muito de dirigir, tenho imenso prazer ao volante, mas, quando criança, perdi um tio em um acidente de carro e, talvez por isso, busco me informar sobre os mecanismos de aumento da segurança no trânsito", diz. E a segurança no trânsito é uma das vantagens que o carro sem motorista deve trazer, como conta a reportagem que começa na página 76. Boa leitura. ■

rumo
A RIQUEZA DO CAMPO MOVE O BRASIL.
movimenta por ano 18 milhões de toneladas de carga do
A renovação da concessão da Malha Ferroviária Paulista
no futuro. E com isso ajudar no desenvolvimento da economia.
O AGRONEGÓCIO
EMPREGA
19
milhões de pessoas
REPRESENTA
48%
da exportação brasileira
MOVIMENTA
R$ 1,4
trilhão na economia
O AGRONEGÓCIO MOVE O BRASIL
A RUMO MOVE O AGRONEGÓCIO
rumo
www.rumomoveobrasil.com.br

VICTOR HUGO

"FOI COM TRISTEZA"

O presidente do Masp diz que vetou para menores a mostra *Histórias da Sexualidade* por temor de ação judicial, mas gostaria que os pais obtivessem liminares para levar seus filhos ao museu

MARIA CAROLINA MAIA

CONSULTOR EMPRESARIAL e dono de uma poderosa coleção privada de arte brasileira, Heitor Martins, de 49 anos, tem usado seus conhecimentos financeiros para sanar instituições artísticas. Depois de equilibrar as contas da Fundação Bienal de São Paulo na condição de presidente, assumiu o comando do Museu de Arte de São Paulo (Masp) em 2014 e trilhou o mesmo caminho. O museu paulistano, que reúne a maior coleção de arte europeia fora da Europa e dos Estados Unidos, somava débitos de mais de 75 milhões de reais. De lá para cá, Martins equacionou as dívidas ao promover mudanças na equipe e atrair doações do empresariado. Sua gestão passava longe de controvérsias até que a exposição *Histórias da Sexualidade* começou a fazer barulho dias antes de sua abertura, em 20 de outubro, na esteira de polêmicas de outros eventos de arte, como a mostra *Queermuseu*, cancelada em Porto Alegre em razão de protestos inflamados. Pela primeira vez, uma mostra do Masp será proibida para menores de 18 anos. Por quê? Martins explica que só tomou essa decisão, que ele próprio lamenta, depois que advogados contatados pelo museu apontaram o risco de a exposição ser suspensa pela Justiça, com base em alguns pontos do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A seguir, sua entrevista.

***Histórias da Sexualidade* estava planejada desde 2015. Quando a classificação etária passou a ser discutida?**
Houve uma reunião do Conselho do Masp em 20 de setembro e, nesse dia, apresentamos as alternativas legais para a mostra. A questão da classificação etária ganhou dimensão em virtude do que vem acontecendo em nossa socie-

As estradas falam. A Mercedes-Benz ouve. E nossos clientes reconhecem.

A Mercedes-Benz acaba de ser eleita a grande vencedora do Best Truck 2018, o maior prêmio de caminhões e veículos comerciais do país. Foram 19 prêmios conquistados com uma única certeza: só quem ouve as estradas poderia ter tamanho reconhecimento.

MercedesBenzCaminhoes www.mercedes-benz.com.br | CRC: 0800 970 9090

Mercedes-Benz
A marca que todo mundo confia.

Caminhão de distribuição Atego 2430
Caminhão urbano Accelo 1016
Caminhão vocacional fora de estrada Actros 4844
Furgão com PBT acima de 3,2 t Sprinter 415
Caixa de marchas Mercedes-Benz
Motor Mercedes-Benz
Melhor imagem de pós-vendas Mercedes-Benz
Furgão com PBT até 3,2 t Vito
Pela vida. Escolha o trânsito seguro.

dade. O debate está quente e, ao abrirmos a exposição, nós nos colocamos no centro dele. Queríamos assegurar a realização da mostra para que o público tivesse acesso às obras e a essa pesquisa curatorial, que é séria e profunda e envolveu um trabalho de mais de dois anos ao custo de cerca de 1,5 milhão de reais. Queríamos garantir que o museu fosse um espaço de liberdade de expressão. Ao mesmo tempo, pareceu-nos imprescindível fazer isso dentro dos parâmetros do Estatuto da Criança e do Adolescente. Contratamos um escritório especializado, o Lilla, Huck, Otranto, Camargo, que indicou que a única forma era adotar a classificação de 18 anos. Foi com tristeza que tomamos essa decisão.

Pela credibilidade que possui, o Masp não poderia ter comprado a briga, já que se trata de decisão a contragosto? O nosso papel é bancar a exposição. Garantir que ela ocorra e, com ela, o debate. O que há é uma restrição etária por questões legais, o que é diferente de censura.

O escritório Lilla, Huck tem entre os sócios o pai de um conselheiro do Masp, o apresentador Luciano Huck. É uma indicação dele? Não. O sócio responsável pelo escritório, que é especializado no tema, era colega de nossa diretora de relações institucionais, Juliana Sá, e fez o trabalho *pro bono*. O Luciano Huck, assim como os conselheiros em geral, não tem participação no dia a dia do museu. Ele não foi consultado e não opinou em nenhum tema relacionado a essa ou a outras mostras. O Luciano colabora financeiramente e participa das nossas reuniões, em que contribui com temas referentes à divulgação em redes sociais, na TV e na mídia impressa, um assunto do qual ele entende muito. Nos outros campos, ele é bastante reservado. Nesse caso da classificação etária, nenhum dos 83 conselheiros interferiu.

"Já recebemos dois mandados de segurança. Um deles pedia o fechamento da exposição. O pedido foi indeferido justamente pela classificação de 18 anos"

O empresário Flávio Rocha, outro conselheiro do Masp, escreveu um artigo publicado no jornal *Folha de S.Paulo* em que diz que recentes exposições polêmicas são "parte de um plano urdido nas esferas mais sofisticadas do esquerdismo" e representam, por exemplo, uma ameaça à família. O senhor concorda? O grupo de apoiadores da instituição engloba pessoas com diversas crenças e pontos de vista. Essas visões não refletem a perspectiva do museu. Não acredito que a arte esteja sendo instrumentalizada pela esquerda ou pela direita, e não vejo como essas exposições possam ter algum objetivo premeditado de destruir ou confrontar o conceito de família.

Os adolescentes barrados para ver as obras da mostra têm à disposição pornografia em larga escala na internet. Há algo de paradoxal nisso? São as contradições que a gente vive dentro da lei. Não estou defendendo a lei, não. Eu particularmente acho que ela é bastante restritiva. As pessoas podem votar com 16 anos. Então, por que 18 é a idade correta para ter acesso a uma exposição? Estamos simplesmente seguindo a recomendação de advogados. O Masp cumpre a lei e cumpre o papel de promover o debate. É a sociedade que tem de definir que tipo de limitação deseja para as crianças. Existem grupos que acham que essa restrição não é suficiente. Já recebemos dois mandados de segurança. Um deles, no dia da abertura, pedia o fechamento. O pedido foi indeferido justamente pela classificação de 18 anos. A ideia de que grupos inconformados recorram à Justiça para flexibilizar o acesso aos filhos, a meu ver, enriquece o debate. Sob o ponto de vista do museu, quanto mais gente puder ter acesso à mostra, melhor.

O senhor avalia que o Santander Cultural agiu bem ao cancelar, em setembro, a mostra *Queermuseu*, sob acusações de fazer apologia da pedofilia e da zoofilia? Acho que tudo o que tira a liberdade de expressão de artistas e a capacidade de o museu manter a programação não é feliz. Qualquer coisa que cerceia a liberdade é negativa. É importante haver debate ponderado.

O quadro *Cena de Interior II*, de Adriana Varejão, um dos mais atacados pelos críticos da *Queermuseu* e presente em *Histórias da Sexualidade*, ganhou um texto explicativo do Masp. Ele foi redigido depois da acusação de "promover a zoofilia"? O quadro já estava previsto, mas o texto surgiu mesmo depois. Na medida em que a obra foi posta no centro de uma polêmica, cabe ao museu explicar ao público de que modo ela se insere no contexto geral e por que é importante. Não há dúvida de que ela não faz apologia de crime nenhum. O museu tem também esse papel de informar o público. É lamentável que esse debate atual ocorra de forma tão radicalizada.

sem respeito à voz do outro. Todas as manifestações violentas, no sentido de fechar ou inibir a mostra e também no sentido de negar o direito de não gostarem dela, são ruins.

Como o senhor viu as críticas à performance *La Bête*, com um coreógrafo nu, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que teve a participação de uma criança? O episódio ganhou proporções inadequadas. A performance não tem nada de pedofilia. Não vejo nenhum contexto sexual. Aquilo ganhou uma dimensão desmesurada, e as manifestações contra o MAM são muito negativas. As tentativas de invasão, as agressões contra os funcionários. É preciso haver respeito institucional. O debate é legítimo no plano das ideias e no plano jurídico. Se descamba para a violência, é condenável. Nelson Rodrigues disse: "Toda nudez será castigada". Agora vivemos o modelo de que toda nudez será pedofilia. Estão esvaziando a palavra de sentido. É uma palavra séria, que está sendo esvaziada de sentido, banalizada.

O senhor já restringiu o acesso dos seus filhos a alguma obra de arte que considerou inadequada? Não, nós nunca impusemos nenhum tipo de restrição às nossas crianças, hoje com 18 e 20 anos. Mas é aquela história: pais vegetarianos não levam os filhos à churrascaria, nem por isso querem que as churrascarias sejam fechadas.

Algum artista se queixou da classificação etária? Sim, mas ninguém tirou a obra da exposição. O protesto que houve na frente do museu, diferentemente do que se pensou, foi de apoio à mostra. Muitos artistas que participam dela estavam lá, e o clima era ótimo.

No sábado, dia seguinte à abertura, havia fila logo cedo diante do museu. A polêmica da restrição a 18 anos pode ter ajudado na publicidade? Nós já esperávamos que a mostra tivesse uma grande procura em decorrência do tema e de tudo o que está acontecendo e sendo discutido na sociedade. Em 2016, fomos o museu com o maior público do país, com 430 000 pessoas. Neste ano, devemos terminar perto de 500 000 visitantes. A exposição foi realizada como planejado, está aberta e, mantidos os números atuais, pode vir a ser a mais visitada e comentada da história do Masp. Será um blockbuster.

O Masp chegou a viver uma crise financeira enorme. Como está a situação hoje? O museu tinha mais de 75 milhões de reais em dívidas quando assumi. Era uma situação de penúria, impostos e pagamentos de fornecedores atrasados. Equalizamos os passivos, e passamos a ter superávit todos os anos. E agora, com a criação de um fundo de doações, teremos um colchão de proteção, para que a saúde financeira continue assegurada. Já captamos 16 milhões de reais para essa reserva de emergência.

> "Nelson Rodrigues disse: toda nudez será castigada. Agora vivemos o modelo de que toda nudez será pedofilia. É uma palavra séria, que está sendo esvaziada de sentido"

O empresário Assis Chateaubriand, ao criar o Masp, na década de 40, cobrava doações de obras e dinheiro da alta sociedade. Como se deu o trabalho da atual gestão de convencimento dos novos doadores? Foi fácil. O Masp é uma instituição icônica de São Paulo. Se você ilustrar a cidade, vai usar a imagem do museu. Se convocar uma manifestação, vai marcar em frente a ele. Isso facilita, mais do que no caso da Bienal de Artes, que acontece a cada dois anos apenas. Temos o maior programa de amigos do Brasil hoje, em que se pode entrar com contribuição de 80 reais, com acesso gratuito, sem fila, desconto na loja. Nossos conselheiros contribuem com valor inicial entre 70 000 e 500 000 dólares, além de uma anuidade de 35 000 reais. A credibilidade do projeto ajuda muito. E precisamos de contribuição. O orçamento para 2018 é de 40 milhões de reais.

Qual deve ser o investimento em cultura em tempos de crise? Muitos setores da economia têm subsídios, a começar pela indústria automobilística. Igrejas têm benefícios. A cultura é um instrumento de educação e desenvolvimento e parte essencial daquilo que nos define como nação. Além disso, o setor cultural tem importância econômica. É uma atividade da chamada economia criativa, com alto valor agregado, que gera muito emprego. Não é à toa que cidades como Londres e outras investem tanto na área.

A Lei Rouanet precisa ser alterada? Se for para mudar a Lei Rouanet, que seja com a ampliação do volume de recursos e de acesso e a redução da carga burocrática do processo. Por outro lado, quem sabe a isenção não devesse ser de 100%, salvo em casos específicos. Isso faria com que os doadores tivessem um vínculo mais forte com os projetos que apoiam e fossem mais criteriosos nas suas escolhas. ■

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com

Ligue grátis: 0800-7752145
Grande São Paulo:
(11) 3347-2145

De segunda a sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Vendas Corporativas,
Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abrilsac.com
Ligue grátis: 0800-7752112
Grande São Paulo: (11) 5087-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Saiba como baixar a VEJA Digital, acesse www.assineabril.com.br/passoapassodigital

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, acesse: www.abrilstock.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-4610
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

EDITORA Abril

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Conselho Editorial: Victor Civita Neto (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Alecsandra Zapparoli e Giancarlo Civita

Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo

Diretor de Assinaturas: Ricardo Perez
Diretora de Casa Cor: Lívia Pedreira
Diretor de Golfe: Dimas Mietto
Diretora de Mercado: Isabel Amorim
Diretor de Planejamento, Controle e Operações: Edilson Soares
Diretora de Serviços de Marketing: Andrea Abelleira
Diretor de Tecnologia: Carlos Sangiorgio

Diretor de Redação: André Petry

veja

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Mauricio Lima, Policarpo Junior e Thais Oyama

Editor Executivo: Diogo Xavier Schelp **Editor Especial:** Daniel Bergamasco **Editores Seniores:** [illegible] **Editores:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, [illegible] **Repórteres:** Alexandre [illegible] Duarte, André Luiz Lopes da Silva, Bruno Meier, [illegible] Eduardo Gonçalves, [illegible] Jennifer Ann Thomas, [illegible] Duarte Nublat, Marcelo Sivate, [illegible] **Pesquisadora:** Susana Camargo **Sucursais: *Brasília*** **Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Rodrigo Rangel **Editor Sênior:** Daniel Pereira **Repórteres:** Gabriel de Andrade Masserandes, Hugo Cesar Marques, Robson Bonin, [illegible] ***Rio de Janeiro*** **Chefe:** Monica Weinberg **Editor:** Thiago Prado **Repórteres:** [illegible] Augusto de Carvalho Neves, [illegible] Fernandes, Maria Clara Vieira **Checadores:** **Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Andressa Tobita, [illegible] Lourenço Alves Pinto **Fotografia:** **Editora de Fotografia:** [illegible] Castro **Coordenadores:** Alexandre Rocha, Ismael Carmona Campos **Pesquisa:** Ana Paula [illegible] **Editores de Arte:** [illegible] Marcos [illegible] Rodrigues **Designers:** Andre Luiz [illegible] Douglas [illegible] Hamdan, [illegible] Marcelo [illegible] Ricardo [illegible] **Infografistas:** [illegible] Anderson Moraes [illegible] Wander Moreira Mendes **Produção Editorial: Supervisores de Editoração/Revisão:** [illegible] Meio Santos Souza Sobre **Secretários de Produção:** [illegible] Andrea Caitano, [illegible] Mastrou, [illegible] Patricia Vilas Boas [illegible] Vera Fedeschino **Coordenador:** Marco Antonio Vieira Salvador **Revisão:** Andre Luiz Pinto [illegible] Arruda, [illegible] da Silva [illegible] da Costa, Eduardo Pereira, [illegible] Braga, Artur [illegible] de Rodrigues Ferreira, [illegible] Souza, Rosana [illegible] Vasquez, [illegible] Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** [illegible] Eduardo de Moraes Motta, [illegible] Brando Messias, [illegible] Hennique Silva de Azevedo Oliveira, [illegible] Jr., Jocandro Albuquerque, Roberta [illegible] **Atendimento ao Leitor: Editor Assistente:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, [illegible] Maria Carolina Maria, Marcos da Nobrega, Roberto Pompeu de Toledo e Vilma Gryzinski **VEJA.COM** **Editores:** Daniel Felin e Katia Petro Chabola, Fabiana Estrela, Isaac Agrela, Ivan Marcelo Pacheco, Jose Benedito da Silva, Marcos Rogerio Lopes, Maria Carolina Maia, Silvio Nascimento **Editores Assistentes:** Angela Roberto Soares, Ricardo Vasques Heklias, Rita de Cassia de Lacerda **Repórteres:** Felipe Coleto, Felipe Machado de Souza, Guilherme Venaglia, Hector [illegible] dos Santos, Joao Pedroso de Campos, [illegible] Brasil, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Mariana Rappa Neves, Mario Alves Arcanjelo, Raquel Angelo Carneiro **Editor de Arte:** Alexandre [illegible] **Webdesigners:** Andre Lucas, Sidney Sobre **Sucursais: *Brasília*** **Repórteres:** Larissa Borges, Marcela Mora e Matos **Gerente de Produto Editorial:** Mariana Couceles **Serviços Internacionais:** Ascir N. da Silva (Nova York), Rogerio Altman (Paris), Associated Press, Agence France Presse, Reuters

www.veja.com

PUBLICIDADE: Cristiano Pereira (Financeiro, Mobilidade, Imobiliário e Serviços Empresariais), Daniela Serafim (Tecnologia, [illegible] **ABRIL BRASIL DO CONTINENTE:** [illegible] **ASSINATURAS E VAREJO:** [illegible] **MARKETING DE MARCAS:** [illegible] **ENTRATÉGIA DIGITAL:** [illegible] **MERCADO BR:** [illegible] **OPERAÇÕES DE PUBLICIDADE DIGITAL:** [illegible] **SEO:** [illegible] **PARCERIAS E TENDÊNCIAS:** [illegible] **PROJETO:** [illegible] **VIDEO:** [illegible] **MARKETING CORPORATIVO:** [illegible] **DADOS E ABRIL PRENSA:** [illegible] **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES:** [illegible] **RECURSOS HUMANOS:** [illegible] **RELAÇÕES CORPORATIVAS:** [illegible]

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000.
Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

VEJA (ISSN 0100-7122), ano 50, nº 46, VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa da edição em banca e mais despesas de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. VEJA não aceita publicidade redacional.

IMPRESSA NA ABRIL GRÁFICA Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP

IVC | FIPP | ANER | SIP

GRUPO Abril

Presidente da AbrilPar: Giancarlo Civita
Presidente do Grupo Abril: Walter Longo

Diretor de Operações: Fábio Petrossi Gallo
Diretora Editorial e Publisher da Abril: Alecsandra Zapparoli
Diretor Superintendente da Gráfica: Eduardo Costa
Diretor Superintendente da Total Express: Bruno Tortorello
Diretor Comercial da Total Publicações: Osmar Lara
Diretor de Auditoria: Thomaz Roberto Scott
Diretora Jurídica: Mariana Macia

www.grupoabril.com.br

SEMANA OURO

TROQUE AS JOIAS QUE VOCÊ NÃO USA MAIS POR UMA NOVA.

NA VIVARA, SEU OURO VALE **ATÉ 20%** A MAIS QUE O VALOR DE MERCADO*.

*Para compras até R$ 2.990 o seu ouro será valorizado em 15% e, acima deste valor, em 20%.

#SEMANAOURO

Promoção não cumulativa. Válida de 27/10 a 12/11/2017. Parcela mínima de R$ 50 e sujeita à aprovação de crédito. VENDAS: 0800 77 44 999.

VIVARA

55 ANOS

PARA A
GLOBO,
VOCÊ
NÃO É
MAIS UM.
É O UM.

TODO O BRASIL
ASSISTE A GLOBO
SÃO MAIS DE
CEM MILHÕES
DE PESSOAS
TODOS OS DIAS
MAS A GENTE SABE
QUE NÃO FALA
COM ESSE TAL
DE CEM MILHÕES
A GENTE FALA COM
CEM MILHÕES
DE UNS
LINS SUPERIORES
DOS OUTROS
QUE QUE SE
EMOCIONAM
QUE QUE SE
INFORMAM
QUE QUE GOSTAM
DA GENTE
QUE QUE DEIXA
QUE NÃO
E A GENTE SE
MOVIMENTA PARA
CONQUISTAR
CADA UM
PORQUE A GENTE
SABE QUE UM
DESTES
CEM MILHÕES
É VOCÊ

ACORDÃO DA VERGONHA

VEJA retratou na capa da edição 2553 ("Hora do acordão", 25 de outubro) meu sentimento em relação aos políticos brasileiros. Independentemente de partido ou ideologia, todos os brasileiros deveriam divulgar essa capa nas redes sociais.
Miguel Zaine
São Paulo, SP

A capa de VEJA foi clarividente em vários aspectos. Estou certo de que aquele gesto será feito pelos milhões de eleitores de Aécio Neves no próximo pleito. Seu eleitorado é composto de cabeças pensantes, gente esclarecida, que jamais vai perdoar o comportamento do senador. Aécio jogou sua biografia no lixo da história, traiu a herança política de seu avô, deu uma cusparada na cara daqueles que depositaram confiança e votos na promessa que ele já foi.
Ricardo Rezende
Brasília, DF

VEJA mostra mais um capítulo infame da política brasileira: Aécio Neves, uma esperança que desonrou 51 milhões de brasileiros que acreditaram nele. Não existe democracia sem política. Não teremos política com esse Congresso. A Justiça está chegando a uma esfera nunca antes alcançada, graças à Lava-Jato. Vimos um senador ser preso no exercício do mandato, um presidente da Câmara retirado do posto, a condenação de um ex-presidente por corrupção e o pedido de investigação contra outro presidente em pleno exercício do mandato. Muita lama está sendo remexida. Isso causa a impressão de que o Brasil está pior do que jamais esteve, mas nós estamos muito melhores. Aprendemos a enfrentar nossos demônios, uma realidade que pode não ser bela e traz desconforto, mas seria ainda pior se fosse "varrida para debaixo do tapete".
Cesar Marcelo de Oliveira Paiva
São Luís, MA

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS

O acordão da vergonha (capa)

Artigo de J.R. Guzzo

Liberdade de expressão no Brasil

A epidemia de miopia no mundo

Artigo de Dinovan Oliveira (Página Aberta)

Ninguém aguenta mais a desfaçatez desses políticos. Eles estão cinicamente rindo da cara do povo brasileiro. Está mais do que na hora de a sociedade civil ir às ruas protestar contra as alterações que eles pretendem fazer na lei de delação premiada, a revisão da condenação em segunda instância e da lei de abuso de autoridade. Se essas alterações forem aprovadas no Congresso Nacional, será, definitivamente, o fim da punição aos políticos envolvidos na Operação Lava-Jato e em outras do tipo.
Marcial Martins Veiga
Florianópolis, SC

E viva Banânia, o país dos bananas, com a capital Brasília!
Jorge O.F. Oliveira
Curitiba, PR

J.R. GUZZO

No artigo "O parto do STF" (25 de outubro), J.R. Guzzo acertou na mosca ao analisar as decisões do Supremo Tribunal Federal. Se fosse cumprir todas as suas determinações, como aquela de o Estado ter de pagar indenização a preso por estar em condições insalubres, o país iria à bancarrota.
Paulo Molina Prates
Brasília, DF

Artigo sensacional, e acredito ser a opinião da grande maioria do povo brasileiro que trabalha e sustenta essa turma de Brasília. Li e absorvi praticamente tudo o que penso sobre o STF e as instituições que supostamente deveriam dar respaldo e fazer cumprir as leis deste país. É assustador como esse pessoal da toga está desconectado da realidade do Brasil.
Geraldo Afonso Scomparim
Santo André, SP

Lendo o artigo de J.R. Guzzo, lembrei-me do iluminado Millôr Fernandes, que disse mais ou menos isto: "Nós temos um Congresso muito talentoso, ele mesmo comete o crime, ele mesmo julga e ele mesmo absolve".
Hélio Araujo Fontes
Videira (SC), via tablet

Temos um escritor à altura de Gabriel García Márquez. Trata-se de J.R. Guzzo, que narra em capítulos a tragédia dos *Cem Anos de Solidão* à brasileira. O artigo "O parto do STF" revela com suprema lucidez o círculo de anões que entope as instituições brasileiras. Eles são bem mais do que os onze que habitam a Suprema Corte. Daqui em diante, vamos conhecer a miséria nacional em forma integral, isto é, em todas as esferas do poder e em todos os poderes. Nos municípios, nos estados e na União.
Apolinário Ternes
Joinville, SC

APRESENTAM

FEIRA DOS CAMPEÕES

COMER & BEBER

2ª EDIÇÃO

veja São Paulo

DELICIOSAMENTE BEM SERVIDA, VEM AÍ A SEGUNDA EDIÇÃO DO EVENTO MAIS GOSTOSO DA CIDADE

De 23 a 26 de novembro no Jockey Club

30 CAMPEÕES DA GASTRONOMIA PAULISTANA NO MESMO ENDEREÇO

· ARIMBÁ · ARTURITO · BAR DO GIBA · BOTECO PARAMOUNT · CARLOS ·
· CONFEITARIA DAMA · D.O.M. · ESQUINA MOCOTÓ · FASANO/BISTROT PARIGI ·
· FRANGÓ · FRIDA & MINA · GUARITA · GUILHOTINA · LÁ DA VENDA ·
· LE JAZZ BRASSERIE · LOUP · MEGUSTA · MOMA · MYK/KOUZINA · NB STEAK ·
· NIAYA/AYA JAPANESE CUISINE · PADARIA DA ESQUINA · PEPPINO BAR ·
· PICCOLO · RANCHO PORTUGUÊS · RUBAIYAT · TANIT · TAQUERÍA LA SABROSA ·
· TATU BOLA · Z DELI SANDWICH SHOP ·

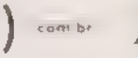
MÚSICA AO VIVO, AULAS GASTRONÔMICAS
E JANTARES EXCLUSIVOS COM **CHEFS RENOMADOS**

COMPRE JÁ SEU INGRESSO • VAGAS LIMITADAS

foodpass.com.br/vejasp

PATROCÍNIO

APOIO



CENSURA? A Virgem Maria-Minnie, da artista Ana Smile: sem intenção de ofender quem quer contemplar arte

"Hoje, o 'normal' é discordar da outra pessoa, não importando o motivo. A minoria barulhenta prefere vilipendiar a auscultar. Infelizmente."

Evilázio Magalhães Júnior
Garça (SP),
via smartphone

LIVRE EXPRESSÃO

Parabenizo VEJA pela consistente e insistente defesa da liberdade de expressão. Os ataques desferidos contra esse princípio fundamental da democracia são desalentadores, mas, sempre que deparo com belos argumentos como os expostos nos textos "O mais exigente dos direitos" e "Dialética republicana" (25 de outubro) — e em outras reportagens e artigos brilhantes de semanas anteriores —, tenho minhas energias renovadas.

Filipe Santos Oliveira
Brasília, DF

Está certa a reportagem: visita quem quiser. Mas concordo com o limite de idade. Parece-me, no entanto, que o foco está errado. Se arte é o "conceito que engloba todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão/abordagem sensível do mundo, seja real ou fruto da imaginação", precisaríamos saber o que a "artista" quer expressar com a obra.

Renni A. Schoenberger
Joinville, SC

PÁGINA ABERTA

Muito bem escrito e argumentado o texto "Dialética republicana" (25 de outubro), do advogado Dinovan Oliveira. Desde que se parta do pressuposto de que haja consenso sobre o que é "arte". É a obra que determinadas autoridades qualificam como arte? É tudo aquilo que galerias de arte e museus expõem? Isso para ficarmos no plano concreto. Mas no plano abstrato teríamos: a medicina é uma arte, viver é uma arte etc. O debate que realmente interessaria seria menos sobre a censura e mais sobre o conceito de arte na contemporaneidade.

Sandra Maria Gonçalves
São Paulo (SP), via smartphone

Sou leitor de VEJA há mais de trinta anos. Diante da gritaria que ora ocorre na mídia em relação a censura, pretensas expressões da arte, zoofilia, pedofilia e assuntos afins, li com atenção, pois, na qualidade de pai e avô, tenho de manter-me informado. Na seção Página Aberta, com o título "Dialética republicana", o autor, que se diz despido de preconceito, manifesta, sub-repticiamente, seu viés preconceituoso em duas oportunidades. Na primeira, ao referir-se ao pastor Marco Feliciano (não sou evangélico), ele diz: "a quem até respeito". Não entendi o "até". Para mim isso evidencia o preconceito. Ou por ele ser pastor evangélico ou por ser conservador. Mais adiante se refere à nossa nação com a expressão "em terras tupiniquins". O que pretende o autor ao dizer isso? Somos todos índios? Os índios não sabem o que dizem?

Noel Bustorff
João Pessoa, PB

EPIDEMIA DE MIOPIA

A miopia urbana decorre da falta das brincadeiras da infância de quem hoje está na faixa dos 40 anos. Pique-esconde, futebol e soltar pipa foram substituídos pelos smartphones e tablets, nas mãos de crianças de 4, 5 anos. Essas brincadeiras ao ar livre fazem com que os olhos se desenvolvam por exigir o foco em alvos a distância, trabalhando sua musculatura intrínseca e extrínseca. Com a urbanização e a vida cada vez mais fechada em condomínios, as crianças de hoje sofrerão de miopia com mais intensidade que as do passado. Sou oftalmologista e faço um alerta aos pais: deixem as crianças ser crianças ("Epidemia de miopia", 25 de outubro).

Carlos Fabian Seixas de Oliveira
Campos dos Goytacazes (RJ), via tablet

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA

As cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para **Diretor de Redação**, VEJA – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP. **Fax**: (11) 3037-5638, e-mail: veja@abril.com.br.

Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.
Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

VOCÊ RECEBIA COMIDA PODRE? VOCÊ DORMIA EM CURRAIS COM ESTERCO?

Trabalho escravo não é apenas carcere privado com vigilância armada. Não deixe passar batido as recentes medidas do Governo Federal para dificultar a libertação de trabalhadores. Condições degradantes e jornada exaustiva tambem configuram trabalho escravo no Brasil.

Use as hashtags #FORAESCRAVIDAO e #SOMOSLIVRES e diga sim à liberdade

PARA SABER MAIS, ACESSE SOMOSLIVRES.ORG

REALIZAÇÃO

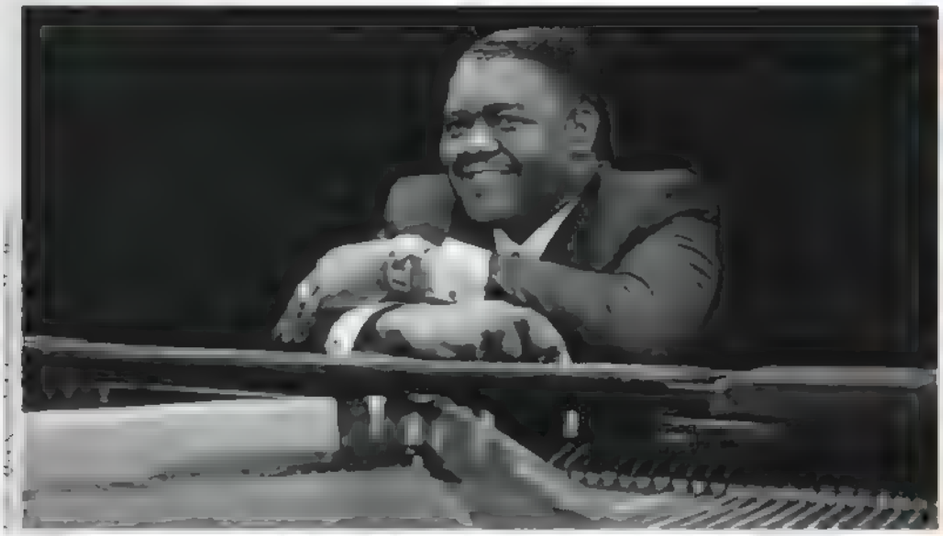
APOIO

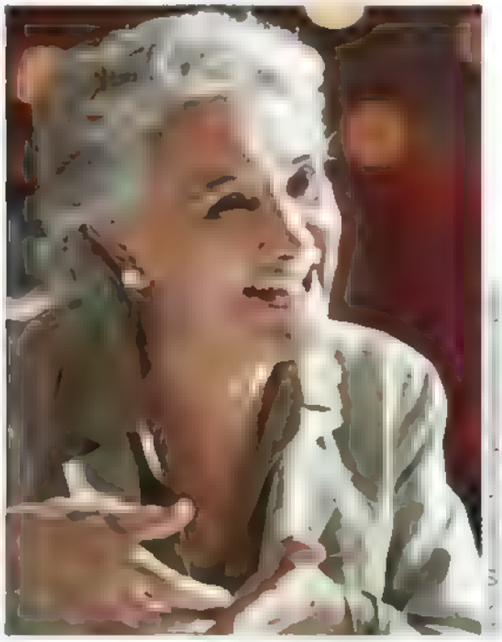
CAPA:

CENSURA ÀS ARTES? AH, ESSES RUSSOS...

ESSES RUSSOS, QUEM DIRIA. Um artista resolve criar uma obra com um leve componente sexual e o resultado é o caos: uma deputada louca para chamar atenção, meia dúzia de padres e um grupelho de fundamentalistas religiosos nacionalistas se unem para protestar, por vezes de forma violenta, e exigir censura. Não dá para imaginar outro país em que algo do tipo poderia ocorrer. Ou será que dá? Para que a ironia fique clara, aos detalhes.
Na terça-feira 24, estreou em Moscou o filme *Matilda*, sobre o namoro de Nicolau Románov, futuro czar, e Matilda Kshesinskaya, então com 18 anos, a primeira-bailarina do Teatro Mariinski, em São Petersburgo, na última década do século XIX.
A polícia prendeu sete manifestantes, **um deles segurando uma imagem do czar Nicolau II,** que tentaram atrapalhar a sessão. O pior ocorreu antes. Nos últimos meses, o estúdio do diretor do filme foi atacado com coquetéis molotov, o carro de seu advogado foi incendiado e uma sala de cinema na cidade de Ecaterimburgo foi invadida por uma van carregada com líquidos inflamáveis. Tanta fúria foi justificada com o argumento de que a obra distorce a história do país, atenta contra a pátria e fere os sentimentos dos fiéis da Igreja Ortodoxa Russa — que canonizou Nicolau II, no ano 2000, por considerar que o seu assassinato após a Revolução Bolchevique, há quase 100 anos, fora um martírio. Ao contrário de movimentos similares em latitudes tropicais, os protestos na Rússia estão sendo admiravelmente infrutíferos. Até agora, não encontraram respaldo nem entre políticos mais conservadores. Essa Rússia está muito prafrentex. ■

Diogo Schelp





FATS DOMINO O cantor e pianista americano foi um dos pioneiros do rock; vencedor do Grammy pelo conjunto da obra, influenciou nomes como Elvis Presley
ANGELA LAGO Autora mineira de literatura infantil, lançou mais de quarenta livros

MORRERAM

Fats Domino, cantor e pianista americano, um dos pioneiros do rock'n'roll. Em cinco décadas de carreira, vendeu 65 milhões de discos e influenciou nomes de peso como Elvis Presley (1935-1977). Caçula entre oito irmãos, Antoine Dominique Domino Jr. nasceu em Nova Orleans, Louisiana, cidade reverenciada na história do jazz que hospeda uma profusão de casas de shows e músicos vanguardistas. Filho de um violinista amador, tinha 10 anos quando começou a tocar piano. Autodidata, entrou ainda adolescente para a banda do baixista Billy Diamond (1949-2010), que o apelidou de Fats, por ser gordo (*fat*, em inglês). Numa de suas apresentações, conheceu Dave Bartholomew, produtor com quem lançaria *The Fat Man* (1951), disco que ultrapassou 1 milhão de cópias vendidas. Cinco anos depois, gravaria *Blueberry Hill*, que bateu os 3 milhões de unidades. Reservado, evitava aparições públicas. Não compareceu à cerimônia que o incluiu no Hall da Fama do Rock, em 1986, nem ao Grammy de 1987, quando foi premiado pelo conjunto da obra. Dia 25, aos 89 anos, de causa não divulgada, em Louisiana.

Angela Lago, escritora e ilustradora belo-horizontina. Referência em literatura infantil, formou-se em serviço social, mas pouco atuou na área. Após terminar a graduação, em 1968, conseguiu uma bolsa de intercâmbio e foi para os Estados Unidos estudar psicopedagogia. Em 1973, mudou-se para a Escócia, onde participou de cursos de artes. Ao retornar ao Brasil, em 1975, passou a se dedicar à escrita. Cinco anos depois, lançou *O Fio do Riso* e *Sangue de Barata*. Desde então, foram mais de quarenta livros, que lhe renderam o total de doze prêmios Jabuti. Dia 22, aos 71 anos, de embolia pulmonar, em Belo Horizonte.

Robert de Zafra, cientista americano que fez importantes descobertas sobre a camada de ozônio. Sua equipe revelou que o gás aerossol é responsável por expandir o buraco da camada de ozônio na Antártica. Nascido em Scarsdale, no Estado de Nova York, mudou-se para Princeton a fim de estudar física na universidade local; lá se formou no ano de 1954. Em 1986, integrou a primeira expedição cujo objetivo era pesquisar a camada na Antártica. Suas descobertas contribuíram para a assinatura do Protocolo de Montreal, de 1987, acordo global que prevê a diminuição na emissão de gases de efeito estufa. Dia 10 — mas o fato só veio a público no dia 22 —, aos 85 anos, de complicações respiratórias, no Estado de Nova York. ■

ROBERT DE ZAFRA Estudou a camada de ozônio na Antártica

DUDALINA

"FOMOS REVOLUCIONÁRIOS"

O humorista do *Pânico na Band* diz que o programa está chegando ao fim, mas o grupo não vai acabar. Também conta por que é bom imitar Bolsonaro (e por que "não rolou" o mesmo com Temer)

Como você e seus colegas receberam a notícia do fim do *Pânico*? Fomos informados de que estaremos na Band só até dezembro. É claro que ficamos tristes. Há cerca de 100 pessoas que trabalham lá. Só eu, tenho 21 anos de programa no rádio e catorze de TV. Mas o grupo não vai acabar: continua no rádio e pode ir para outra emissora.

Como veterano da trupe, onde acha que o programa errou? O *Pânico* revolucionou o humor na TV. Em 2003, quando estreamos, a televisão era extremamente careta. A Globo exibia a novela *Celebridade* e viviamos um tempo em que era proibido criticar celebridade. Era só "oi, linda, como você tá maravilhosa". O *Pânico* confundiu. Dávamos 18 pontos na RedeTV. Tem noção? Uma nova geração de humoristas surgiu como nunca se viu no país.

Sim, mas agora o programa acabou. Por quê? O *Pânico* perdeu muitos talentos. Muitos cresceram nas redes sociais e conquistaram sua autonomia artística. Embora eu tenha um bom número nas redes *(6 milhões de seguidores no Facebook e no Instagram)*, nunca pensei assim. Fiquei preocupado em sair e atrapalhar o programa. Mesmo sabendo que já não passávamos por um momento fácil, cheguei a um acordo com os colegas, por uma questão de carinho. Ajudei a construir aquilo ali. É difícil largar.

CRONISTA DO HUMOR Márvio Lucio: "Bolsonabo" pode fazer piada com tabus

Seu quadro Mitadas do Bolsonabo, no qual imita Jair Bolsonaro, tem repercutido. Não teme levantar a popularidade do original? Não estou preocupado em saber se levanta ou não. Sou humorista e minha preocupação é tratar de personagens que são assunto. Sou atento aos fatos. Se eu disser que ele é um político irrelevante, estarei mentindo. O cara lota aeroportos quando chega, enquanto o Lula força uma caravana em que aparecem umas dez cabeças. O humor é uma crônica, e eu sou um cronista contemporâneo.

Como as pessoas reagem nas ruas quando o senhor vive o Bolsonaro? Não vejo rejeição, porque aquilo é uma brincadeira. O Bolsonabo é um palhaço, assim como o Amaury Dumbo era. Eu o criei como um personagem que sempre dá fora em todas as pessoas. Mas vou contar um segredo que me agrada: com esse personagem, pude driblar o politicamente correto e falar de assuntos que hoje são tabu, como feminismo e machismo. Driblei essa coisa chata do politicamente correto. Para mim, é a maior vitória.

O senhor sempre imitou políticos, como Lula, Dilma e Alckmin. Por que não faz Temer? Tentei e não consegui. Não sou o Chico Xavier do humor. É esquisito. Tem personagens que vêm, e chego até a pensar como a pessoa. Com Temer, não rolou. ■

Bruno Meier

INDIVIDUAL
BRUNO GAGLIASSO

SOBE

SINGAPURA
O país emite o passaporte mais "poderoso" do mundo, segundo o ranking da Arton Capital. Quem nasceu na ilha pode entrar em 159 nações sem visto

INVESTIMENTO EXTERNO
O apetite do investidor estrangeiro pelo Brasil começou a aumentar. Entre janeiro e setembro deste ano, a entrada de recursos no setor produtivo alcançou 51,8 bilhões de dólares – alta de 11,2% em relação a 2016

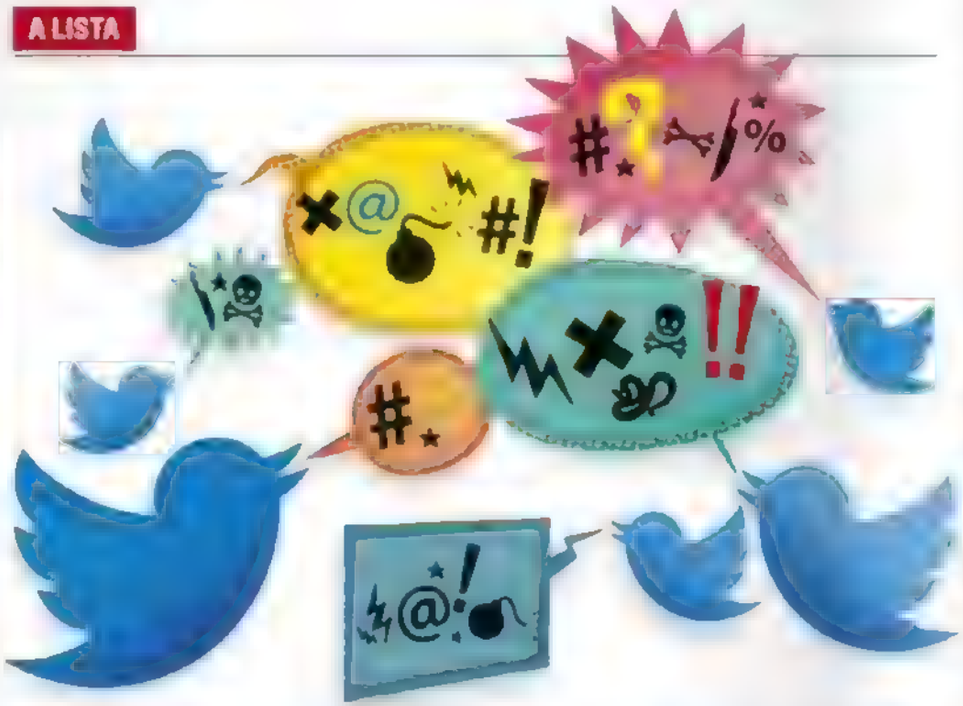
MACONHA
A Universidade do Norte de Michigan criou o primeiro curso de graduação de quatro anos sobre a *Cannabis*, legalizada em sete estados americanos

DESCE

PSDB
Depois de idas e vindas, os tucanos continuarão tendo um presidente investigado pelo STF. Aécio Neves bateu o martelo e disse que não abandonará o cargo, no qual permanece, ainda que licenciado

TERRY RICHARDSON
O fotógrafo, famoso por retratar celebridades, foi tirado da lista de colaboradores de revistas da Condé Nast (como *Vogue* e *Vanity Fair*) depois de ter recebido acusações de assédio sexual

MEDICINA
Pesquisa da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica revelou que dois terços dos brasileiros acreditam que terapias alternativas ajudam a vencer o câncer



ELES ADERIRAM À MODA TRUMP DE FICAR TROCANDO FARPAS E INSULTOS NO TWITTER

Alexandre de Moraes
O ministro do Supremo Tribunal Federal achou adequado discutir com seguidores sobre *A Força do Querer*, novela da Globo. Criticou a glamourização do tráfico e foi contestado. Uma das respostas afirmava que não era papel de um ministro "jogar com as paixões populares". Moraes irritou-se e disse ao seguidor para ele "ler um pouco".

Jair Bolsonaro
Entusiasta de Donald Trump, o deputado do Patriota tem trabalhado para imitá-lo nas redes. Isso inclui dar declarações ferinas no Twitter. Há pouco, elogiou um general que sugeriu intervenção militar no Brasil e, criticado por um jornalista americano, retomou suas preocupações anais e perguntou: "Você queima a rosca?".

Randolfe Rodrigues
O senador da Rede discutiu com o ator e fabricante de insultos na internet José de Abreu, que o chamou de "hipócrita safado" depois que seu nome foi citado na Lava-Jato. Em resposta, Randolfe também apelou para a baixaria. Disse que o ator tinha "baixo nível" e concluiu: "Não me inclua na sua lata, no seu submundo sujo".

Geddel Vieira Lima
Quando era ministro de Temer, e não inquilino da Papuda, Geddel bateu boca com seguidores que o acusavam, veja só, de corrupto. Além de chamá-los de babacas, ofendia a mãe deles. A um que o acusou de associar-se a Eduardo Cunha, Geddel respondeu: "Não, me aquecia na casa da sua mãe". Ou seria naquele apê da Bahia?

Eduardo Cunha
Antes de ir para o xilindró, o ex-presidente da Câmara era um ávido tuiteiro e usava as redes para afrontar inimigos. Em outubro de 2016, comentou o fato de Moreira Franco (o "Angorá" da planilha da Odebrecht) comandar o pacote de concessões do governo. Escreveu: "É colocar a raposa para cuidar do galinheiro".

STEFANO MARTINI

INVESTIGADOR DE CÉLULAS

Referência em estudos de células-tronco, neurocientista divulga ciência no país

UM DOS PRIMEIROS BIÓLOGOS a demonstrar a relação entre zika vírus e microcefalia leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Fascinado pelas pesquisas com células-tronco, Stevens Rehen (CRBio 060937/02-D), 46 anos, dirige o Instituto D'Or de Pesquisa e Ensino. "As células-tronco são ferramentas para responder diversas questões. Eu as uso, por exemplo, para estudar a biologia do zika vírus e suas preocupantes consequências", conta

Entre as várias pesquisas de Rehen, chama a atenção a técnica chamada "reprogramação celular", em que as células colhidas de um fragmento de pele ou da urina de uma pessoa voltam no tempo e se comportam como células embrionárias. A partir disso, resumidamente, o pesquisador cria os chamados "minicérebros", ou seja, avatares biológicos vivos que simulam o cérebro em desenvolvimento. Por meio deles, é possível investigar distúrbios de neurodesenvolvimento e testar medicamentos para combatê-los

Descubra mais sobre como a biologia está revolucionando a ciência no site http://abr.ai/cfbio

CIÊNCIA PARA TODOS

Para Rehen, apresentar a ciência às pessoas é importante para que apreciem as grandes descobertas e para que entendam que ela faz parte da estratégia estrutural e social de um país. Por isso, já publicou centenas de textos nos principais meios de comunicação do Brasil e falou sobre neurociência em diversos programas de TV.

Ele relaciona a importância da divulgação científica à sua própria história. "Se eu não tivesse tido acesso a revistas científicas e a cientistas, talvez tivesse outra vida hoje. Vejo o potencial educativo dos meios de comunicação. Quando abordo temas controversos que merecem maior reflexão, sempre tenho retorno positivo. Isso não só é um sinal de maturidade da sociedade, como também de interesse das pessoas pela ciência", conclui o cientista

REFINARIA DE MANGUINHOS

MERCADO SAUDÁVEL
É UM MERCADO COM
CONCORRÊNCIA

A **Refinaria de Manguinhos** trabalha dia e noite para construir uma nova realidade para o refino de petróleos no Brasil. Com uma gestão moderna e altamente profissionalizada, a **Refinaria de Manguinhos** vem adotando as melhores práticas, investindo na modernização de suas instalações e se preparando para o futuro.

www.refinariademanguinhos.com

MANGUINHOS
REFINARIA DE PETRÓLEOS

REFINARIA DE PETRÓLEOS DE MANGUINHOS
RESULTADO COM RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL
E RESPEITO AO CONSUMIDOR

Temer recebe alta e respira com ajuda de 251 deputados

Não passou de um susto a internação do presidente Michel Temer na última quarta-feira. Reclamando de um "desconforto", ele foi levado para exames urológicos que constataram uma obstrução. Imediatamente, Gilmar Mendes concedeu um habeas-corpus liberando a uretra presidencial.

Temer recebeu alta no mesmo dia, mas ainda respira artificialmente com a ajuda de 251 deputados e 12 bilhões de reais em emendas. O Brasil, por sua vez, continua sentindo um enorme desconforto há mais de um ano, e nada tem sido feito para resolver isso. Para poder adquirir parlamentares, Temer baixou os juros para pagar em 24 vezes no crediário.

Durante as horas em que não se conhecia a gravidade do quadro de saúde de Temer, o Capeta articulou novas alianças por medo de perder o controle do inferno para o PMDB.

DATAS

ARQUIVOU
a ética o presidente da comissão deste tema, ao liberar Aécio Neves.

ANUNCIOU
o lançamento da Clínica Popular de Banho & Tosa para pobres o prefeito de São Paulo, João Doria.

MORREU
a Esperanza, no Rio de Janeiro.

Médium diz que Rosa Weber incorporou princesa Isabel no STF

A polêmica portaria do Ministério do Trabalho que relaxava os critérios para definir o que é trabalho escravo acabou em final feliz: para a sociedade, que se viu livre da volta da escravidão; e para Temer, que não precisou se indispor com a bancada ruralista ao voltar atrás.

O que poucos sabem é que tudo acabou resolvido com a ajuda do além. O médium Alan Xavier declarou com exclusividade ao Sensacionalista que a ministra Rosa Weber, do STF, teria incorporado a princesa Isabel e, com uma canetada, extinguiu a possibilidade de retorno da escravidão.

Agora os brasileiros aguardam o espírito de João Goulart para devolver os direitos trabalhistas.

Custando 7 000 reais, iPhone X terá reconhecimento facial de otário

O preço dos novos aparelhos da Apple no Brasil traz embutidos os custos das novas tecnologias. O iPhone X, por exemplo, terá um dispositivo que reconhece o rosto do otário que pagou 7000 reais por um celular.

O novo iPhone não tem mais leitor de impressões digitais. Assim, seus compradores só cadastrarão as impressões quando forem presos após roubar um banco para comprar o aparelho.

A Apple desistiu de incluir o reconhecimento de íris. Seria impossível, já que seus aparelhos custam os olhos da cara.

PARADO Palocci: sem delação, ele especula sobre "acordão" para salvar Lula

O médico e o monstro

Antonio Palocci está inquieto. A demora na homologação de sua delação tirou-lhe a conhecida temperança. A um amigo, ele citou como razão para o atraso até a possibilidade de um acordão para salvar Lula.

Sob nova administração

Na PGR, a razão apontada para a demora no caso Palocci é a falta de documentos. O novo time de Raquel Dodge tem sido duro com os delatores: "Ou tem prova ou esquece".

Página virada

Dodge, porém, avisou que delações já homologadas não sofrerão revisão. Mesmo as fraquinhas em provas. Delcídio do Amaral respira aliviado.

No limite

Deprimido, Ricardo Saud não aguenta mais as ameaças de morte que Geddel Vieira Lima faz na prisão. O lobista vai pedir transferência da Papuda.

Bola nas costas

Romário vai ter de mostrar que é bom de drible fora de campo também. Em sua delação, o ex-assessor de Pezão Hudson Braga diz que o baixinho recebeu 5 milhões de reais para apoiar o atual governador na eleição de 2014.

Jogando a toalha

Aliado de Sérgio Cabral há décadas, Jorge Picciani procurou a PGR em busca de uma delação premiada.

O presidente sumiu

Médico de Temer, Roberto Kalil demorou mais de uma hora até se comunicar com alguém que estivesse com o presidente no dia da internação. Nenhum telefone respondia. "Achei que ele tivesse morrido."

O preço do "sim"

Cinco milhões de reais. Esse foi o valor em emendas oferecido a cada deputado que votou com o presidente.

União à vista

João Doria e Geraldo Alckmin apararam algumas arestas no jantar de

vivo

Aproveite a nova geração do 4G da Vivo.

É até o dobro de velocidade no seu 4G.

O 4G líder em clientes no Brasil ficou ainda mais rápido com o 4G+. Você pode contar com até o dobro de velocidade e a qualidade Vivo para viver tudo. Confira as cidades disponíveis, aparelhos compatíveis e mais sobre essa novidade em vivo.com.br/4gmais ou procure uma de nossas lojas.

Telefônica

ALIANÇA Doria: acerto com Alckmin

terça 24. Definiram que marcharão unidos em 2018 e que dezembro é o mês-limite para a escolha do candidato.

Vã esperança

A um amigo, Delúbio Soares disse que a aposta do PT em Lula está centrada na nomeação de Dias Toffoli como presidente do STF. Estranho. Toffoli assume apenas no dia 12 de setembro de 2018, a poucos dias da eleição.

Juiz pop star

Os ministros do STF estão quase como jogadores de futebol. Durante um voo Brasília-Rio, Luís Roberto Barroso foi assediado por tantos passageiros em sua poltrona no avião que a aeromoça alegou razões de segurança para pedir que todos voltassem aos seus lugares.

Poucos amigos...

Gilmar Mendes já não goza do mesmo prestígio na corte. No casamento da filha de sua mulher, Guiomar, nenhum juiz do STF compareceu.

...e a grande família

Mas dois ministros do STJ, Mauro Campbell e Og Fernandes, foram padrinhos. Com tantos casamentos na família e padrinhos famosos, Guiomar daqui a pouco não poderá mais advogar. Todo mundo vai se declarar impedido.

Entrou areia

O Cade enviou um comunicado a alguns bancos perguntando o que eles acham da aquisição da XP pelo Itaú. O mercado será implacável.

Passando a marcha

Com a melhora do mercado, a Estapar voltou a considerar a possibilidade de um IPO no início do ano que vem.

Alívio no caixa

O número de beneficiários do Bolsa Família caiu nos últimos doze meses. Foram 3 milhões de cancelamentos e 2,7 milhões de adesões. Resultado: 300 000 pessoas a menos na lista.

A TV do futuro

Antonio Pedro Tabet, do Porta dos Fundos, está lançando uma emissora, com grade e tudo, no YouTube. Ele é bom de piada, mas o negócio é sério. Dois nomes fortes da Globo estão em via de fechar contrato. ■

VAI ENCARAR? Tabet: canal no YouTube com estrelas da Globo

Com Gabriel Mascarenhas.
NOTAS DIÁRIAS EM VEJA.COM

"Não se lava dinheiro comprando joias. Vossa Excelência tem um relativo conhecimento sobre o assunto porque sua família mexe com bijuterias."

SÉRGIO CABRAL, ex-governador do Rio, dirigindo-se ao juiz Marcelo Bretas, em depoimento na ação penal na qual é acusado de comprar 4,5 milhões de reais em joias para lavar dinheiro de propina

"Não recebi com bons olhos o interesse manifestado pelo acusado de informar que minha família trabalha com bijuteria. É a típica coisa que pode ser entendida subliminarmente como ameaça."

MARCELO BRETAS, juiz, que, diante das declarações de Cabral, determinou sua transferência para uma prisão federal

"Não estou falando de deterioração moral. Não estamos falando aqui de altura de minissala. Estamos falando de crimes de corrupção."

SERGIO MORO, juiz da Lava-Jato, ao rebater as críticas contra o uso de delações premiadas e a decretação de prisões preventivas no âmbito da operação, durante evento promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo*

"Ah, aí eu não sei."

MICHEL TEMER, ao ser questionado, pelo *Valor Econômico*, sobre o motivo pelo qual infrações graves cometidas por uma empresa que teria sido vítima de "exageros" da legislação relacionada ao trabalho escravo, a MRV Engenharia, lhe foram omitidas pelo ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira. Outras infrações, como a ausência de saboneteiras nos banheiros, citada por ele em entrevista ao site Poder360, lhe eram apresentadas como exemplo para justificar mudanças na lei

"Sete, espero! É meu número da sorte."

CRISTIANO RONALDO, craque português, brincando com o número de sua camisa no Real Madrid e na seleção de seu país, ao responder quantas taças de melhor jogador do mundo gostaria de ter, depois de ganhar a quinta, igualando-se ao argentino Lionel Messi

"Qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, deve ter acesso livre e sem limites — não somente à minha pesquisa, mas a todos os trabalhos de destaque possibilitados pelo entendimento humano."

STEPHEN HAWKING, físico inglês, ao anunciar a liberação, para consultas on-line, de sua tese de doutorado, "Propriedades dos universos em expansão", defendida em 1966 na Universidade de Cambridge. A procura foi tão grande que derrubou o site da instituição

"O grande problema do mundo atual é a concentração de riqueza."

AL GORE, ex-vice-presidente dos EUA e ativista ambiental, ratificando, em *O Estado de S. Paulo*, outra verdade inconveniente — além do aquecimento global e suas causas

"Ele me disse que meu marido sabia onde estava se metendo, me magoou e me fez chorar. Nem sequer se lembrava de seu nome."

MYESHIA JOHNSON, mulher do sargento La David Johnson, morto em combate na África neste mês, ao comentar, na rede ABC, um telefonema feito pelo desastroso presidente dos EUA, Donald Trump. No Twitter, ele negou que houvesse esquecido o nome do militar

"Nós, mulheres, gostamos de parecer sensuais, mas isso não significa que queremos fazer sexo com você."

CATE BLANCHETT, atriz nascida na Austrália, comentando as denúncias de assédio sexual em Hollywood, ao receber, em Los Angeles, da revista americana *InStyle*, o prêmio de Ícone de Estilo

FESTIVAL ÁRABE EM GRAMADO

(17 A 20 DE NOVEMBRO)

"Mil e Uma Noites" no castelo Saint Andrews festival único, alegre e memorável, que une a alta gastronomia típica com a harmonização primorosa de seletos vinhos árabes, além de performances de danças folclóricas e tradicionais. Descubra as riquezas e as peculiaridades dessa região em uma experiência imperdível!

PRÓXIMAS PROGRAMAÇÕES ESPECIAIS

- FESTIVAL DA ALCACHOFRA (10 a 12 de novembro)
- NATAL (3, 4 ou 7 noites)
- RÉVEILLON (3, 4 ou 7 noites)

saint andrews

Único hotel "Exclusive House" do Brasil. Possui espetacular mirante para o Vale do Quilombo, restaurante em forma de gazebo, aconchegante sala de estar e belíssimo elevador panorâmico.

RESERVAS E INFORMAÇÕES

(54) 3295-7700 • (54) 99957 4220

saintandrews.com.br

FIM DE JOGO: TE

ALTO CUSTO Michel Temer deixou o hospital a tempo de acompanhar – e comemorar – mais uma vitória dos governistas

EMER FICOU

De costas para a opinião pública, os deputados arquivam a segunda denúncia contra o presidente Michel Temer – e penduram uma conta de 45 bilhões de reais no bolso dos brasileiros

DANIEL PEREIRA

Não havia dúvida de que o destino da segunda denúncia apresentada pela Procuradoria-Geral da República (PGR) contra Michel Temer seria a gaveta. Mesmo assim, o arquivamento não ocorreu sem sobressaltos para o presidente da República. Às 12h50 da quarta-feira 25, Temer chegou ao Hospital do Exército, em Brasília, com um coágulo na bexiga *(veja detalhes na pág. 45)*. Enquanto era atendido pela equipe médica, seus aliados fracassavam na tentativa de arregimentar o número mínimo de deputados para que a denúncia começasse a ser votada. Por falta de quórum, a primeira sessão convocada para tratar do assunto encerrou-se às 14h23, logo depois da notícia da internação do presidente. Àquela altura, a fragilidade de Temer parecia crescente, e os governistas falavam da possibilidade de adiamento da votação. Em questão de horas, o quadro clínico e político virou. Às 20h13, Temer deixou o hospital caminhando. Às 20h35, a Câmara colheu o voto decisivo para o arquivamento da denúncia da PGR. Estava selada a sua redenção. Estava sacramentada — mais uma vez — a vitória de um método de fazer política.

Em junho, Temer livrou-se de um processo de cassação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em que eram abundantes as provas de que, junto com a sua colega de chapa, Dilma

BARGANHA Darcísio Perondi: conferindo a lista de pedidos dos deputados

O PREÇO DE UM MANDATO

Para conseguir o arquivamento das duas denúncias apresentadas pela Procuradoria, o presidente Michel Temer atendeu lobbies poderosos, de empresários a ruralistas, e adiou a implementação de medidas essenciais para o ajuste das contas públicas. O valor da fatura: 45 bilhões de reais.

Rousseff, usara dinheiro sujo para reeleger-se. Em agosto, escapou da primeira investida da PGR, estrelada por um de seus homens de confiança, cuja imagem saltitando na rua com uma mala com 500 000 reais de propina da JBS entrou para os anais da corrupção nacional. Agora, safou-se da segunda investigação, na forma de uma acusação de obstrução de Justiça e participação em organização criminosa que teria embolsado 587 milhões de reais em propina.

Nos três casos, as vitórias de Temer não decorreram da consistência de seus argumentos de defesa, das explicações ou de contraprovas, mas da combinação de fatores políticos. Nenhum partido de ponta, nem mesmo o PT, queria apeá-lo do poder. Houve um consenso tácito de que não fazia sentido trocar o presidente a um ano da eleição — ainda mais um presidente que não cobiça um novo mandato, faz acenos a favor de reformas estruturais e, aparentemente, não se incomoda em ocupar a posição de presidente mais impopular da história democrática do país nem em ouvir protestos frequentes, como o de artistas no Rio de Janeiro na semana passada. Com o jogo a favor, Temer acionou a ferramenta que seu partido, o PMDB, manipula com destreza ímpar: o fisiologismo.

Para afastar o risco de ser derrotado na Câmara, o presidente abriu o cofre do governo, liberando dinheiro de emendas parlamentares, fazendo concessões fiscais a devedores e adiando projetos que, de outro modo, poderiam incrementar a receita *(veja o quadro ao lado)*. Somando-se todas as operações, a conta para o contribuinte brasileiro é da ordem de 45 bilhões de reais. Houve ainda custos pesados que extrapolam a questão financeira. O mais recente deles foi a mudança nas regras sobre combate ao trabalho escravo. "Os esforços para recusar a denúncia e processar o presidente Michel Temer não são, como muitos pensam, apenas uma questão orçamentária", escreveu o professor da FGV Direito Rio Joaquim Falcão em artigo lapidar publicado em *O Globo*. "Trata-se de algo

FUNRURAL

10 BILHÕES DE REAIS

É o custo da renegociação da dívida de produtores rurais, uma reivindicação da bancada ruralista

REFIS

6 BILHÕES DE REAIS

É o valor da repactuação dos débitos de empresários com o Fisco, uma medida que o presidente Temer sancionou

PRIVATIZAÇÃO

8 BILHÕES DE REAIS

Pressionado pelo PR, Temer engavetou a ideia de vender à iniciativa privada o Aeroporto de Congonhas, em São Paulo

MEIO AMBIENTE

2,7 BILHÕES DE REAIS

Em outro afago à bancada ruralista, Temer publicou decreto que dá desconto de até 60% em multas aplicadas pelo Ibama

AJUSTE FISCAL

18 BILHÕES DE REAIS

O governo anunciou ações destinadas a aumentar a arrecadação, mas deixou de formalizar a maioria delas

EMENDAS PARLAMENTARES

2,3 BILHÕES DE REAIS

Dos 3,3 bilhões pagos neste ano, 2,3 bilhões foram liberados entre a primeira e a segunda denúncias

mais. Trata-se de leiloar a Constituição. Conceder direitos que valem mais do que recursos financeiros. Direitos contra acordos internacionais, contra a dignidade da pessoa humana, direitos contra os cidadãos."

Para que a Câmara autorizasse o Supremo Tribunal Federal (STF) a investigar o presidente, eram necessários os votos de 342 deputados, mas apenas 233 defenderam essa iniciativa — seis a mais do que o registrado na análise da primeira denúncia. Outros 251 deputados se manifestaram pelo arquivamento, doze a menos do que no caso anterior. Nesse ritmo, com seu apoio caindo doze votos a cada votação, seriam necessárias mais sete denúncias da PGR contra Temer para que a investigação fosse autorizada.

Como boa parte dos deputados também é alvo da Operação Lava-Jato, defender o presidente significava, em última instância, defender a si mesmos. Um caso clássico de solidariedade em causa própria. O primeiro voto a favor de Temer foi do notório deputado Paulo Maluf (PP-SP). Já o voto que selou o arquivamento da denúncia, o de número 171, simbólico como o seu correspondente no Código Penal, partiu de Celso Jacob (PMDB-RJ), que, cumprindo pena em regime semiaberto, só pode sair da cadeia para dar expediente na Câmara. Durante a sessão, os ministros que se licenciaram dos cargos para retomar o mandato e votar a denúncia eram cobrados a todo momento pelos colegas.

"E a minha liberação? Está confirmada?", perguntou Lindomar Garçon (PRB-RO) a Leonardo Picciani, ministro do Esporte, assim que o viu pisar no plenário. "Eu só marco presença depois do senhor", emendou. Garçon ouviu a promessa de que a construção de uma vila olímpica pleiteada por ele sairá do papel. Ato contínuo, votou com Temer. No plenário, Darcísio Perondi (PMDB-RS), vice-líder do governo, não se desgrudava de uma lista com pedidos de

COÁGULO NA BEXIGA

A obstrução urinária que levou Michel Temer, de 77 anos, a ser internado em Brasília na quarta-feira 25 foi provocada por um coágulo na bexiga. Divulgou-se, inicialmente, que o presidente havia sofrido uma hiperplasia prostática, o aumento da glândula, comumente associada a problemas urológicos. Não foi o que ocorreu. Há seis anos, Temer foi submetido à extração total da próstata, tratamento que em alguns poucos casos pode levar à incontinência e impotência.

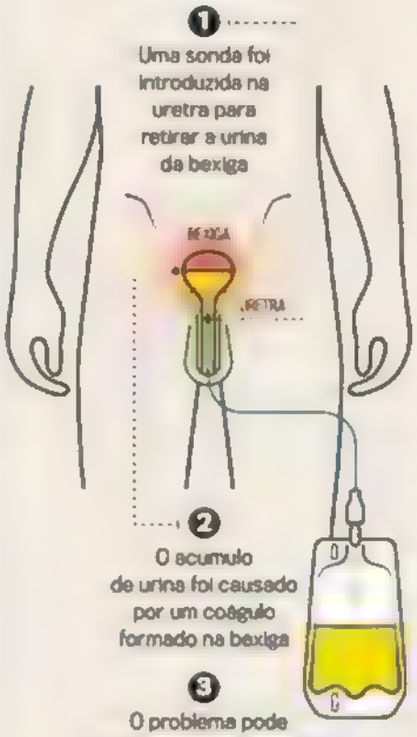
A origem do trombo na bexiga ainda será investigada a fundo, mas a hipótese mais considerada pelos médicos é que a formação do coágulo esteja relacionada à própria cirurgia de retirada da próstata. A extirpação pode tornar os vasos nos órgãos ao redor da glândula inchados e, portanto, suscetíveis ao desenvolvimento de trombos, sobretudo em homens com mais de 70 anos. Temer toma regularmente ao menos dois antiagregantes para inibir a formação de trombos – Aspirina e clopidogrel.

O presidente começou a sentir os sintomas da obstrução (desconforto na região abdominal e dificuldade para urinar) na própria quarta-feira de manhã. No dia anterior, havia participado de um jantar, sem apresentar nenhum mal-estar. Procurou o departamento médico do Palácio da Alvorada, onde a obstrução foi detectada. O profissional de plantão recomendou-lhe a internação hospitalar. Temer chegou ao Hospital do Exército, em Brasília, no começo da tarde, caminhando e foi levado ao centro cirúrgico. Um exame endoscópico (que rastreia os órgãos internamente) identificou o coágulo, facilmente extraído por meio de uma punção. Em seguida, foi submetido a uma cistoscopia, que consiste na introdução de uma sonda na uretra para retirar a urina da bexiga.

Temer teve alta no início da noite, depois de ter permanecido sete horas no hospital. O avião presidencial estava preparado para a transferência imediata do presidente para São Paulo, caso houvesse alguma emergência. Só no sábado, depois de retirar a sonda que leva na cintura, é que ele deve viajar para a capital paulista. Será submetido a um check-up completo no Hospital Sírio-Libanês. O quadro de saúde de Temer é bom e não pede cuidados especiais.

Adriana Dias Lopes

COMO FOI O PROCEDIMENTO



FORA, TEMER Protesto de artistas no Rio de Janeiro: o presidente mais impopular da história democrática

deputados. Com ela em mãos, puxou pelo braço o ministro do Desenvolvimento Social e Agrário, Osmar Terra. "Quando te dou a minha listinha para tu aprovar?", perguntou. "Eu libero tudo, Perondi, já disse, mas quando tiver orçamento, porque agora eu tô sem dinheiro", respondeu Terra. Fez-se a tréplica: "Amanhã eu vou lá te visitar". Na tentativa de sepultar a denúncia, o governo passava por cima até de seu discurso de que não tolera traições. O Podemos, cuja presidente votou contra Temer nas duas denúncias, conseguiu duas diretorias da Funasa para apadrinhados dos deputados Aluisio Mendes (MA) e Ademir Camilo (MG). Foi mais um dia de festa para o baixo clero.

Cientistas políticos ouvidos por VEJA dizem que a barganha, apesar de provocar repulsa na opinião pública, está dentro da regra do jogo. Em regimes democráticos, o presidente precisa partilhar recursos orçamentários, cargos na máquina pública e nacos de poder para formar maiorias. A lógica não é uma exclusividade do chamado presidencialismo de coalizão brasileiro. Doutor em ciência política pela USP e professor da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Rui Tavares Maluf afirma, no entanto, que é possível estreitar a margem da barganha. Uma alternativa seria a adoção da cláusula de desempenho, já aprovada pelo Congresso, acompanhada do voto em lista e/ou distrital. Essas medidas resultariam em menos partidos e, ao mesmo tempo, em partidos mais representativos, o que tornaria menos custosas as negociações do presidente com o Congresso. Para o cientista político Rafael Cortez, da Tendências Consultoria, o problema não está na barganha em si, mas no resultado que ela produz. Temer, por exemplo, deixou de lado a agenda reformista para, em troca da preservação de seu mandato, atender a interesses particulares e setoriais.

Cortez ressalta que o eleitorado não vê com bons olhos os termos das barganhas, mas, quando tem a oportunidade, nem sempre vota para mudar os agentes políticos, substituindo-os por atores comprometidos a perseguir, em suas negociações, o interesse público. Há indignação demais para reação de menos. A eleição de 2018 será um momento ideal para romper esse ciclo. "Ou outros atores buscam ocupar esse espaço ou vai continuar esse sentimento de insatisfação e desconexão entre a política tal como é praticada e as expectativas do eleitorado", diz Cortez. Enquanto esse abismo existir, o que hoje é considerado velho e ultrapassado continuará atual e produzindo espetáculos como o de quarta-feira, quando a última coisa levada em conta na decisão da maioria dos deputados, inclusive os de oposição, foi o interesse público. ■

Com reportagem de Marcela Mattos

A luta contra o câncer é uma causa da humanidade

O diagnóstico precoce amplia muito as chances de sucesso no tratamento

Mais de 5 000 profissionais em busca dos melhores resultados para cada um dos 130 mil pacientes atendidos por ano. Assistência integrada, do diagnóstico à reabilitação, com terapias baseadas em evidência científica.

Elevada contribuição para inovação e conhecimento sobre a doença, com 183 artigos publicados em revistas científicas internacionais em 2016.

Desde 1953, mais de 2 000 especialistas, mestres e doutores em oncologia formados para atuar no combate ao câncer em benefício de toda a sociedade.

A.C.Camargo Cancer Center
Centro Integrado de Diagnóstico, Tratamento, Ensino e Pesquisa

www.accamargo.org.br

Dra. Raquel M. Bussolotti
Responsável Técnica
CRM - SP 77005

O ROTEIRO DA PROPINA

Em vídeo, advogado reconstitui em detalhes o trajeto que percorreu para entregar pacotes de dinheiro desviado da Petrobras à senadora Gleisi Hoffmann **HUGO MARQUES**

DOCUMENTÁRIO O advogado e delator Pieruccini *(à esq.)* com um investigador da PF: cena de uma delação gravada

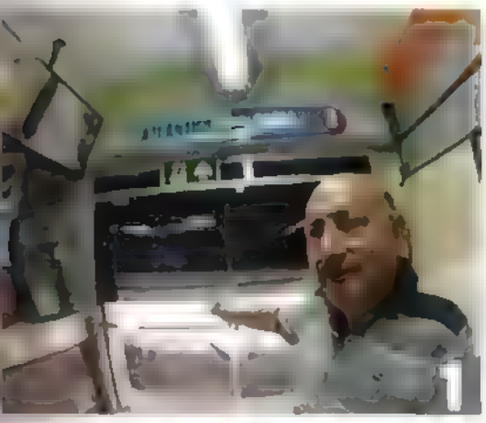
UM VÍDEO PRODUZIDO pela Polícia Federal reconstituiu quatro crimes sequenciais de corrupção e será usado pela Procuradoria-Geral da República como prova contra a senadora Gleisi Hoffmann, atual presidente do PT. Acompanhado por um investigador, o advogado Antônio Carlos Pieruccini percorreu as ruas de Curitiba para mostrar como fez chegar à senadora quatro pacotes de dinheiro derivado do esquema de subornos montado na Petrobras. É uma nova modalidade de apuração de crimes de colarinho-branco: a delação gravada e roteirizada como uma peça de cinema. Pieruccini, de 69 anos, fazia bicos como entregador de propina para o doleiro Alberto Youssef. Ganhava 1 000 reais — ou "milão", segundo suas palavras — por cada "missão" cumprida. Em 2010, durante a campanha eleitoral, ele foi várias vezes a São Paulo para buscar as "encomendas". Não sabia ao certo quanto carregava, mas não tinha dúvida sobre o que carregava. Na gravação, à qual VEJA teve acesso, o advogado revisita os locais onde esteve, reproduz as conversas que ouviu e confirma o que fez: levou, no total, 1 milhão de reais de propina a um emissário a serviço de Gleisi Hoffmann.

A senadora é ré em processo que tramita no Supremo Tribunal Federal. Em delação premiada, Youssef revelou às autoridades ter enviado 1 milhão de reais à senadora. Para provar o que dizia, o doleiro apresentou o nome do responsável pela entrega do dinheiro, Antônio Carlos Pieruccini. O advogado assinou um acordo de delação e confirmou tudo o que o doleiro havia dito. Para que não escapasse nenhum detalhe, a Polícia Federal decidiu reconstituir o trajeto que ele percorrera e filmar tudo. Na gravação, Pieruccini conta que deixou quatro pacotes com 250 000 reais cada um com o empresário Ernesto Kugler, encarregado de receber o dinheiro em nome de Gleisi. A primeira entrega ocorreu num shopping de Curitiba. Foi tudo rápido. "Ele *(Kugler)* abriu o pacote, contou as cabeças *(maços)* do dinheiro." E reclamou do valor: "Só isso?".

Do shopping, ainda no roteiro do vídeo, o policial e o advogado partem para o local da segunda entrega, um prédio espelhado, no centro da capital paranaense. Pieruccini relata

CINEMA LAVA-JATO

O vídeo gravado pela polícia reproduziu a versão do delator para a entrega de 1 milhão de reais em propina a um operador da senadora Gleisi



1 PRIMEIRA ENTREGA

"Só isso?"

250 000 REAIS O primeiro repasse de propina foi feito no PolloShop em Curitiba. O advogado Antônio Carlos Pieruccini levou o pacote a um amigo da senadora, o empresário Ernesto Kugler, que achou pouco

2 SEGUNDA ENTREGA

"Cada monte tinha 10 000"

250 000 REAIS A segunda entrega ocorreu numa sala de um prédio comercial indicado por Kugler. O delator explicou que foi levado ao 2º andar, onde havia apenas uma mesa e duas cadeiras

3 TERCEIRA ENTREGA

"'Ela já está eleita'"

250 000 REAIS O terceiro repasse foi feito na residência do empresário. Durante o encontro, ambos falaram sobre a campanha de Gleisi, ocasião em que Kugler afirmou que a petista venceria a eleição, como de fato venceu

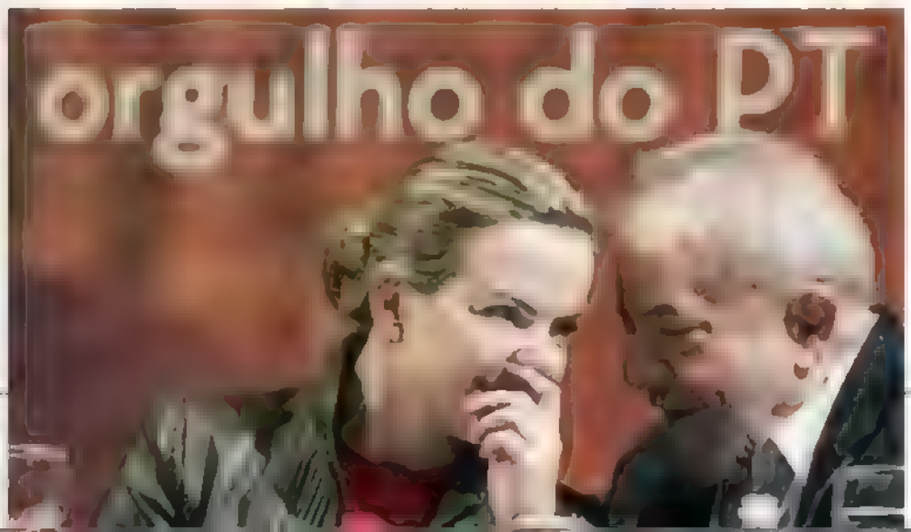
4 QUARTA ENTREGA

"PB/Gleisi"

250 000 REAIS A quarta parte da propina foi deixada no apartamento do delator, o advogado Pieruccini. Os pacotes eram identificados com o nome da senadora e as iniciais do marido, o ex-ministro Paulo Bernardo

que, dessa vez, foi recebido por Kugler numa sala mobiliada com apenas uma mesa e duas cadeiras. Nos pacotes havia a inscrição "PB/Gleisi", diz o advogado. Era para não confundir, já que ele tinha outras entregas a fazer a outros políticos, como o deputado Nelson Meurer (PP-PR). PB eram as iniciais do marido de Gleisi, o ex-ministro Paulo Bernardo. "Ele *(Kugler)* pegava, contava, fazia montinhos; cada monte tinha 10 000 reais", lembra o advogado. A terceira entrega ocorreu na própria residência do operador. Na ocasião, deu-se um breve diálogo, sempre segundo a lembrança de Pieruccini: "Eu perguntei para o Kugler: 'Como que está a campanha?'". Enquanto contava as notas, o empresário, sem interromper o que fazia, teria respondido: "Tranquilo. Ela já está eleita".

O quarto e último encontro ocorreu no apartamento do advogado. Foi curto: "Foi nessa mesa aqui que foi feita a entrega de dinheiro para ele. Ele não sentou. Jogo rápido". Depois disso, o policial anuncia o fim da gravação. Em depoimento, Gleisi disse que Kugler não participou da arrecadação de sua campanha, apesar de terem sido encontradas 29 ligações dele para o tesoureiro da petista. O vídeo, cujos principais trechos podem ser vistos no site de VEJA, foi usado pela Procuradoria para pedir a condenação da senadora, de Paulo Bernardo e do empresário Kugler por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. ■



SORRISO AMARELO Gleisi Hoffmann, atual presidente do PT: corrupção e lavagem de dinheiro

SUSPEITA A sede da Confederal, ligada à família do presidente do Congresso: milhão à espera de um dono

ALGUÉM SE HABILITA?

Empresa ligada ao presidente do Congresso ganhou 1,6 milhão de reais muito nebulosos. E, agora, quer devolver a grana, mas ninguém apareceu ainda para receber **THIAGO BRONZATTO**

OS TRÊS ANOS de investigação da Operação Lava-Jato já produziram histórias curiosas envolvendo dinheiro e poder. As imagens do deputado correndo na rua com uma mala com 500 000 reais quase levaram à suspensão do mandato do presidente Michel Temer. A polícia apreendeu o dinheiro. Mais recentemente, descobriu-se que o ex-ministro Geddel Vieira Lima transformou um apartamento em um banco particular que guardava nada menos que 51 milhões de reais. O dinheiro também foi apreendido.

Ao contrário do que ocorreu nesses dois casos, nos cofres da Confederal, uma empresa de segurança de Brasília, há uma pequena fortuna à espera de um dono. É 1,65 milhão de reais, dinheiro proscrito desde que os investigadores passaram a seguir seu rastro. Dinheiro que ninguém quer.

CAIXA DOIS Eunício, o senador: o delator disse que era dinheiro de campanha

Propina? Caixa dois? Negócios? Ainda não se sabe direito a origem dos recursos. A polícia considera todas as hipóteses. Pelo que se investigou até agora, o grupo Hypermarcas recebeu um pedido de doação eleitoral para a campanha do senador Eunício Oliveira, o atual presidente do Congresso. O portador dessa demanda foi Ricardo Augusto Lopes, sobrinho do parlamentar

e dirigente da Confederal, empresa da família do senador. Vislumbrando ganhar um defensor no Congresso, a empresa decidiu colaborar — e o fez, como se diz, por fora, de maneira ilegal, como revelou Nelson Mello, um de seus executivos, em acordo de delação premiada. Segundo ele, foram repassados 5 milhões de reais — 3,35 milhões a duas fornecedoras de serviços da campanha e 1,65 milhão diretamente à Confederal. Para darem ares de legalidade a esse segundo repasse, as empresas assinaram um contrato de prestação de serviços.

Instado a se explicar, o presidente da Confederal afirmou que o contrato assinado entre sua empresa e o grupo Hypermarcas, ao contrário do que dizia o delator, era real. A Confederal havia recebido 1,65 milhão como pagamento por serviços de vigilância. Mas havia um problema nessa versão: o serviço fora contratado em 2014 e três anos depois ainda não havia sido prestado. Estranho. Procurado por VEJA, o sobrinho do senador, por intermédio de seu advogado, negou que o dinheiro fosse oriundo de propina ou tenha sido usado na campanha do tio ao governo do Ceará. O senador Eunício Oliveira nega que tenha recebido vantagens indevidas de quem quer que seja e também que tenha agido em favor da Hypermarcas. O parlamentar afirma que, desde a década de 90, está afastado do dia a dia da Confederal, comandada por seu sobrinho. Acuado pela delação do executivo da Hypermarcas e pelos fatos, Ricardo Lopes garante que o dinheiro nunca saiu do cofre da empresa, quer se livrar dele, mas ninguém até agora se habilitou a pôr a mão na bolada. Pode ser um blefe, uma simples tática de defesa. Mas talvez alguém queira se habilitar. ■

DORA KRAMER

SOCIEDADE EM MOVIMENTO

Excesso de ceticismo faz o jogo de filhos e viúvos do imobilismo

"VEJAM, não há povo nas ruas", apontam com um quê de alívio aqueles avessos a mudanças que lhes possam alterar as rotinas de desfaçatez. "Por que não há povo nas ruas?", perguntam-se os inconformados com o atual clima de apatia em tudo destoante da ebulição que permeou o país de 2013 a 2016 e arrefeceu após o impeachment de Dilma Rousseff, não obstante o ambiente na política continuar indo de mal a pior.

Sim, não há povo nas ruas, mas nem só de passeatas e panelaços vivem as insatisfações sociais. Nem só nas manifestações estrondosas e volumosas são gestadas as transformações. Nem tudo é quantidade e/ou estridência. Valorosos também são os conceitos, os propósitos, a consistência das ações e a persistência dos agentes dos atos. No caso, os cidadãos de cuja percepção não parece fugir a evidência de que há a hora de gritar e a hora de providenciar uma solução com a cabeça bem equilibrada no pescoço e os pés firmes no chão.

Tudo isso dito para chamar atenção sobre os vários grupos de diversos matizes ideológicos que estão surgindo sob a bandeira da reformulação da política, notadamente a partir da arregimentação de gente nova interessada numa atividade hoje de difícil (se não impossível) acesso ao brasileiro comum. Aquele que não tem dinheiro, não é herdeiro político, não dispõe de fama nem do apoio de estruturas corporativas ou religiosas, mas tem vocação e disposição para o exercício da função pública em cargos eletivos.

Já há mais de dez grupos desses em início de funcionamento, integrados por empresários, estudantes, profissionais liberais, acadêmicos, funcionários públicos, em geral jovens e anônimos, embora alguns tenham o apoio de gente bem conhecida como Arminio Fraga, Luciano Huck, Eduardo Mufarej, Nizan Guanaes, Carlos Jereissati Filho, Guilherme Leal, entre outros. Ainda que o objetivo seja o mesmo, variam os métodos: da concessão de bolsas de estudos para a formação de lideranças ao debate de uma nova agenda para a política, aqui incluída a revisão dos meios e modos do ofício.

Iniciativas louváveis, pois não? Pois é. Antes mesmo que comprovem ou não eficácia nos procedimentos e lisura de propósitos, esses movimentos têm sido alvo de descrença, quando não de desqualificação, por parte dos ativistas de internet cuja ignorância no ramo não lhes permite distinguir engajamento político de ceticismo à deriva, para não dizer boboca. Gente que considera que a suspeição é geral e irrestrita e que tudo e todos se movem por intenções espúrias. Na visão desse pessoal, há sempre algo "por trás", ainda que não identificado, e muito menos nominado.

Essas pessoas presumem sempre o pior, plantam sementes nas sombras, enxergam fantasmas ao meio-dia. Atuam no terreno do preconceito e, com isso, alimentam o ceticismo excessivo que veste como luva o figurino dos adoradores (aproveitadores, por que não?) do imobilismo do Congresso e da aversão ao avanço patrocinado pelo establishment partidário, situação contra a qual finalmente algo se move na sociedade. ■

O LOBBY E A DEMOCRACIA

A regulação da atividade de defesa de interesses junto ao poder público, em discussão no Congresso, vai promover mais transparência e pluralidade na participação política

MARCELO ISSA*

AINDA QUE se possam questionar os alcances e limites conceituais da democracia, é inequívoco que configura seu próprio exercício a aplicação de estratégias legítimas e éticas para promover e defender interesses junto ao poder público. Nesse sentido, as atividades de participação política sistematizada e, por vezes, profissionalizada — conhecidas como lobby — surgem como campo de atuação e pesquisa autônomos, cujos objetivos podem ser resumidos em antecipar riscos, contrapor-se a retrocessos e concretizar agendas apresentadas ao setor público.

A realização legal e eficiente desses objetivos demanda a articulação entre diversas habilidades e competências, como um profundo conhecimento sobre o *modus operandi* e o processo decisório de cada órgão ou instituição pública, métodos específicos para o constante monitoramento de assuntos de interesse e análise de cenários políticos, além de uma adequada capacidade de comunicação.

Se corretamente realizado, o lobby pode fortalecer a democracia, mas sua regulação não tem — isoladamente — o condão de afastar riscos de corrupção. Qualquer profissional, seja sua atividade regulamentada, seja informal, pode escolher utilizar-se de meios legais ou ilegais. Um advogado pode tentar subornar um juiz. Um juiz pode deixar-se subornar. Do mesmo modo que um médico ou um engenheiro podem corromper-se ao prescrever um medicamento desnecessário ou firmar um laudo periclitante porque receberão propina de um laboratório ou de uma incorporadora.

Ainda que a mera regulamentação de atividades profissionais tenha impacto limitado sobre a prevenção de ilícitos, é indubitável que a consolidação de determinados protocolos e registros favorece o controle. No âmbito das interações entre particulares e agentes públicos e políticos para a defesa de seus interesses, no entanto, os corolários constitucionais de publicidade e motivação dos atos administrativos tornam imperativo o regramento da atividade, mas com a finalidade precípua de garantir pluralidade à participação política. Quanto mais participantes nos processos de elaboração e implementação, melhores leis e políticas públicas haverá. Entretanto, só é possível aumentar a participação política e a representatividade da cidadania com transparência nas decisões dos governos.

Governos transparentes dão informações indiscriminadamente, não apenas sobre as regras, mas também sobre o andamento de cada um de seus processos decisórios, assim como mantêm abertas todas as suas bases de dados que não implicam riscos à segurança individual ou coletiva. A opacidade do poder público não compromete diretamente a participação política porque alguns conseguem superar esse entrave, mas compromete a equidade do processo e, por consequência, o próprio exercício democrático.

É certo que, por mais transparência que haja, o exercício democrático sempre implicará alguma dose de esforço, mas a dificuldade de acesso à informação pública desequilibra as condições materiais da participação. Hoje, no Brasil, metodologias e práticas de intervenção eficiente nas instâncias oficiais ainda estão restritas, como regra, às grandes companhias e associações setoriais, que se valem de estruturas e ferramentas complexas, além de recursos humanos especializados no gerenciamento de seus interesses junto ao nosso intrincado setor público.

De outro lado, embora exerçam uma função de cunho público, ainda parecem ser raras as organizações brasileiras do campo social que aplicam práticas e rotinas sistematizadas para influenciar a formulação da legislação e das políticas públicas. A defasagem de democracia real fica, assim, evidente: em muitos casos as organizações da sociedade civil lidam com os efeitos diretos de leis e políticas públicas sem que tenham tido

Quanto mais participantes nos processos de elaboração e implementação, melhores leis e políticas públicas haverá

DISCUSSÃO Regulação do lobby já passou pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados e agora deve ir a votação em plenário

condições adequadas de participação na formulação dessas mesmas leis e políticas públicas.

Os atuais custos das atividades capazes de exercer influência compõem parte das razões do desequilíbrio na qualidade da participação política. Esse entrave certamente seria mitigado se a regulação do lobby também obrigasse os órgãos públicos a adotar mais e melhores medidas de transparência.

Entre as medidas de transparência que certamente facilitariam e qualificariam a participação cidadã no processo decisório estatal, destaca-se a divulgação da agenda de cada tomador de decisão, o que poderia abrir espaço para o contraditório. Ou seja: ao receber em audiência representante de determinado interesse, o agente público estaria obrigado a receber também sua contraparte.

A medida é ainda mais necessária porque, ao contrário do que ocorre na Justiça, a política é intrinsecamente aberta. Por isso, minimizar os desequilíbrios da participação democrática passa necessariamente pela adoção de providências, orientadas a ampliar para a arena pública a garantia do contraditório e da paridade de armas a todo aquele que dela se disponha a participar.

Em toda parte, uma profunda crise de representatividade desafia o sistema democrático, e sua superação demanda novos paradigmas de participação política. A regulação da defesa de interesses junto ao poder público, em gestação no Congresso Nacional, não pode prescindir de avançar nesse sentido. ■

* Advogado, especialista em relações governamentais pela FGV, mestre em ciência política pela PUC-SP, sócio-diretor da Pulso Público Consultoria Política e coordenador do Movimento Transparência Partidária

BAIXOU A PELOTA

Nas eleições legislativas, a ex-presidente Cristina Kirchner conseguiu garantir uma vaga no Senado, mas seu enfraquecimento político sinaliza o fim do kirchnerismo

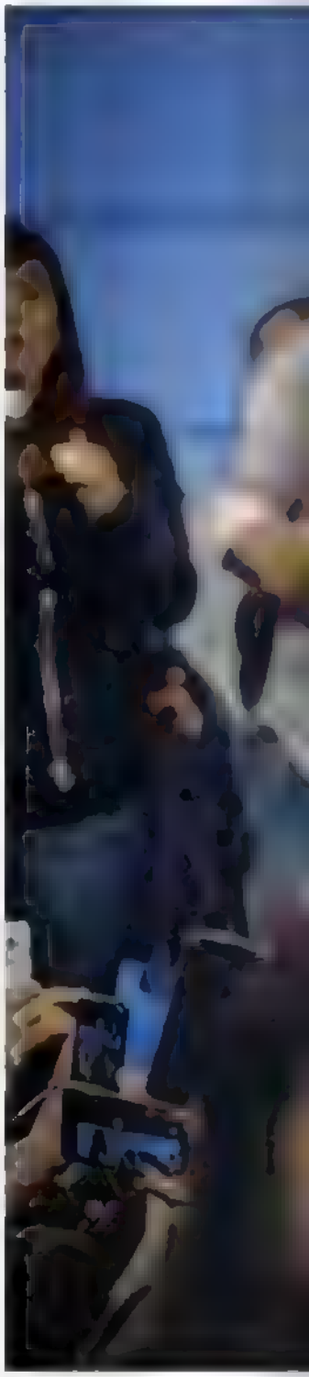
DUDA TEIXEIRA, de Buenos Aires

Entre as heranças que os imigrantes ingleses deixaram para Buenos Aires, está o costume de ter quase um estádio de futebol por bairro: são 36 na capital argentina. Durante a campanha para as eleições legislativas, realizadas no domingo 22, vários eventos ocorreram em campos ou ginásios de clubes. E foi na sede do time de futebol Arsenal, em Sarandí, que a ex-presidente Cristina Kirchner, candidata ao Senado pela província de Buenos Aires, acompanhou a apuração dos votos. Enquanto esperavam que Cristina subisse ao palco, seus militantes se entretinham com um filme em que ela conferia sua roupa no espelho, entrava em uma aula de zumba e conversava amenidades com assessores. No partido que ela criou, o Unidade Cidadã, Cristina não passa a bola para ninguém. Ela joga sozinha.

Seu discurso só começou às 23h20, quando já estava certo que ela tinha ficado em segundo lugar na disputa regional. Presidente por dois mandatos, que totalizaram oito anos na Casa Rosada, ela considerou bom o desfecho das urnas: "Aqui não acaba nada. Aqui tudo começa".

Pintar uma derrota como sendo vitória não é um comportamento incomum para políticos, ainda mais quando se trata de alguém que sempre foi avesso à realidade das estatísticas ou das notícias. Mas o fato é que Cristina, que nunca tinha perdido uma eleição como candidata, ficou 4 pontos porcentuais atrás do analista de sistemas e administrador Esteban Bullrich, um desconhecido e opaco funcionário do governo de Mauricio Macri. "O kirchnerismo entrou em decadência e, a partir de agora, será um ramo minoritário no peronismo", explica o cientista político Rosendo Fraga, de Buenos Aires. "Nas eleições presidenciais de 2019, seus membros poderão derivar para o peronismo ou para as forças de esquerda. Seria o fim definitivo do movimento", diz Fraga.

Apesar do segundo lugar, Cristina garantiu uma vaga no Senado, que assumirá em dezembro. Mas até isso pode não ser duradouro. Na Justiça argentina, existem 280 denúncias criminais e administrativas contra ela. Uma das possibilidades é que um juiz peça a anulação do foro privilegiado para que, assim, ela possa ser sentenciada e, talvez, presa. Para tanto, bastaria que dois terços do Congresso aprovassem a retirada do privilégio — o que não deve ser um entrave na próxima legislatura. Na Câmara dos Deputados, o Unidade Cidadã perderá dez cadeiras. No Senado, ficará com oito a menos.



DESÂNIMO Cristina fala aos militantes que acompanhavam a contagem de votos no clube Arsenal: derrota para um candidato desconhecido

Entre os crimes pelos quais Cristina pode ser condenada estão o de enriquecimento ilícito e o de corrupção passiva, se for comprovado que ela recebeu dinheiro do empresário Lázaro Báez por diárias-fantasma em um hotel da família Kirchner na Patagônia. Cristina também é acusada de traição à pátria por ter costurado um acordo com o Irã que impediria a condenação dos responsáveis pelo atentado terrorista à Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), em 1994, que deixou 85 mortos. Por fim, também pode responder por encobrimento de um magnicídio, o assassinato do procurador Alberto Nisman, que investigava o caso Amia, em 2015.

Vários nomes graúdos próximos de Cristina já foram para trás das grades. Entre eles estão Lázaro Báez, o empreiteiro que pagou as diárias de hotel inexistentes, José López, ex-secretário de Obras Públicas, que guardava sacos cheios de dinheiro em um convento, e Ricardo Jaime, ex-secretário de Transporte que comprou trens velhos e inúteis da Europa. Na quarta-feira 25, o deputado Julio De Vido, ex-ministro de Planejamento, perdeu o foro privilegiado em uma votação no Congresso. Ele é acusado de praticar sobrepreço na venda de gás liquefeito

REMANESCENTE O estivador Luis Lima: peronistas devem seguir Cristina

e de desviar o equivalente a 15 milhões de dólares de fundos da modernização de uma mina de carvão em Santa Cruz, também na Patagônia. "A Justiça argentina está muito desacreditada e espera melhorar sua imagem, inspirada na Operação Lava-Jato do Brasil", diz o advogado Guillermo Fanego, de Buenos Aires, especialista em direito penal.

À parte as questões jurídicas que podem lhe dar uma rasteira em pleno mandato, Cristina tem visto sua base de admiradores minguar. No clube Arsenal, um dos poucos kirchneristas de idade mais avançada presentes era o estivador aposentado Luis Lima, de 70 anos. "Os verdadeiros peronistas deveriam seguir a linha de Cristina. Ela é a única que pode parar o presidente Mauricio Macri", diz Lima. A maioria dos presentes, contudo, era de jovens de classe média. Os mais empenhados integravam o grupo La Cámpora, que desde 2010 foi agraciado com 7 000 cargos no setor público. Seus membros eram liderados por Máximo Kirchner, o filho da presidente. Ainda que seus cabeças tenham sido demitidos, muitos continuam em seus postos porque ganharam estabilidade no emprego. "Como não oferece mais a possibilidade de ingressar na máquina pública, a militância do La Cámpora acabou perdendo o sentido", diz o historiador Luis Alberto Romero, da Universidade de Buenos Aires.

Entre os que acompanhavam a contagem de votos no ginásio do Arsenal, era impossível encontrar alguém que aceitasse falar em nome do La Cámpora. Líderes conhecidos do grupo se recusam a conceder entrevistas por telefone assim que sabem que o destino do movimento é o tema das perguntas. "Durante o governo de Cristina, eles foram uma seita, um culto quase religioso devotado a Cristina. Como ela perdeu muito espaço, eles só continuam existindo nos poucos lugares em que o Unidade Cidadã segue governando", diz o cientista político Patricio Giusto, da Universidade Católica Argentina (UCA).

Para a maior parte da população, as bases ideológicas do kirchnerismo, como a aversão aos fundos abutres (que compraram títulos da dívida argentina e não aceitaram renegociá-los) ou a abordagem nada universal dos direitos civis (por um lado, incentivou-se a condenação dos ditadores militares; por outro, promoveu-se a censura), importam bem menos do que a perspectiva de melhora econômica. Já houve uma leve queda no desemprego, que foi de 9,3% para 8,7% em doze meses.

No restaurante popular Los Piletones, no bairro de Villa Soldati, pe-

L
MINI BEAT
POWER
ROCKERS
ELES NASCERAM PARA BRILHAR
★★★
discovery kids
NOVA SERIE
Segunda a sexta
9h e 18h50
discoverykidsplay.com.br

MELHORA Margarita Barrientos: os operários da construção civil reapareceram em seu restaurante popular

riferia de Buenos Aires, a mudança é visível. Entre os que frequentam o local para almoçar de graça, há vários trabalhadores de construção civil com seus uniformes e capacetes amarelos. "Eles vêm para cá para economizar na comida e com isso ter mais dinheiro no fim do mês. Esse tipo de visita não existia antes e nos dá muita alegria", diz Margarita Barrientos, que comanda o restaurante. Sinal de que os empregos voltaram. Mantido por doações, o restaurante inaugurou uma filial em Santiago del Estero, a cidade da Argentina com o maior número de pobres.

O resultado das eleições legislativas brindou Macri com a ausência de nomes fortes na oposição. Cristina, enfraquecida, é o mais conhecido deles. No Congresso, macristas e peronistas já têm feito parceria em assuntos caros ao presidente. Macri também contará com os deputados e senadores que devem favores aos governadores, pois estão negociando verbas e ajustes com o governo central.

Com os sindicalistas, a questão é mais complexa. A Confederação Geral do Trabalho (CGT), criada em 1930, não é mais tão hegemônica e compete com outras organizações. Em paralelo, desde a crise de 2001, surgiram grupos politizados que têm capacidade ainda maior de organizar piquetes, bloquear estradas e pressionar o governo por mais verbas. Entre os mais ativos estão a organização Barrios de Pié ("Favelas em Pé"), o Movimento Evita e a Confederação dos Trabalhadores da Economia Popular (Ctep), cujo líder, Juan Grabois, é amigo do papa Francisco. Esses grupos são considerados como de "peronismo de esquerda". No ano passado, conseguiram que o Congresso aprovasse uma lei de emergência social, que aumentou o valor dos benefícios sociais e autorizou uma verba equivalente a quase 5 bilhões de reais para as organizações sociais. Macri, que não queria problemas antes das eleições, sancionou o presente. Como a principal meta do governo é reduzir o déficit fiscal, o presidente sabe que terá de fechar os cofres do Estado. Se não fizer isso, arriscará sua governabilidade. O amadurecimento político da Argentina será posto à prova daqui para a frente. ■

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA
Violências
Não recomendado para menores de 10 ANOS
A CADA 2 MINUTOS UMA PESSOA DESAPARECE NO BRASIL SEM DEIXAR PISTAS
DESAPARECIDOS
SE VOCÊ TIVER QUALQUER INFORMAÇÃO SOBRE DESAPARECIDOS, PROCURE A POLÍCIA CIVIL DA SUA REGIÃO
nova temporada
QUARTA, ÀS 23H15
A&E
canalae.tv.com.br
CanalAE
@CanalAE

LENDAS Mao Tsé-tung *(à esq., no alto)*, Deng Xiaoping e Xi Jinping *(acima)*: os líderes mais poderosos da China comunista

ENTRE MAO E DENG

Numa demonstração de força no congresso do PC, o presidente chinês fica do tamanho de antecessores mitológicos e se esquiva de indicar seu sucessor **JOHANNA NUBLAT**

PRIMEIRO veio a era revolucionária de Mao Tsé-tung, que instalou os comunistas no poder na China em 1949. Ele era o "grande timoneiro", que conduzia a nação. Três décadas depois, o país abriu-se para o mundo com Deng Xiaoping, o "arquiteto da reforma e abertura econômicas". Agora, a China embarca em uma nova era com o presidente Xi Jinping. Chamado de "tio Xi", ele projetou no último congresso do Partido Comunista a imagem de um país de economia diversificada, que oferece boas condições de vida e se impõe como líder global. Tudo, claro, sob a batuta do partido. Até aí, nada de muito novo na névoa de poluição de Pequim. A mensagem fundamental é outra: Xi quer fortalecer seu poder e, quiçá, estender seu tempo no cargo.

Pela tradição, nos congressos do PC, que ocorrem de cinco em cinco anos, um nome é apontado para ser o possível sucessor do presidente e secretário-geral do partido. Desta vez, não foi possível distinguir quem seria o iluminado. Todos os que foram elevados na semana passada ao Comitê Permanente do Politburo, a elite política da China, têm entre 60 e 67 anos. Eles são considerados velhos demais para assumir dois mandatos presidenciais consecutivos no futuro. Regras não escritas vetam a escolha para o cargo de quem tem 68 anos ou mais.

A relutância em apontar o próximo presidente tem três explicações. A primeira, mais óbvia, é que Xi deseja prolongar sua permanência no poder. A segunda é que ele quer testar melhor o sucessor. A terceira: Xi pretende evitar que a projeção da figura de seu sucessor tire o poder que ainda lhe resta nos cinco anos vindouros. Xi não quer

se tornar um "pato manco", termo usado para designar os presidentes americanos que se arrastam no fim do segundo mandato.

Xi também aproveitou a ocasião e imprimiu na Constituição do partido suas ideias e seu nome, o que o deixa com tamanho semelhante ao de figuras mitológicas, como Mao e Deng. O Congresso chancelou a inclusão do "Pensamento de Xi Jinping sobre o Socialismo com Características Chinesas na Nova Era" como uma das diretrizes da agremiação. Com isso, ele ficou logo abaixo de Mao, que também teve o seu "pensamento" cravado na Constituição, e acima de Deng, que na Carta é apenas mencionado por sua "teoria.

De concreto, nos últimos anos, Xi ampliou sua autoridade sobre as Forças Armadas, avançou a presença no Mar do Sul da China, expurgou desafetos com uma campanha anticorrupção, apresentou-se como liderança internacional na área climática, reprimiu o movimento pró-democracia em Hong Kong e apertou o cerco às liberdades civis. Às vésperas do Congresso, até o WhatsApp foi bloqueado. "Nos últimos anos, o movimento lento por mais espaços de liberdade tomou a direção oposta. Tendências não liberais ficaram mais acentuadas com Xi e provavelmente serão ampliadas agora", diz Jeffrey Wasserstrom, especialista em história chinesa moderna da Universidade da Califórnia em Irvine. Se os formalismos linguísticos podem deixar dúvidas, as ações de Xi são evidentes. "Resta saber se a China vai conseguir fortalecer a economia, o papel do partido e se tornar mais influente globalmente", diz Scott Kennedy, do Centro para Estudos Estratégicos e Internacionais, em Washington. A ambição de Xi é clara. ■

MARIA LAURA CANINEU

O BRASIL E A RECONSTRUÇÃO DA SÍRIA

O governo quer retomar relações com o regime de Assad

FATIMA DEVIA TER 40 anos, mas aparentava o dobro. Quando a conheci, ela caminhava com dificuldade entre as tendas de um campo informal de refugiados de Zahle Maallaqa Arad, no Vale do Beccaa, no Líbano. Com as mãos machucadas, carregava um bebê e guiava outras quatro crianças, sujas e descalças. Fatima e os filhos haviam fugido da catastrófica guerra na Síria e ali estavam fazia mais meses do que podiam contar, entre bicas-d'água vazias e tendas de lona, respirando poeira e fumaça. Os machucados em suas mãos eram mordidas de ratos, dos grandes.

Tenho acompanhado com atenção os impactos da guerra na Síria. Mas na semana passada tive a oportunidade de ver em primeira mão campos lotados de refugiados da guerra e das graves violações de direitos humanos no país. No Líbano, mais de 70% dos refugiados sírios vivem abaixo da linha de pobreza. Não há trabalho nem dinheiro, mas é a incerteza quanto ao futuro que os aflige mais. As autoridades têm limitado as possibilidades de permanência: três quartos do 1,5 milhão de refugiados sírios no país não possuem permissão legal de residência.

No campo que visitei, refugiados vivem com medo de que os proprietários das terras os expulsem a qualquer momento ou, ainda pior, de que as autoridades os mandem de volta para a Síria, para as chamadas "zonas de distensão". Uma delas, Idlib, vem sendo alvo de ataques aéreos ilegais da aliança Rússia-Síria, que resultaram na morte de civis. Fatima e outros refugiados sentem que essas áreas são tudo, menos seguras. Eles também nos contaram sobre a falta de perspectiva para seus filhos e a sensação de estarem completamente desprovidos dos seus direitos.

Em 2013, o Brasil demonstrou compaixão pelos refugiados sírios ao anunciar uma política, elogiada internacionalmente, de "portas abertas" e emitir milhares de vistos humanitários para homens, mulheres e crianças que fugiam da guerra. No voo do Oriente Médio de volta para casa, eu me surpreendi com a notícia de que o Brasil planeja retomar a presença diplomática em Damasco, capital da Síria. Desta vez, no entanto, a compaixão não parece ser o principal motivo da decisão. Um artigo em uma publicação americana relatou que o governo está em busca de contratos lucrativos para empresas brasileiras reconstruírem o país quando a guerra acabar.

O foco primário nos potenciais novos negócios para retomar as relações diplomáticas com a Síria parece ignorar o sofrimento que Assad infligiu à população, que levou justamente aos campos de refugiados como Zahle Maallaqa Arad, às mãos feridas de Fatima e à pior crise migratória desde a II Guerra Mundial. É legítimo pensar em maneiras de recuperar nossa economia — e também a da Síria. No entanto, o Brasil deveria usar sua influência para ajudar a aliviar o imenso sofrimento dos refugiados, dos deslocados internos e de outros afetados pela guerra, e promover uma reconstrução que priorize direitos, proteção e a responsabilização por abusos, e que não permita ou implique apoio a novas violações. ■

MENOS É MAIS

A taxa básica de juros deve cair ao valor mais baixo desde a década de 50, beneficiando empresas e consumidores. Mas, sem o avanço das reformas, essa queda será passageira

GIULIANO GUANDALINI

Com a trégua nos preços, o Banco Central cortou novamente a taxa básica de juros, a Selic, reduzida agora para 7,5%. Em dezembro deve ocorrer uma nova queda, dessa vez para 7%. Sem surpresas pela frente e com a inflação controlada (abaixo da meta de 4,5% ao ano), os juros deverão ficar ao redor desse índice nos próximos meses. Trata-se de uma grande notícia. Há mais de sessenta anos os brasileiros não convivem com taxas tão baixas, exceto por um breve período entre 2012 e 2013, quando a Selic chegou a cair para 7,25%. Naquela ocasião, entretanto, a redução se deu em uma tentativa atabalhoada do governo Dilma Rousseff de fazer os juros baixar na marra. A inflação ficou mascarada por algum tempo, mas voltou com força em poucos meses — e as taxas explodiram.

Agora, os juros estão caindo de maneira "sustentável", como dizem os economistas: existem condições para diminuir o custo do dinheiro sem jogar lenha na fornalha da remarcação de preços. O alívio deverá, gradativamente, chegar às empresas e aos consumidores, dando fôlego renovado aos investimentos e ao consumo. Vários organismos já projetam um crescimento do PIB para o próximo ano na casa dos 3%. Esse cenário benigno, entretanto, dependerá de uma conjunção de fatores. O principal deles é o avanço das reformas.

A equipe de Michel Temer, a despeito dos contratempos políticos, tem se esforçado em fazer os ajustes necessários. Foi aprovado o teto constitucional para o aumento futuro dos gastos, por exemplo. Mas a batalha vital para que o país reconquiste a confiança será a da aprovação da reforma da Previdência. Os gastos com aposentadorias representam a maior parte da despesa do governo e continuarão em forte alta nos próximos anos. O rombo esperado para 2018 ultrapassa os 200 bilhões de reais. Para financiar esse ralo fiscal, o governo necessita contrair novas dívidas. Sem a reforma, a conta seguirá em elevação — e aí adeus aos juros baixos. Isso acontece porque, se o custo da Previdência não for contido, haverá um aumento da dívida pública, o país entrará novamente em descrédito, a cotação do dólar voltará a subir e ocorrerá um

A EVOLUÇÃO DOS JUROS

Taxa Selic
(em porcentagem ao ano)

Fontes: Ipeadata e Banco Central

ALÍVIO
Reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), do BC: inflação sob controle

inevitável impacto nos preços, o que forçará o BC a elevar a taxa Selic. O governo sabe disso e deseja pôr em pauta quanto antes a votação da reforma previdenciária.

Em uma análise sobre as perspectivas para os juros, o economista-chefe do Santander, Mauricio Molan, afirma ser provável que o ambiente com as menores taxas desde a década de 50 permaneça até 2019. No entanto, o eventual fracasso na aprovação da reforma é apenas um dos riscos que podem azedar o momento favorável. Os juros começam a subir nas maiores economias do mundo, depois de terem sido mantidos próximo de zero por uma década. Esse processo poderá trazer solavancos, com efeitos no Brasil. Uma ameaça interna é a possibilidade de um candidato contrário às reformas ganhar força na campanha do próximo ano. "Há riscos consideráveis, que podem fazer o cenário mudar", afirma o gestor de recursos Marcelo López, da L2 Capital. "O Brasil ainda é vulnerável. O dinheiro sai rapidamente do país quando piora o humor dos investidores." A economia não caminha mais à beira do precipício, como era o caso há dois anos. A queda dos juros para níveis historicamente baixos é um sinal disso. Mas os ajustes mal começaram. Sem eles, os juros voltam às alturas. ■

SAFRA EM CHAMAS

Em 2016, o frio e o calor castigaram as videiras na Europa e derrubaram a produção mundial de vinhos ao menor volume em mais de meio século. Agora, há outra ameaça: os incêndios **BIANCA ALVARENGA**

NO CICLO de desenvolvimento das uvas viníferas, o ideal é que as estações sejam bem definidas e de preferência da seguinte maneira: frio no início do crescimento dos frutos, chuvas espaçadas no meio e calor no final. Mudanças inesperadas, como geadas ou chuvas torrenciais fora de época, podem afetar o amadurecimento adequado, resultando em um vinho de pior qualidade e reduzindo o volume produzido. Foi o que ocorreu no ano passado em algumas das principais regiões produtoras da Europa. De acordo com estimativas divulgadas em 24 de outubro pela Organização Internacional de Vinhas e Vinhos (OIV), houve uma severa quebra de safra causada pelo clima, e o volume da oferta mundial diminuirá em 8%. Serão quase 3 bilhões de garrafas a menos sendo vendidas no mercado neste ano, o que representa a menor oferta desde 1961.

Os países mais afetados foram os três principais produtores. Uma onda de extremo calor no verão italiano castigou desde a região da Toscana, mais ao norte, até a Sicília, ao sul. A safra de 2017 da Itália, o país número 1 na produção de vinhos, caiu 23%. A França amargou uma queda de 19% no volume produzido, devido a geadas tardias na primavera. A Espanha sofreu uma combinação de ambos os efeitos: calor excessivo no verão e frio na primavera, o que levou a uma queda de 15%. Há agora uma grande preocupação em relação à safra de 2018. No início do mês, incêndios na região norte do Estado da Califórnia, nos Estados Unidos, destruíram milhares de hectares de vinhedos. Foram registrados incêndios também em áreas produtoras na Espanha, em Portugal e na Austrália.

Em meio a essa crise toda, os vinhos de qualidade superior da Europa

FOGO E GELO Na Califórnia (*à esq.*), helicóptero dos bombeiros tenta controlar incêndio em vinícola; na França, a geada veio fora de época

tendem a ficar mais caros quando chegarem às prateleiras. Para os amantes da bebida, a dica será recorrer aos produtores de regiões menos afetadas ou que tiveram um ano favorável em 2016. Enquanto o clima prejudicou a Europa Ocidental, ele foi benéfico às videiras do Leste Europeu, da América Latina e da Oceania. Os mais patriotas (e os mais sensíveis aos preços) podem dar uma chance ao vinho nacional. Apesar de ser apenas o 14º produtor mundial, o Brasil registrou um forte avanço na última safra. O crescimento ocorreu graças às boas condições na Região Sul, onde está a grande produção brasileira.

"A tendência de chegada de vinhos mais caros da Europa vai aumentar a competitividade do produto nacional", diz Dirceu Scottá, presidente do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin). Trata-se de uma boa notícia para os produtores locais. Para os consumidores brasileiros que apreciam as castas europeias, no entanto, serão tempos de escassez e dor no bolso. ■

SÉRGIO LAZZARINI

A INDÚSTRIA VIROU SUCO?

"Serviços urbanos" podem fazer parte do rol de setores modernos

NO INÍCIO dos anos 80, surgiu na Avenida Paulista, em São Paulo, uma lanchonete com nome muito curioso: O Engenheiro que Virou Suco. Inspirado no título de um premiado filme nacional da época (*O Homem que Virou Suco*, de João Batista de Andrade), o empreendedor montou e batizou a sua lanchonete após ter sido desligado de uma indústria mecânica na qual trabalhava havia anos. Essa migração da indústria para serviços se acentuou ao longo do tempo. Industriais brasileiros, vários deles agremiados na mesma Avenida Paulista, até hoje denunciam o declínio da indústria e pedem mais apoio do governo. Essa crítica tem eco entre alguns economistas de traço desenvolvimentista. Dani Rodrik, professor de Harvard, rotula a indústria como um setor "moderno", de alta produtividade, em contraposição à agricultura, setor dito "tradicional". Para esses economistas, países evoluem quando mais pessoas saem da agricultura e se empregam na indústria. Perder gente para serviços seria um sintoma de desindustrialização precoce e destruição de postos modernos de trabalho.

Surpreende, assim, um novo estudo do próprio Rodrik, em coautoria com Xinshen Diao e Margaret McMillan, no qual se examina a experiência recente de alguns países na América Latina e na África. A agricultura tornou-se o setor moderno: incorporou tecnologias, aumentou a produtividade e ajudou a acelerar o crescimento de vários países. Esses economistas (finalmente!) percebem que talvez o mais importante não seja se o empresário planta tomates ou produz pneus; o importante é se sua empresa incorpora técnicas eficientes de produção e gerencia adequadamente os seus recursos. Por certo, se um setor fica mais eficiente, pode acabar liberando gente para trabalhar em setores menos qualificados, incluindo serviços de baixa produtividade. Mas os autores agora também admitem que "serviços urbanos" podem fazer parte do rol de setores modernos. Uma lanchonete poderá ser altamente produtiva se incorporar sistemas para controlar os produtos, otimizar os processos de cozinha, incentivar os funcionários a aumentar as vendas e transplantar essas práticas para outras unidades. (A quem quiser ver isso na prática, recomendo o filme *The Founder*, sobre o crescimento de uma famosa franquia de sanduíches dos Estados Unidos.)

É claro, isso não significa que não deva ser dada atenção à indústria. É possível salvá-la? Aqui, ironicamente, o setor dito moderno poderia copiar as práticas dos seus pares. Imitando a agricultura, poderia buscar mais inserção internacional e mais foco em vantagens comparativas locais. Uma nova iniciativa, a Embrapii (apelidada de "Embrapa da indústria") seleciona e apoia centros de pesquisa de excelência em associação com o setor privado, em vez de subsidiar indefinidamente setores eleitos com base em pressão política. Imitando o setor de serviços, a indústria poderia também tentar melhorar sua qualidade de atendimento, criar soluções customizadas para clientes diversos e vender inovações em lugar de produtos preconcebidos. Afinal de contas, o engenheiro pode ter virado suco, mas quem sabe se tornou mais produtivo e criativo do que seria no seu antigo posto na indústria. ■

PLANO CALCULADO O jovem já havia ameaçado colegas em outras ocasiões, mas não foi levado a sério. Há dois meses, começou a ver vídeos sobre as matanças de Columbine, nos Estados Unidos, e do Realengo, no Rio

UM ASSASSINO DE 14 ANOS

O adolescente de Goiânia que atirou contra os colegas na sala de aula, matando dois meninos, um deles seu melhor amigo, se dizia admirador de Adolf Hitler **EDUARDO GONÇALVES,** de Goiânia

"EU VOU TE MATAR", anunciou o adolescente de 14 anos a João Pedro Calembo, de 13, na manhã da sexta-feira 20 de outubro, enquanto assistiam à aula de ciências no 3º andar do Colégio Goyases, escola particular de educação infantil e ensino fundamental de um bairro de classe média baixa em Goiânia. Para mostrar que não estava de brincadeira, abriu a mochila e perguntou ao colega se ele queria ver a arma que trazia consigo. Exibiu um objeto preto que não despertou a curiosidade de ninguém. A maioria dos alunos que presenciaram a cena contou, mais tarde, que todos pensaram se tratar de uma caixa de óculos. A turma não costumava levar a sério as ameaças. Afinal, não era a primeira vez que o garoto as fazia. Sempre que se sentia acuado ao ser alvo de brincadeiras e bullying, ele prometia acabar com a vida dos zombeteiros. Naquela semana, porém, durante uma conversa, o tom havia subido.

IDEIAS ESTRANHAS Em conversas por Skype, o garoto *(círculo vermelho)* tenta convencer um colega de que Hitler e o nazismo foram bons para o mundo

Um episódio deixara o menino profundamente irritado. Chamado de "fedorento" pelos estudantes em sala de aula porque, segundo eles, "cheirava mal" e "não tomava banho", o garoto sentiu-se humilhado. Foi atacado por esguichos de um desodorante em spray que João Pedro Calembo havia levado à escola na quarta-feira daquela semana. As ofensas contrariavam a personalidade de quem demonstrava, em casa, ter cuidado com a aparência. "Ele nos contou que, depois desse caso com o spray, decidiu matar", diz o delegado Luiz Gonzaga Júnior, da Delegacia de Polícia de Apuração de Atos Infracionais de Goiânia. O alvo inicial seria João Pedro e sua família. O adolescente decidira ir até a casa do colega, a 750 metros da escola. Mudou de ideia quando se deu conta de que seria mais fácil atingi-lo na sala de aula. Eles se sentavam a uma carteira de distância.

Às 11h40 da sexta-feira, o sinal estava prestes a soar. A professora do 8º ano finalizava a aula, esclarecendo dúvidas sobre a feira de ciências que seria realizada no dia seguinte. Nervoso, o garoto levantou-se abruptamente e começou a tirar da mochila o objeto preto parecido com uma caixa de óculos — era uma pistola calibre 40. Deu um primeiro disparo no susto, com a arma ainda oculta. O barulho chamou a atenção dos alunos,

mas não gerou pânico. A maioria imaginou que pudesse ser o estouro de um dos frágeis balões de ensaio da feira estudantil. Eles tomaram consciência do que estavam por viver ao verem o adolescente mirar João Pedro e lhe acertar três tiros à queima-roupa. A morte foi instantânea. "Vou matar todo mundo", gritou o atirador, descarregando o pente de doze balas aleatoriamente, num movimento circular. Além de João Pedro, cinco alunos foram atingidos: João Vitor Gomes e Hyago Marques, ambos de 13 anos, Isadora de Morais, Lara Fleury e Marcela Macedo, as três de 14 anos. João Vitor Gomes também morreu imediatamente, com um tiro na cabeça. Ele era o melhor amigo do algoz.

Do lado de fora da escola, os pais se aglomeravam para buscar os alunos da educação infantil, que saíam mais cedo que os do fundamental. O publicitário Leonardo Calembo fora buscar seus três filhos. "Só levei dois vivos para casa", disse, no dia do crime. Calembo é pai também de Gustavo, de 8 anos, e Davi, de 6 anos. Com a correria e os gritos, deu-se o pânico. Num primeiro momento, o temor era que bandidos tivessem invadido a escola. Um grupo de meninas do 8º ano saiu correndo, gritando pela rua: "Tiros, tiros!". Vizinhos fecharam as portas e janelas. Alunos de outras salas correram para se esconder na cantina, numa igreja evangélica e na delegacia ao lado da escola. Não demorou para que a rua pacata, que antes só era tumultuada pelo tráfego de pais, fosse tomada por viaturas policiais e um helicóptero para o resgate de feridos. "Desde aquele dia, a rua ficou triste. Ainda me lembro das crianças chorando", diz a cabeleireira Fabiana Quintas, que mora nas proximidades.

O adolescente que cometera o crime continuava na sala de aula. Com respiração ofegante, parecia atônito, mas não paralisado. Ao perceber que o primeiro pente de munição havia acabado, sacou da mochila, entre os cadernos, uma recarga de doze balas. Os colegas estavam caídos no chão. A coordenadora da escola, Simone Elteto, resolveu intervir, mesmo diante do garoto armado. Ele apontava a pistola para a própria cabeça quando Simone conseguiu entrar na sala. "Não faça isso. Fique tranquilo. Abaixe a arma", pediu-lhe a coordenadora, com a voz trêmula. O garoto disse que queria a presença de seu pai, enquanto fazia um novo disparo para trás, sem vítima. "Chama meu pai. Ele é policia", gritou. Divino Malaquias, o pai, é major da Policia Militar de Goiás. A mãe, Wanderlúcia, é sargento da corporação.

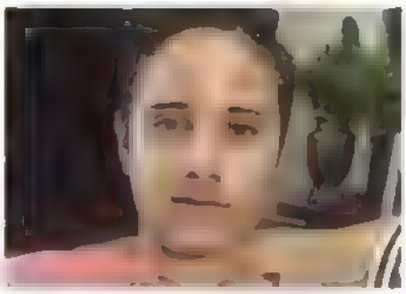
O RECOMEÇO Alunos e funcionários do Colégio Goyases, vítimas e familiares se reuniram em frente à escola no dia 24 para uma cerimônia ecumênica *(à esq.)*. As aulas voltarão ao normal no dia 30. O pai do atirador, major Malaquias *(acima)*, disse que o filho teve acesso à arma dentro da própria casa, mas que nunca o ensinou a atirar

A coordenadora conseguiu dissuadir o garoto de seguir atirando e o convenceu a travar a pistola e mantê-la apontada para baixo até a chegada da polícia, dez minutos depois do primeiro tiro. Aos agentes, o adolescente disse que ia, de fato, se matar se a coordenadora não tivesse intercedido. Psicólogos que o acompanharam na delegacia também disseram que ele ficou "arrasado" por ter matado João Vitor, um de seus melhores amigos. Os dois costumavam andar juntos e estavam no mesmo grupo da mostra de ciência.

O matador contou à polícia que passou os últimos dois meses pesquisando sobre o massacre de Columbine, nos Estados Unidos, em abril de 1999, e o de Realengo, no Rio de Janeiro, em abril de 2011, em que alunos foram assassinados por indivíduos que alegavam sofrer bullying. "Ele falou dos massacres sem perguntarmos sobre eles. Disse que foram sua inspiração, que tinha se identificado com os autores", afirmou o delegado Gonzaga Júnior. Segundo ele, o garoto narrou com detalhes os casos, dedicando-se sobretudo a descrever o desfecho, com o suicídio dos atiradores. "Ele conhecia todas as circunstâncias que envolveram os episódios e toda a repercussão que tiveram. Planejou, pegou a arma um dia antes e a levou à escola para matar seu desafeto."

O jovem assassino era conhecido por ser um dos alunos mais inteligentes da turma. Os colegas o descrevem como alguém bastante introvertido que andava sempre calado e de cabeça baixa. Nas poucas vezes em que falava, era sobre jogos de videogame e coisas da internet. Apesar do bom desempenho do estudante, seus pais foram chamados duas vezes à escola entre 2016 e 2017. No início do ano passado, a diretoria recomendou que eles procurassem um psicólogo que pudesse ajudar o filho a vencer a timidez. Ele chegou a fazer sete sessões de terapia, mas parou depois de a psicóloga dizer aos pais que o rapaz não tinha nenhum problema e que era "promissor". No início de 2017, professores voltaram a chamar os pais porque notaram que ideias estranhas estavam começando a aparecer na cabeça do garoto. Nas redações, passou a exibir um viés exageradamente radical, fora do comum para a idade. Em um trabalho sobre ética, louvou o regime militar, desenhou suásticas em folhas de caderno e nos próprios braços. Os policiais encontraram o símbolo nazista riscado na madeira da cama do jovem. Na escola, colegas relatavam que ele dizia admirar Adolf Hitler. A advogada da família, Rosângela Magalhães, afirmou que os parentes desconheciam a simpatia do adolescente por Hitler, mas confirmou seu hábito de desenhar suásticas, apesar de declarar que isso não passava de "brincadeira de menino que quer se fazer de mau mas não sabe direito o que o distico significa". No entanto, não era apenas uma brincadeira.

VEJA teve acesso com exclusividade a uma troca de mensagens via Skype, ocorrida entre abril e outubro deste ano, em que o garoto tentava convencer um de seus colegas de que o Holocausto era uma invenção e Hitler não dizimara os judeus da Europa. Municiado de links que levavam a sites de notícias evidentemente falsas, tentou argumentar com o amigo que o nazismo fora positivo para a humanidade. Compartilhou fotos e vídeos sobre "os benefícios do nazismo" e "a farsa do Holocausto", além de discursos do Führer. Diante da descrença do colega, chamou-o de "ignorante". Em outra mensagem, o interlocutor lhe pede que não fale sobre nazismo na frente de sua família. "Vc não pode xingar nem falar de Hitler na minha casa, ok?". "É claro, eu jamais faria isso. A culpa não é minha se sua mãe acha que o Holocausto é real", respon-



SONHOS INTERROMPIDOS Lara *(acima)* foi atingida no pulso, enquanto Isadora *(a primeira à direita, em cima)* pode ficar paraplégica. Marcela teve o pulmão perfurado. Hyago, com uma bala alojada na perna, já recebeu alta hospitalar

deu ele. "Tá, mas não discute com a minha mãe, senão você nunca volta para minha casa, ok?" "O quê? Eu discuti com sua mãe comunista? Eu nunca faria isso." Nas trocas de mensagens, o adolescente também defende outros ditadores (Augusto Pinochet e Benito Mussolini, entre eles) e mostra-se admirador do presidente Donald Trump e do deputado Jair Bolsonaro, a quem chama de "futuro presidente".

O menino tinha boa relação em casa, apesar da personalidade sisuda do pai, sempre muito rígido com os dois filhos — o de 14 anos e um mais novo, de 8. Mesmo morando perto da escola, o major Malaquias fazia questão de levá-los diariamente ao colégio e buscá-los. Até que, no começo do ano, o mais velho pediu para começar a voltar sozinho para casa. Queria parecer independente. Seu momento de maior stress em casa aconteceu no fim de 2016, quando recebeu uma forte bronca por ter ficado até de madrugada no videogame com o irmão pequeno. Como reação, pegou uma lâmina de barbear e fez cortes no próprio braço. A atitude não inspirou preocupação na família. O bullying tampouco causara inquietação. O pai revelou à polícia que seu filho jamais comentara ter sofrido com piadas na escola *(leia a coluna na pág. 71)*.

O adolescente sonhava em ser técnico de informática, programador ou médico. Gostava de ler e cumpria à risca o horário dedicado aos estudos. O delegado Gonzaga Júnior disse acreditar que o garoto sofre de alguma psicopatia, embora ninguém — nem os pais, nem professores, nem a psicóloga — tenha detectado algum sinal nesse sentido. Um perito médico da Polícia Civil já foi recrutado para traçar o perfil psicológico do menino. "Não foi o bullying propriamente que gerou tudo isso, e sim um conjunto de fatores e situações de criação, personalidade e experiências que

OS DOIS MENINOS MORTOS João Vitor *(à esq.)* era um dos melhores amigos do matador. João Pedro foi o primeiro a ser atingido

culminaram no homicídio", diz o delegado. Com a polícia o atirador foi claro: estava cansado de ser "amolado" pelos garotos de sua classe e resolveu matar.

Magro e alto, ele havia espichado nos últimos meses até atingir 1,80 metro. Por isso, não teve dificuldade em pegar a pistola num coldre na parte de cima do armário do quarto dos pais. A arma pertencia à mãe, que a guardava em casa por estar de licença. A pistola, de uso exclusivo da PM, não é tão fácil de ser manuseada como um revólver, que exige apenas o carregamento e o aperto do gatilho. O modelo .40 precisa ser destravado. O chamado "golpe de segurança", na parte superior da arma, tem de ser desativado para que abra fogo. O pai garantiu à polícia que nunca ensinou o filho a atirar e que ele nunca havia demonstrado interesse por armas. No depoimento, o adolescente relatou ter aprendido tudo em tutoriais na internet.

O promotor Cassio Sousa Lima pediu à Justiça a internação preliminar do assassino por 45 dias dada a sua "periculosidade presumida". Ele é acusado de infração análoga (por se tratar de menor) a dois homicídios consumados e quatro tentativas. Se for condenado, poderá ir para uma casa de internação até completar 18 anos. Depois, ficará livre.

João Pedro e João Vitor morreram. Isadora pode ficar paraplégica. Hyago e Lara já estão em casa. Marcela se recupera no hospital. Todos tiveram sonhos interrompidos. VEJA procurou a família do criminoso. A sargento Wanderlúcia teve alta na terça-feira, depois de cinco dias internada em estado de choque. Malaquias não quer falar. "A dor é muito grande", afirmou. Aos pais, o adolescente disse estar arrependido. ■

ROSELY SAYÃO

REFLEXÃO SOBRE BULLYING

Os mais novos precisam de limites – mas só isso não basta

SEMPRE QUE uma tragédia que envolve crianças ou jovens ocorre, somos instigados por ela a pensar e a refletir. Os mais novos são nossa responsabilidade, porque é neles que depositamos o destino da humanidade: serão eles que, num futuro breve, darão os rumos de nossa sociedade. Por isso, precisamos saber o que podemos fazer melhor, e o que estamos fazendo de pior para eles, mesmo sem termos consciência disso.

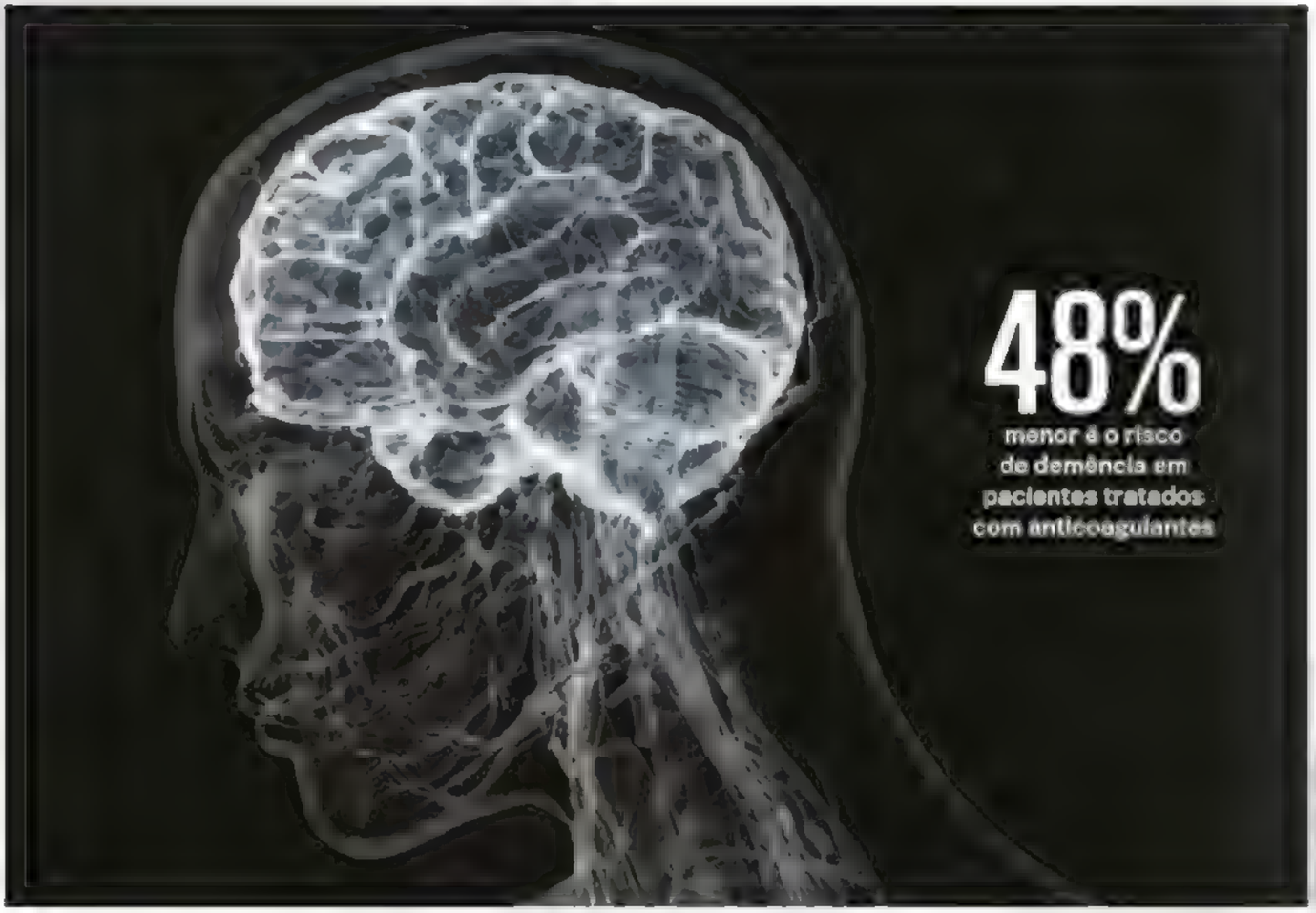
Creio que hoje quase todo mundo sabe que temos um Dia Mundial de Combate ao Bullying — 20 de outubro —, e foi justamente nesse dia que ocorreu uma tragédia em nosso país, logo associada ao bullying. Um garoto de 14 anos usou uma arma de fogo para atirar em seus colegas de escola. Dois morreram e outros ficaram feridos.

Mas, afinal, o que é bullying? Em tempos de confusão sobre o tema, é bom esclarecer: é uma violência, física ou psicológica, praticada repetidamente por uma pessoa ou um grupo contra outra pessoa ou grupo. Temos usado esse termo principalmente para nos referir às violências que acontecem entre os alunos no espaço escolar. Desde que o tema explodiu na imprensa, muitos pais se preocupam com a possibilidade de seu filho ser vítima de bullying. Poucos se dão conta, entretanto, do fato de que o filho pode praticar esse tipo de violência.

Por que o bullying ocorre, afinal? Não é uma questão simples, não há uma causa, mas uma rede formada por vários motivos diferentes. Escolhi abordar os que eu considero verdadeiramente importantes. Primeiramente, porque a escola espelha a sociedade em que está inserida. Vamos reconhecer: vivemos há tempos em uma sociedade bem violenta! Pessoas matam outras porque foram abandonadas, por ter sido traídas, por dinheiro, porque brigaram no trânsito ou no futebol. Pessoas denigrem e agridem outras porque não concordam com suas posições. Xingamentos humilhantes tornaram-se rotineiros e banais. Perdemos boa parte do que chamamos de civilidade.

O bullying ocorre porque pensamos que os mais novos precisam de limites. Eles precisam, porém, de mais do que isso; eles precisam da presença firme, forte e amorosa dos adultos para tutelar o cumprimento dos tais limites. De nada adianta apenas dizer para crianças ou adolescentes "não façam isso" ou "façam aquilo". É preciso acompanhar o processo. Temos negado nossa presença a eles porque estamos muito ocupados com nossas traquitanas tecnológicas, com nossa juventude, com nossos planos, com nossa vida.

O bullying ocorre também porque não ensinamos aos mais novos que é possível conflitar com respeito. Ao contrário, nosso comportamento assinala a eles que o confronto é a melhor saída. Também não ensinamos que é possível lidar com as emoções que surgem repentinamente sem ser de modo intempestivo, que devemos nos relacionar com as diferenças sem julgar, que precisamos ter empatia e virtudes. Ensinamos apenas que é preciso ter êxito e sucesso, e ser popular! Agora, eu pergunto: o que nós, adultos, temos a ver com o bullying entre crianças e adolescentes? Nosso comportamento já diz: temos TUDO a ver! ■



CONTRA A DEMÊNCIA

Estudo recente revela um novo e surpreendente efeito dos anticoagulantes – a prevenção de doenças do declínio cognitivo, inclusive o Alzheimer **NATALIA CUMINALE**

UM DOS MAIS INTERESSANTES e bonitos aspectos da medicina é a descoberta inesperada de que um tratamento usualmente aplicado contra uma determinada doença pode ser eficaz também contra outra. Um estudo conduzido pelo Instituto Karolinska, da Suécia, e publicado pela prestigiosa revista científica *European Heart Journal*, comprovou que remédios anticoagulantes são armas potentes para prevenir diversas modalidades de demência, inclusive a mais conhecida delas, o Alzheimer.

Os 444 000 pacientes avaliados na pesquisa durante dez anos sofriam de fibrilação atrial. O distúrbio, marcado por descompasso nos batimentos cardíacos, afeta 33 milhões de pessoas no mundo — no Brasil, são 1,5 milhão. Ele aumenta em cinco vezes o risco de acidente vascular cerebral, condição que costuma estar associada ao desenvolvimento de processos de demência. O estudo sueco mostrou que os pacientes que usaram anticoagulantes apresentaram, ao longo do tempo, um risco 48% menor de sofrer de demências, na comparação com os que não tomaram o medicamento. Verificou-se, também, que quanto antes começar o tratamento contra a fibrilação atrial maior será o efeito protetor.

A principal hipótese para explicar o efeito dos anticoagulantes aventada pelos cientistas é o fato de esse tipo de medicação prevenir a formação de trombos que se acumulariam em vasos, principalmente os de menor calibre. Sem o remédio, os microcoágulos atrapalham a oxigenação cerebral, causando o declínio cognitivo. Isso não significa que todo mundo deve sair tomando anticoagulantes. O neurologista Renato Anghinah, do Hospital das Clínicas, em São Paulo, alerta: "Os resultados são animadores, mas esse tipo de remédio, sem a indicação profissional, pode causar efeitos colaterais graves, sobretudo hemorragias". ■

COPA LIBERTADORES
TORCEMOS JUNTOS
NOS CANAIS FOX SPORTS
CONMEBOL
LIBERTADORES
BRIDGESTONE
FOX SPORTS
TORCEMOS JUNTOS

DURAÇÃO DO EVENTO **9** horas

HOLLYWOOD IN RIO

Faltavam dez minutos para as 6 da tarde da terça-feira 24 quando a paranaense **MICHELLE ALVES** subiu ao altar montado aos pés do Cristo Redentor. Selava-se ali a união do israelense Guy Oseary com sua "princesa brasileira", para usar as palavras do empresário de Madonna e U2. "Foi uma prova de amor do meu marido casar num dos maiores símbolos do Brasil e ter as duas cerimônias, com rabino e padre *(ele é judeu; ela, católica)*", disse Michelle a VEJA. De Madonna a Bono, de Ashton Kutcher a Demi Moore, uma constelação internacional esteve entre os 150 convidados.

VESTIDO criado pelo estilista americano Zac Posen especialmente para ela e avaliado em 100 000 dólares

OS VOTOS E OS NOIVOS

"Hoje é um dia especial na minha vida. Meu casamento com a minha princesa brasileira", escreveu Guy horas antes do casório. Visivelmente emocionada, Michelle leu, no celular, o texto que redigiu momentos antes da cerimônia (detalhe: os votos, digitados no celular, foram transcritos num papel – que, claro, se perdeu). A mulherada presente se emocionou. "Guy, meu amor, **1.** Você é um homem incrível; **2.** Você não tem ideia de como eu me sinto honrada em ser sua noiva; **3.** Hoje é a celebração do nosso incrível amor; **4.** Você é o melhor amigo que alguém poderia pedir."

GUY OSEARY, 45 anos

Empresário do showbiz, administra a carreira de Madonna, desde 2005, e a do U2, desde 2013. Nascido em Jerusalém, radicou-se em Los Angeles aos 12 anos. Aos 17, começou a carreira como estagiário na gravadora de Madonna. Com patrimônio de 60 milhões de dólares, vive há dez anos com Michelle, mas só agora o casamento foi oficializado.

MICHELLE ALVES, 39 anos

De família abastada de Londrina, começou o curso de engenharia civil, que largou para seguir a carreira de modelo. Afastada das passarelas internacionais há sete anos, estrelou campanhas mundiais, como a de um perfume de Yves Saint Laurent. Atualmente, cuida dos quatro filhos e da mansão do casal, em Beverly Hills. Voltou à passarela neste ano, especialmente para o desfile de estreia de seu assessor Dinho Batista na São Paulo Fashion Week. "Tenho a opção de ficar em casa. Não tenho problema em dizer que meu marido sustenta a família."

PONTOS ALTOS

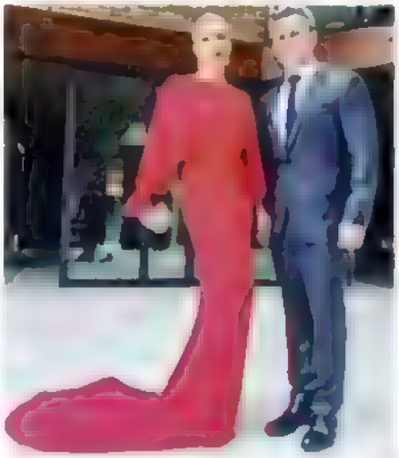
No início da festa, os noivos se juntaram a Madonna e **BONO** *(de chapéu, em clima de esquenta)* no meio da pista. O quarteto formou uma roda e foi observado por todos.

A piscina de garrafas de champanhe Moët & Chandon ao redor do jardim da casa agradou a Madonna.

Houve a dança dos noivos sentados em cadeiras e levantados pelos convidados, tradicional em festas judaicas. **ASHTON KUTCHER**, Owen Wilson e Anthony Kiedis, vocalista da banda Red Hot Chili Peppers, foram os responsáveis por erguer o noivo.

Depois de uma apresentação de Seu Jorge, a DJ americana Mary Mac tomou o comando. Os últimos convidados (inclusive Madonna) deixaram o local às 3 da manhã.

PONTO BAIXO



Algumas celebridades brasileiras, saindo de um prêmio de música, apareceram na casa de **LUCIANO HUCK** e **ANGÉLICA**, local da festa, sem conhecer os noivos (os anfitriões autorizaram). A maioria ficou desapontada com a proibição *(leia abaixo)* de publicar imagens nas redes sociais.

CAIU NAS REDES

FAMÍLIA MARGARINA **MICHELLE, GUY** e os filhos, **OLIVER, MIA, LEVI** e **JUDE**, de 3 a 10 anos *(vestidos de Gucci na festa)*: "Deixamos para nossos filhos um marco de amor para a vida deles", diz Michelle

Curtidas 2 900

"É muito cedo para uma caipirinha?", perguntou **MADONNA** na manhã que antecedeu o casamento. Já na festa, a cantora esteve ao lado das filhas – **MERCY JAMES** e as gêmeas **STELLE** e **ESTERE** –, mas também dançou bastante. No dia anterior, num evento improvisado, ela se ajoelhou diante de Caetano Veloso. Agora, sim, ninguém mais segura o baiano...

FESTA SEM SELFIE

Não se repetiu a efervescência em redes sociais que se viu no casamento de Marina Ruy Barbosa e Xandinho Negrão, há três semanas. A mansão em que Guy e Michelle vivem na Califórnia abriga uma badalada festa de pós-Oscar, na qual não entra smartphone. Ninguém grava vídeos, ninguém faz fotos, ninguém deixa comentários em redes sociais. Como se vê no cartaz ao lado, Michelle reforçou o mesmo padrão discreto em seu casamento. "Só assim as pessoas curtem sem se preocupar", diz. Um convidado define as celebrações na propriedade de Luciano Huck: "É a primeira festa do Brasil sem uma selfie". ■

A ERA DA AUTONOMIA

Em pouco, pouquíssimo tempo, os carros deixarão de ter motorista. Será um extraordinário avanço tecnológico – e o fim do automóvel como símbolo de status e liberdade

"A Idade da Pedra não acabou por falta de pedra, e a Era do Petróleo vai acabar muito antes de o mundo ficar sem petróleo." A frase, carregada de ironia, foi dita em 1973 pelo xeque Zaki Yamani, ministro da Arábia Saudita durante o abalo sísmico mundial provocado pelos países árabes ao aumentarem em 400% o preço do barril, em resposta à aliança entre Estados Unidos e Israel na Guerra do Yom Kippur. Passado quase meio século daquela *boutade*, o fim da Era do Petróleo — pelo menos em relação a seu derivado mais famoso, a gasolina — começa finalmente a roçar a realidade, e não por escassez do óleo negro. Do casamento das preocupações ambientais, que praticamente inexistiam nos anos 1970, com os extraordinários avanços da tecnologia, está a caminho uma espetacular mudança em torno do carro, o príncipe do petróleo.

Os veículos elétricos, menos poluentes, representam hoje mero 0,2% dos 95 milhões de automóveis produzidos anualmente e movidos a combustão. Dentro de quinze anos, chegarão a 30% do total. Plugado na tomada, com baterias cada vez mais eficientes e mais baratas, o carro do futuro dará outro passo, exponencialmente estrondoso, ao expulsar o motorista do volante. Hoje, não há mais que alguns milhares de carros sem motorista no mundo, quase todos em fase de teste. Em 2035, estima-se que serão 10 milhões.

AFP EVERETT COLLECTION GRUPO KEYSTONE DIVULGAÇÃO

CENAS DE CINEMA
Numa montagem de momentos clássicos, o ato de dirigir como retrato de nosso modo de vida

O tempo do carro autônomo, alimentado pela inteligência artificial (IA), desperta, naturalmente, um receio ludista. Uma pesquisa feita pelo Pew Research Center, dos Estados Unidos, mostrou que 87% dos americanos têm medo de automóvel sem motorista; acham que deveria ser obrigatório que alguém se sentasse ao volante para assumir o controle em caso de necessidade. É temor que desaparecerá paulatinamente, com a certeza de que os modelos sem controle humano afastam um paradoxo letal: como uma das maiores invenções da civilização moderna pode ser também uma das mais assassinas da história? É mais de 1,2 milhão de mortes no trânsito anualmente. Estimativas sugerem que, caso nada mude, o número subirá para 1,9 milhão de mortes em 2020, agora também provocadas pela distração fatal de uma geração pendurada no smartphone enquanto dirige.

A segurança é, sem dúvida, a chave para o sucesso dos carros autônomos. Mas a riqueza de informações dos movimentos dos automóveis, agregadas por big data e associadas a mudanças de legislação, deve inaugurar um período quase sem acidentes. Os mesmos americanos que temem carros circulando por aí sem motorista sabem que haverá benefícios: 39% apostam na redução da quantidade de acidentes; 31% imaginam que tudo continuará na mesma; e apenas 30% acham que pode piorar.

O carro sem motorista é hoje a aposta das grandes montadoras, lideradas nos Estados Unidos por Ford, GM e Tesla e na Europa por Audi, Mercedes e Volvo, e também dos gigantes de tecnologia da Califórnia, como o Google e a Uber. Elon Musk, dono da Tesla, que pretende nos levar a Marte e inundar as ruas e estradas da Terra de veículos livres, leves e soltos, arrisca: "Quase todos os carros serão autônomos em dez anos".

O fim dos motoristas é também o adeus ao carro como símbolo de status, de liberdade, de independência, além de uma revolução nos costumes e hábitos de nossa civilização. O engenheiro mecânico Hod Lipson e a analista Melba Kurman escrevem em *Driverless: Intelligent Cars and the Road Ahead* (Sem Motorista: Carros Inteligentes e a Estrada à Frente): "O hábito de dirigir equivale ao ingresso na idade adulta e à conquista da liberdade; sem a necessidade de licença para dirigir, aos 16 anos nos EUA, aos 18 em outros países, o carro deixará de representar o rito de passagem entre a infância e a idade adulta".

Nas próximas páginas, VEJA faz um passeio pelo universo dos carros autônomos — que, ressalve-se, antes de rodarem ao léu, serão elétricos. A reportagem traz o resultado de um teste exclusivo em um modelo da Uber realizado em Pittsburgh, nos Estados Unidos, e discorre sobre o que está na iminência de acontecer e o que ainda é especulação. Mas já não há dúvida de que o início do século XXI marca o fim de 100 anos do carro como o conhecemos e a abertura de uma novíssima janela. Nas palavras de Barack Obama, ao comentar as transformações econômicas ocorridas em seu período na Casa Branca: "Os carros autônomos deixaram o campo da ficção científica para virar uma realidade com potencial de mudar totalmente nosso modo de vida". ■

NINGUÉM AO VOLANTE

O fim do motorista, além de ser um salto tecnológico, abre uma estupenda avenida de questões éticas e legais **SILVIO NASCIMENTO,** de Barcelona, **E ALEXANDRE SALVADOR**

NO INÍCIO DO SÉCULO XX, quando o amanhã era mais previsível, as feiras mundiais funcionavam como uma mistura do onirismo dos parques de diversões associado às certezas das invenções extraordinárias, um show de novidades que muito em breve seriam oferecidas à população. A feira de Chicago, em 1893, apresentou ao mundo as rodas-gigantes. Paris, em 1889, nos legou a Torre Eiffel. A de Nova York, em 1939, é até hoje lembrada pela televisão e por uma atração batizada de Futurama, que consistia num passeio por um mundo futurista em miniatura e suas tecnologias esplêndidas. Exposta no pavilhão da montadora General Motors, a Futurama mostrava em detalhes como seria a vida americana dali a vinte anos. Haveria construções como grandes rodovias, responsáveis por conectar a área rural ao centro das cidades (algo inédito até então), aeroportos e arranha-céus inteligentes. O designer industrial Norman Bel Geddes, criador da Futurama, tinha uma visão bem clara de como seria o automóvel moderno, que no fim dos anos 1930 era ainda um artigo de luxo. "Os carros e as estradas de 1960 contarão com aparelhos que corrigirão as falhas humanas. Eles evitarão que o motorista cometa erros. Essas funcionalidades servirão para que o condutor não entre em zonas congestionadas ou para que ele passe por cruzamentos sem a necessidade de diminuir a velocidade e, claro, sem apresentar riscos a ele próprio e a outros."

30 MILHÕES
de pessoas morreram em acidentes de trânsito ao longo do século XX

O primeiro vaticínio, relacionado à infraestrutura, concretizou-se exatamente como previsto. Nos anos subsequentes, os Estados Unidos foram cortados de costa a costa por pistas de asfalto, e os automóveis tornaram-se o principal meio de transporte do país e, depois, de todo o planeta. Mas o tal aparelho de correção de erros cometidos pelo motorista ao volante não apareceu como fora imaginado.

O espanto da Futurama e a boa loucura criativa de Norman Bel Geddes levam a uma constatação: até mesmo dentro da indústria automotiva sempre se desenhou um cenário em que o motorista tivesse cada vez menos responsabilidade no ato de conduzir o veículo — e, em última instância, responsabilidade nenhuma. Eis o ponto ao qual estamos chegando neste começo do século XXI. Começam a sair das linhas de montagem fordianas modelos dotados com uma coleção de sensores eletrônicos que mudam o ato de dirigir, transferindo tudo para a máquina e a inteligência artificial.

Estima-se que, em 2035, 10% dos novos carros vendidos serão autônomos. O que veremos daqui até lá serão anos extraordinários, de imenso poder de transformação urbana. Será preciso, evidentemente, que as grandes metrópoles se adaptem aos novos tempos. Numa cidade como São Paulo, por exemplo, o caos viário, a maré de motocicletas e a vastidão de buracos serão sempre um obstáculo. E, no entanto, os fabricantes já trilham seu caminho, independentemente do que vai se dar no asfalto. A alemã Audi anunciou em sua convenção anual, realizada neste ano na capital da Catalunha, da qual VEJA foi convidada a participar, a versão 2018 de seu carro mais sofisticado: o A8. O novíssimo sedã, que chegou às concessionárias europeias no mês passado ao preço de 90 600 euros, é o primeiro veículo produzido em série a contar com um sistema de autonomia nível 3 na escala criada pela Sociedade de Engenharia Automotiva, a SAE *(entenda a classificação no quadro da pág. ao lado).* Isso significa que, até 60 quilômetros por hora, o novo A8 pode acelerar e frear sozinho, fazer curvas ou ultrapassagens sem que alguém gire o volante, sempre respeitando a sinalização. Com uma ressalva: se o computador de bordo encontrar uma situação para a qual não estiver preparado, ele devolverá a condução do veículo à pessoa ao volante. Se o motorista não reagir, o carro freará automaticamente.

Esse vaivém, do carro para o motorista, do motorista de volta ao carro, é o nó difícil de desatar que tem dado dor de cabeça aos especialistas. "Esse conceito de que, em caso de uma situação perigosa, o homem atuará melhor que a máquina é uma ilusão. É apenas uma forma de transferir a responsabilidade", disse a VEJA o engenheiro israelense Hod Lipson, professor da Universidade Colúmbia, nos Estados Unidos, e coautor do livro *Driverless: Intelligent Cars and the Road Ahead.* Prova dessa dificuldade foi um acidente fatal em maio do ano passado que envolveu um Tesla semiautônomo, e que para muitos foi uma ducha de água fria — mas a investigação provou que, por confiar demais na tecnologia, o motorista se distraiu e não reagiu a tempo de evitar a batida. Essa adoção lenta e gradual da inteligência artificial beneficia o já centenário modelo de negócio das montadoras e prolonga seu protagonismo no setor. Nessa brecha, com empresas tradicionais pisando no freio, deu-se uma interessante movimentação.

IDEIA ANTIGA Anúncio dos anos 1960 de uma companhia elétrica americana: vislumbre da chegada do carro autônomo

DO HOMEM PARA A MÁQUINA

Os cinco níveis de condução autônoma definidos pela Sociedade de Engenharia Automotiva (SAE), que estabelece os padrões internacionais da indústria

Motorista | Computador

O motorista monitora o trânsito

O computador monitora o trânsito

		ACELERAÇÃO FRENAGEM E DIREÇÃO	MONITORAMENTO DOS ARREDORES DO CARRO	EM CASO DE FALHA QUEM ASSUME O CONTROLE	O SISTEMA AUTÔNOMO ENTRA EM AÇÃO
0	**SEM AUTOMAÇÃO** (1885 a 1999)	Motorista	Motorista	Motorista	—
1	**COM AUXÍLIO** (2000 a 2009)	Motorista / Computador	Motorista	Motorista	—
2	**COM AUTONOMIA PARCIAL** (2010 até hoje)	Computador	Motorista	Motorista	—
3	**COM AUTONOMIA CONDICIONAL** **(Estamos aqui)**	Computador	Computador	Motorista	—
4	**COM AUTONOMIA AVANÇADA** (até 2025*)	Computador	Computador	Computador	EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS
5	**100% AUTÔNOMO** (até 2050*)	Computador	Computador	Computador	Computador

* Previsão

O avanço mais relevante na direção de um carro sem motorista não veio de Detroit, a antiga capital automotiva dos Estados Unidos, nem mesmo da Alemanha ou do Japão. Veio do Vale do Silício, na Califórnia. Em 2009, o Google deu uma rasteira em toda a indústria automobilística ao revelar o próprio sistema de direção 100% autônoma, atrelado ao desenvolvimento de um software capaz de ler o ambiente e tomar decisões com base nos dados que recebe, processo que na computação é conhecido como *machine learning*, que designa máquinas que aprendem. O projeto do gigante de tecnologia ganhou tanta envergadura que fez nascer uma empresa separada da matriz, a Waymo. A frota de carros autônomos da Waymo já acumulou mais de 5 milhões de quilômetros de ruas, avenidas e estradas percorridas nos Estados Unidos. Além disso, está lançando um programa-piloto em que oferecerá a moradores selecionados da cidade americana de Phoenix viagens diárias em seus modelos autônomos (um funcionário estará sentado diante do volante apenas monitorando o sistema). O objetivo da empresa é dar um passo além do que as montadoras estão fazendo: apresentar um modelo avançado, quase totalmente autônomo, e que, portanto, saiba como reagir a uma situação desconhecida sem auxílio humano.

A disputa pelo protagonismo no mundo dos carros autônomos entre o setor automotivo e o setor de tecnologia já consumiu bilhões de dólares do orçamento de suas empresas, e foi fundamental para que os sistemas dessem o salto de qualidade dos últimos anos. Embora os setores tenham abordagens diferentes e sejam concorrentes nesse mercado, a tendência é que atuem como inimigos íntimos. Serão "*frenemies*", algo como "animigos", expressão derivada da junção das palavras em inglês *friend* (amigo) e *enemy* (inimigo). "Essa é uma possibilidade", diz o professor Lipson, de Colúmbia. "Outra é que esses players podem comprar uns aos outros. Hoje, uma empresa como o Google ou a Apple tem capital suficiente para adquirir a General Motors e transformá-la em um fornecedor de hardware." A introdução de uma novidade tão disruptiva não é algo simples, tampouco está livre de atrito com a forma como a sociedade está organizada. Para além das limitações tecnológicas, que rapidamente são vencidas, há dúvidas de ordem ética, comportamental e legislativa *(veja no quadro ao lado uma seleção desses dilemas)*. De tudo o que se anda investigando em torno dos autônomos, três questões centrais fazem do tema um fascinante desafio intelectual.

Como seria o desempenho de um carro autônomo na chuva? E se houver um galho caído no meio da rua? Ou um galho de árvore baixo demais? Ou se as marcas que dividem duas pistas estiverem quase invisíveis, situação tão comum nas estradas brasileiras? Os dados colhidos pelo

O FUTURO DA CIDADE SEM MOTORISTA

As mudanças que deverão acontecer para lá de 2050, quando os veículos estiverem rodando sozinhos

OS OLHOS DO AUTOMÓVEL

1 Radar a laser (LiDAR)

No teto do carro, o detector de luz e distância (LiDAR, na sigla em inglês) emite feixes de raio laser, fazendo a leitura em 360 graus e em três dimensões dos arredores do veículo

2 GPS e mapas em HD

O cruzamento de dois tipos de geolocalização, o sinal de GPS sobreposto a mapas digitais de altíssima definição, pode indicar a posição do carro com precisão de centímetros

3 Unidade de medição inercial (IMU)

A tal unidade na verdade é composta de uma série de sensores: um acelerômetro, um hodômetro, uma bussola e um giroscópio, que auxiliam na orientação do sistema autônomo

4 Câmeras

Mais de dez câmeras são espalhadas pelo carro. A variedade de imagens ajuda a identificar objetos complexos como pedestres, bicicletas e placas de trânsito

5 Radar

Capta ondas eletromagnéticas. Com isso, consegue aferir a distância e a trajetória de objetos mesmo em situação de pouca luz (como num nevoeiro ou na penumbra)

SEGURANÇA

O PROBLEMA

No mundo, mais de 1,2 milhão de pessoas morrem anualmente em acidentes de trânsito. Em 94% dos casos, essas fatalidades são resultado de erro humano

A QUESTÃO

No veículo autônomo, quem tomará a decisão em caso de uma colisão inevitável? O que é menos danoso, atropelar um pedestre ou atingir um muro de uma casa?

A RESPOSTA

Recentemente, Elon Musk, o criador da Tesla, afirmou que seu sistema autônomo, o Autopilot, já é duas vezes mais seguro que veículos conduzidos por motoristas. Os carros sem motorista aprendem, por meio de [illegible] artificial, que pedestre e automóvel será sempre melhor que matar uma pessoa

VAGAS

O PROBLEMA

Em média, um carro particular fica parado durante 95% do dia. Até encontrar uma vaga na rua, um motorista pode passar até catorze minutos circulando em baixa velocidade

A QUESTÃO

Como num passe de mágica, já não será mais necessário buscar vagas escassas nas ruas ou em estacionamentos?

A RESPOSTA

Sim. O veículo como certa a maior organização do entra e sai [illegible] por vagas cairá substancialmente. Esse espaço, cerca de 15% da área pública das cidades, dará lugar a novos locais de convivência

SEGURO

O PROBLEMA

Ter um carro significa gastar muito dinheiro quando há batidas que exigem conserto e a cobertura por meio de apólices

A QUESTÃO

Sem uma pessoa ao volante, quem seria responsabilizado por eventuais danos em caso de acidente, o dono do carro ou o fabricante?

A RESPOSTA

Os autônomos virão equipados com uma "caixa-preta" — a exemplo dos aviões — que registrará todos os erros do sistema autônomo. Dessa forma, será ainda mais fácil o processo apontar o culpado por um acidente

MULTAS

O PROBLEMA

A multa dói no bolso de qualquer motorista. Mais que uma medida educativa, ela se tornou uma forma de os governos aumentarem seu orçamento. Em São Paulo, a soma anual chega a quase 2 bilhões de reais

A QUESTÃO

Num tempo em que metrópoles só tiverem carros autônomos, nenhum veículo infringirá as leis de trânsito. A multa, então, será página virada da história?

A RESPOSTA

Haverá queda abrupta na arrecadação. No entanto, será fácil compensar esse rombo, com a economia nos gastos hospitalares relacionados a acidentes de trânsito

TRÂNSITO

O PROBLEMA

Com uma frota global de 1,2 bilhão de carros, ônibus e caminhões, os engarrafamentos são um dado inexorável de gasto de tempo. Um motorista passa em média 42 horas por ano diante do volante

A QUESTÃO

O carro autônomo tende a fazer crescer o uso compartilhado de automóveis — haverá uma queda, portanto, no número de veículos em circulação?

A RESPOSTA

Carros inteligentes, conectados para uma maior fluidez do trânsito. A diminuição do famoso "anda e para" também terá impacto na eficiência do motor

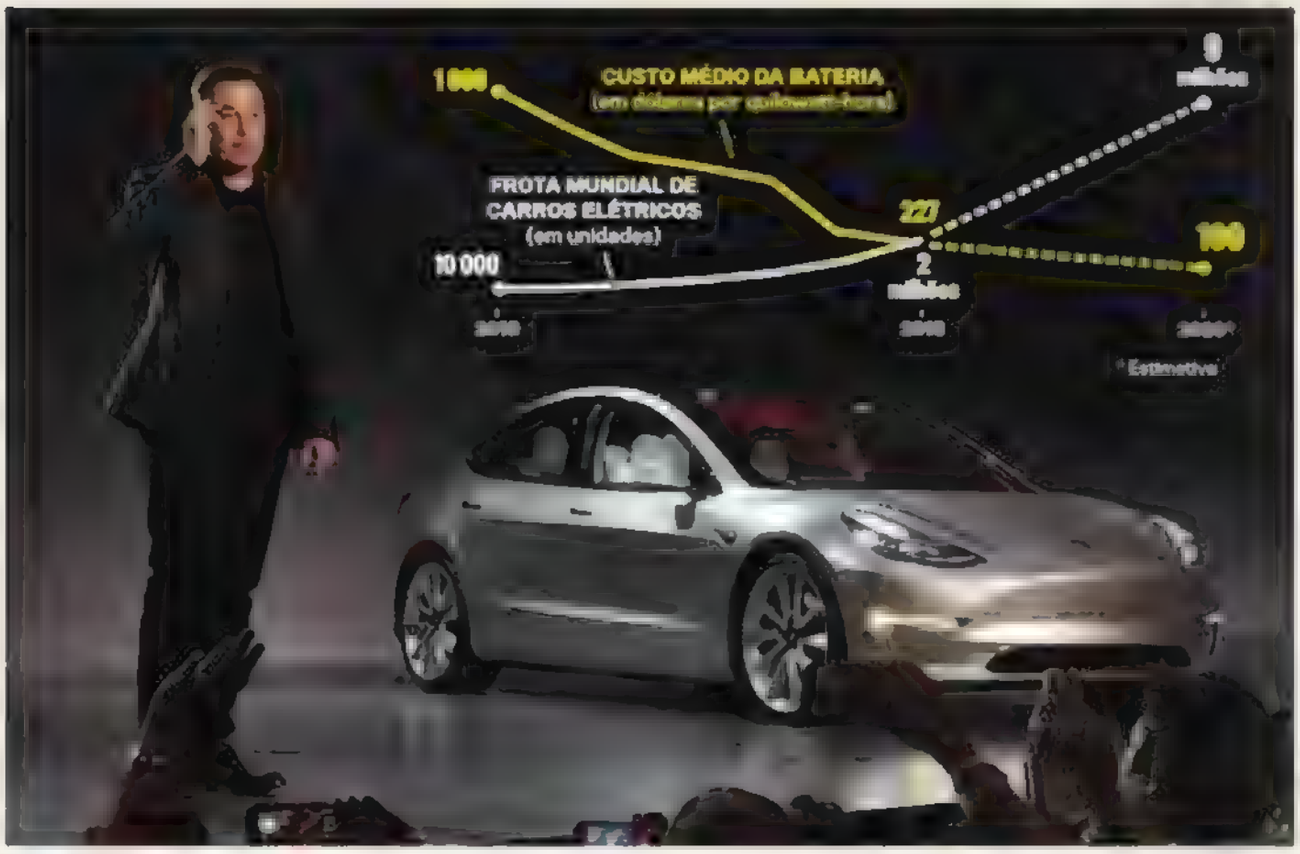
ANTES DE SER AUTÔNOMO, ELE SERÁ ELÉTRICO E CHINÊS

Responsável por um quinto da emissão de dióxido de carbono do planeta, o motor a combustão está definitivamente com os dias contados. A cada mês, um novo país anuncia sua meta radical de proibir a comercialização de automóveis movidos a gasolina ou diesel até a metade deste século – hoje rodam pelo mundo 2 milhões de carros elétricos, nem 1% da frota total existente. Mais recentemente, a China apresentou seu plano de erradicar o uso de combustível fóssil em seus veículos. O gigante mercado automotivo chinês, o maior e mais lucrativo do mundo, deve catapultar as vendas e a demanda por novos modelos movidos a eletricidade em todo o planeta.

Para atingir tamanho objetivo, porém, será preciso atacar uma incômoda limitação dos elétricos: a capacidade de carga das baterias, hoje feitas de íon de lítio. A boa notícia é que o preço de custo de produção desse componente crucial – que representa quase 50% do valor de mercado do automóvel – está caindo vertiginosamente. Em 2010, cada quilowatt-hora custava 1000 dólares. Na próxima década, estima-se que o custo estará na casa dos 100 dólares.

Pioneira na produção de carros movidos a bateria, a companhia americana Tesla começou a entregar em julho deste ano as primeiras unidades de seu primeiro automóvel elétrico de preço acessível. Batizado de Model 3, ele custa, na versão mais barata, 35 000 dólares – os Tesla anteriores partiam do dobro desse valor. O Model 3 tem autonomia de 350 quilômetros. Ou seja: essa é a distância que o carro consegue percorrer com uma carga de bateria.

A Tesla acumula uma lista de quase 500 000 interessados no novo carro elétrico. Os futuros compradores até já depositaram um sinal de pagamento. Para atender a toda essa demanda, a companhia do empreendedor sul-africano Elon Musk construiu uma enorme fábrica de baterias no deserto do Estado de Nevada para abastecer seus carros. Mesmo assim, a Tesla está atrasada na entrega dos pedidos. Com apenas 220 unidades do Model 3 entregues de julho até agora, a empresa está longe de atingir a meta de, até o fim do ano, produzir 5 000 carros por semana. Musk precisará correr para não decepcionar o séquito de seguidores e, pior, de investidores do mercado financeiro.



VAI ENTREGAR? Elon Musk, dono da Tesla: seu novo carro tem fila de espera de quase 500 000 compradores

automóvel sem motorista serão sobrepostos pelo computador de modo a criar uma réplica virtual do mundo ao seu redor. Ou seja, o sistema foi projetado para ser redundante. Caso um sensor não reconheça claramente um objeto à frente, outro pode cobrir o ponto cego. Não se trata de um sistema à prova de falhas, mas elas serão menos frequentes que os erros que cometemos no trânsito todos os dias. É o mesmo princípio da aviação: um Airbus passa boa parte do tempo de voo sendo operado pelo computador de bordo, alimentado por milhares de sensores espalhados pela aeronave. O erro de leitura acontece, é claro. Foi o congelamento de sensores que causou a queda do avião da Air France que fazia a rota Rio-Paris, matando 228 pessoas, em junho de 2009. Mas o acidente não nos levou a renunciar às viagens de avião, pois sabemos que estatisticamente falhas tão severas são algo muito raro.

As pessoas deixarão de comprar carros já que serviços compartilhados como o Uber seriam tão mais baratos? Isso poderia mudar a paisagem urbana de algumas grandes cidades? A consultoria internacional McKinsey, em parceria com analistas financeiros da Bloomberg, divulgou um extenso material sobre o futuro da mobilidade urbana. No relatório, publicado em outubro do ano passado, prevê-se que, até 2030, 60% da população mundial viverá em áreas metropolitanas. O número de megacidades, com população superior a 10 milhões de habitantes, crescerá consideravelmente. Com elas também crescerão a densidade demográfica, o consumo de energia, a poluição e, obviamente, os congestionamentos. A McKinsey, então, aponta três fatores cruciais sustentáveis das cidades do futuro: motorização elétrica, compartilhamento de carros (ou serviços de mobilidade como o Uber) e veículos autônomos.

5
MILHÕES
de quilômetros já foram rodados nos EUA pelo carro autônomo da Waymo, costela do Google

O carro sem motorista será mesmo, insista-se, mais seguro que o operado por um humano? Sim. "Um carro autônomo não assumirá riscos nem testará os limites de uma direção segura", disse a VEJA Thomas Müller, engenheiro-chefe de desenvolvimento de chassis da Audi, que fabrica o A8. "Ele pode viajar por milhares de quilômetros sem ficar cansado nem se distrair, características fundamentais para reduzir o número de acidentes." O que será preciso definir é outro passo: quão seguro o sistema deve ser antes de sua implantação maciça. A Califórnia, casa das principais empresas de inovação, acredita que a tecnologia já é suficientemente madura para interagir com sua população: a partir do ano que vem, serão concedidas as primeiras licenças de teste para carros sem humano ao volante.

É natural que a ideia de um computador conduzindo um veículo de 1 tonelada que carrega vidas humanas provoque algum tipo de incômodo. Ele saberá tomar a decisão certa quando confrontado com uma situação crítica? Em 1967, a filósofa inglesa Philippa Foot criou um cenário hipotético — chamado de o Dilema do Bonde — para desafiar seus alunos. O teste: um bonde desenfreado se vê diante de um impasse — ou mantém seu curso e atropela (e possivelmente mata) cinco trabalhadores ou muda de pista tirando a vida de um único operário. A hipótese de Philippa Foot ganhou ao longo dos anos versões ainda mais dramáticas e mórbidas, envolvendo bebês e mulheres grávidas. Sejam quais forem a versão e a resposta para o Dilema do Bonde, há uma provocação aos olhos de hoje: por que, eticamente, se aceita que uma pessoa faça essa escolha numa fração de segundo, com grandes possibilidades de erro, e rejeita-se um sistema inteligente (e programado por outros seres humanos) capaz de fazer cálculos de probabilidade com maior velocidade e precisão?

Uma pessoa pode até tirar algum aprendizado depois de sofrer ou provocar um acidente. Mas o computador saberá com precisão infinitamente superior qual a causa da colisão e o que fazer para evitá-la no futuro. Isso com um benefício ainda maior: esse conhecimento não é individual, e será compartilhado com o restante da frota de carros inteligentes de forma instantânea. Numa entrevista a VEJA em 2013, pouco antes de morrer, um dos pioneiros na questão da autonomia sobre quatro rodas, o professor Clifford Nass, da Universidade Stanford, iluminou a estrada. "A indústria tecnológica quer transformar o carro em um produto que pode ser atualizado com o passar do tempo, como um smartphone", disse. "Ele será aprimorado com o passar do tempo. Empresas como o Google perceberam que, com o conhecimento que temos hoje, o carro pode atuar sozinho em 30% do tempo. Não é 100%, mas já é alguma coisa. Mas pense que daqui a duas semanas uma atualização pode estar disponível, e agora seu carro pode ser autônomo em 35% do tempo. Seu carro acaba de ficar melhor que quando você o comprou."

Melhor, mais seguro e economicamente mais viável. Apenas no século XX, acidentes de automóveis mataram 30 milhões de pessoas — ou metade das mortes na II Guerra Mundial. De acordo com a OMS, batidas no trânsito custam para a maioria dos países cerca de 3% do PIB. O custo dessa epidemia no Brasil é de 56 bilhões de reais, segundo levantamento do Observatório Nacional de Segurança Viária, ou 1% do PIB. Só a redução dessa mortandade e dessa gastança, se de fato acontecer, já é um motivo para festejar. ■

"DÁ UM FRIO NA BARRIGA"

VEJA testou o carro autodirigível da Uber. De início, houve o natural receio de acidente. No fim, porém, a travessia se revelou tranquila **FILIPE VILICIC,** de Pittsburgh (EUA)

TESTES DE BAFÔMETRO? Dispensáveis — eles jamais dirigem alcoolizados. Cochilo no volante? Impossível — eles jamais dormem ao dirigir. Ultrapassar o limite de velocidade, fechar o veículo do lado, fazer conversão proibida — tudo isso é coisa de humanos, com seus vícios muitas vezes letais, suas limitações físicas, seu cérebro sensível a intempéries subjetivas. Ou seja: substitua por carros autônomos os automóveis guiados por motoristas de carne e osso e o trânsito se tornará inapelavelmente mais seguro. Não, não vai aí o mais remoto resquício de misantropia. Pelas contas dos entusiastas dos veículos capazes de se autodirigirem, nove em cada dez acidentes nas ruas e estradas poderiam ser prevenidos se os mais de 1 bilhão de veículos do planeta fossem substituídos pela completa automação.

Há, contudo, um fato inarredável: entrar num carro que será conduzido por meio de uma inteligência artificial (IA) gera desconfiança, para não falar de uma boa dose de temor. A convite da Uber — a empresa americana por trás do aplicativo de transporte de mesmo nome que mexeu para valer com a mobilidade urbana e nos últimos anos tem investido pesado no desenvolvimento de autônomos —, VEJA testou um dos modelos mais avançados disponíveis nessa área. Não sem alguns solavancos no caminho.

A empresa testa atualmente 200 veículos autônomos, todos com carcaça fornecida pela sueca Volvo, mas desenvolvidos e fabricados em um galpão em Pittsburgh, no Estado americano da Pensilvânia. O complexo, inaugurado em 2015, ano em que lá batiam ponto em torno de quarenta empregados, conta hoje com 700 funcionários. O cenário interno mistura elementos típicos de uma startup do Vale do Silício californiano — como as paredes claras, a falta de decorações triviais, a penca de engenheiros jovens ostentando um jeitão de gente saída "de Stanford ou de Harvard" — com um ambiente que lembra mais uma oficina mecânica, no qual são montados os automóveis. Essa segunda área é tratada com sigilo (quase) total. Há nela, por toda parte, avisos de que fotos são proibidas, sob pena de severa advertência e punição. Todo cuidado é pouco para que segredos preciosos como a tecnologia que rege o computador de bordo, ali desenvolvida, não vaze. É enorme a concorrência com gigantes como Google e Audi.

Além de Pittsburgh, carros autodirigidos circulam por outras três regiões urbanas: São Francisco, na Califórnia, as cercanias de Phoenix, no Arizona, e a canadense Toronto, em Ontário. Apenas em Pittsburgh e em Phoenix, entretanto, passageiros já podem deparar com um deles ao acionar o serviço regular da Uber. Sim, quando se solicita um automóvel no aplicativo em um daqueles municípios há a chance de aparecer, no lugar requisitado, um veículo sem motorista. Antes, porém, é perguntado ao cliente, com toda a transparência recomendada, se ele aceita a experiência. "Nunca presenciei uma recusa", garantiu um dos funcionários da Uber que acompanhou a viagem feita por VEJA e pediu o anonimato porque não é porta-voz oficial da empresa. "Na verdade, quem nos vê transitando fica com mais curiosidade do que medo", completou. É inevitável, no entanto, sentir receio nas primeiras voltas.

Pela lei local, ainda é necessária a presença de um humano ao volante, para, vá lá, garantir a segurança. Na nossa experiência, além do motorista que servia de "copiloto", também havia outro funcionário da Uber no banco de passageiro da frente. Nem por isso a desconfiança desapareceu. O carro se guiava pelas ruas estreitas de Pittsburgh com o volante rodando a esmo, como se estivesse sendo manipulado por um fantasma. Em dado momento, um outro motorista, esse de carne e osso, fechou o veículo para fazer uma curva (ilegal) à esquerda, com o farol fechado para o humano. Nisso, o autônomo freou. Não bruscamente, mas de maneira delicada. Mesmo assim, foi de dar frio na barriga.

"Aqui em Pittsburgh é comum que os motoristas façam essa manobra incorreta, de entrar na rua à esquerda, furando o sinal vermelho, enquanto outros carros passam na direção contrária. Por isso, a máquina aprendeu a se comportar adequadamente nessas situações", relatou o engenheiro mecânico americano Noah Zych, chefe do departamento de sistema de segurança da Uber. Ele é o responsável para que nada dê errado nas viagens dos autônomos. Viagens que já somam 30 000 idas e vindas, com mais de 1,5 milhão de quilômetros percorridos — e poucos acidentes registrados (a empresa não revela o número exato). Em março deste ano, sete meses após o início das experiências em Pittsburgh, uma batida no Arizona levou à paralisação das operações na região. No fim, descobriu-se que

A VISÃO DA MÁQUINA

Como o carro autônomo "observa" o mundo

Em tons de amarelo e laranja aparecem os objetos reconhecidos pelo computador como fixos – faróis e carros estacionados, por exemplo

Em azul ficam os itens considerados como "variáveis", em especial o que está em movimento (automóveis em trânsito, pedestres, ciclistas etc.)

Em vermelho é destacado o que pode representar perigo mais iminente, como automóveis muito próximos

A faixa verde mostra a trajetória do veículo – a passada, a presente e a que ele deve seguir depois de definida a rota

Neste quadro se sobrepõem informações como o nome da via pela qual se está circulando e o limite de velocidade local, sempre respeitado pela inteligência artificial que comanda o veículo

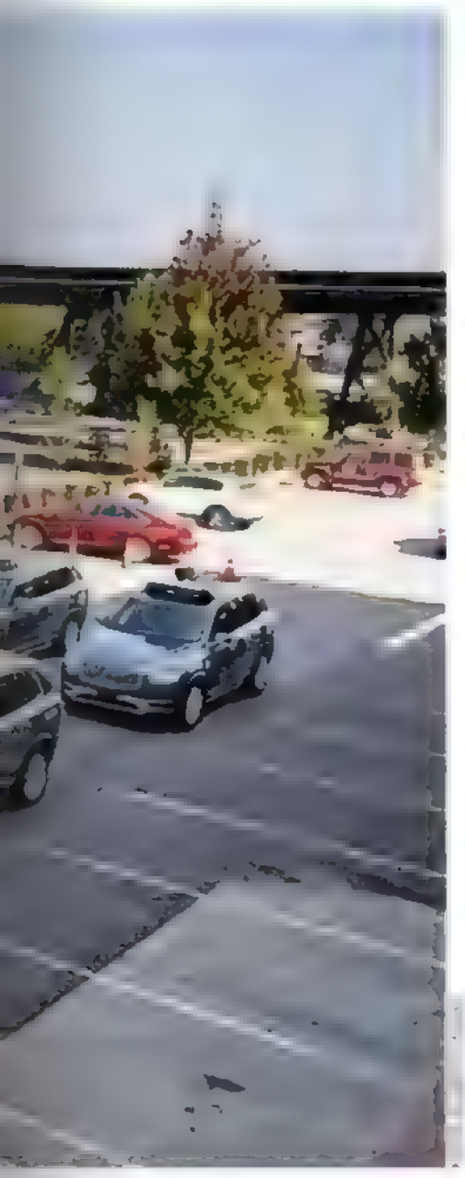
200
VEÍCULOS
autônomos já são testados pela marca

a culpa era do outro veículo, guiado por um humano, e a Uber voltou às ruas.

A IA é ótima aluna, aprende com seus erros, a cada jornada melhora o desempenho. Por exemplo, quando começaram a circular em Pittsburgh, os modelos da Uber tiveram problemas para transpor pontes. Isso em um município apelidado de "A Cidade das Pontes" (há por lá cerca de 500 dessas construções). Ao deparar com uma delas, o autônomo brecava e pedia que um humano assumisse o volante. Contudo, em poucas semanas, o carro usou seu radar — que escaneia o ambiente ao redor, em tempo real, em três dimensões e em 360 graus —, suas sete câmeras e outros sensores para mapear Pittsburgh e, assim, passou a compreender a malha urbana. Resultado: hoje, ele já consegue "entender" a "rua que passa por cima de um rio", e atravessa as pontes sem dificuldades.

APRENDIDADO
Os modelos da Uber ainda não sabem lidar com situações como dar passagem a ambulâncias e viaturas

"Mas outro dia um garoto desceu de um automóvel no meio da rua, num lugar onde não poderia, e o autônomo foi surpreendido", relatou um funcionário da Uber. "Felizmente, a máquina brecou, de forma brusca, e evitou uma tragédia." No percurso realizado por VEJA, o motorista (humano) pegou na direção em três ocasiões. Em uma delas, quando se ouviu a sirene de uma ambulância. "O dispositivo não reage bem próximo a veículos de emergência", explicou o guia. A segunda aconteceu ao trafegar por uma rua em obras. A explicação: "Construções não são bem entendidas". A terceira: quando foi preciso passar por uma ferrovia. Só que, nesse caso, o autônomo, para surpresa do empregado da Uber, compreendeu a situação, parou próximo ao local e só prosseguiu, sozinho, ao reparar que não corria o risco de defrontar-se com algum trem ines-



A TECNOLOGIA
No alto, radar que escaneia o ambiente; acima, antena ligada ao GPS, que troca dados com o computador de bordo

perado. "Nossa, antes ele não conseguia fazer isso!", espantou-se o motorista.

"Sempre me questionam se as pessoas terão medo de andar num desses carros. Como resposta, compartilho como foi com meus pais", contou Zych, da Uber. Recentemente, ele levou a família para uma excursão. De início, o engenheiro mecânico recorda, houve hesitação. "No fim da viagem, perguntei ao meu pai como tinha sido a experiência e ele respondeu: 'Uma chatice'", continuou Zych. "É isso que queremos", garantiu. Por quê? O sonho da Uber é que ninguém mais precise ter um automóvel na garagem. Nesse mundo imaginário, todos andariam em veículos autônomos. Para se chegar ao cenário ainda fictício, esses carros deverão ser inteiramente confiáveis. Isso será possível? Consideremos uma perspectiva histórica. Na virada do século XIX para o XX, automóveis eram vistos com desconfiança, tanto que na Inglaterra havia uma lei que os impedia de trafegar acima de 3 quilômetros por hora — e era preciso que alguém andasse à frente deles, com uma bandeira vermelha, alertando da sua passagem. Na Nova York da década de 20, elevadores automáticos — sem ascensorista — tinham avisos para informar as pessoas de que seriam guiadas pela máquina. Essa medida pretendia diminuir a aflição de entrar num desses então modernissimos equipamentos. Hoje, tememos os carros autônomos, como ocorreu com os primeiros automóveis e os elevadores automáticos. Daqui a duas décadas, entretanto, essa invenção deverá virar mais uma tecnologia rotineira. Dará até para tomar um vinho com os amigos e voltar sozinho, de carro, quem sabe até tirando uma soneca no banco de trás. ■

VIDA LONGA E PRÓSPERA

Um novo estudo, com base em dados genéticos de 600 000 pessoas, mostra como hábitos estimulados pela configuração do DNA influenciam na longevidade **JENNIFER ANN THOMAS**

"A EXPECTATIVA DE VIDA é um fenômeno estatístico. Mesmo assim, você ainda pode ser atropelado por um ônibus amanhã", gosta de lembrar o americano Ray Kurzweil, cientista da computação, inventor e futurista — nome dado ao especialista em prever como viveremos daqui a alguns anos, ou mesmo séculos. Um dos focos dos estudos de Kurzweil, financiado por empresas como Google, é justamente mostrar como inovações da ciência de manipulação genética podem estender a vida humana. Para ele, em algumas décadas, o progresso tecnológico levará à seguinte situação: morrer será difícil, ainda que inexorável. O.k., entendido. Mas quão difícil? Se "a expectativa de vida é um fenômeno estatístico", quais dados devem ser considerados para calcular a jornada? Nos últimos vinte anos, os avanços nas pesquisas genéticas levaram a conclusões precisas sobre qual seria a predisposição de cada indivíduo para viver mais, ou menos.

CABEÇA DE ESTUDANTE

O hábito: continuar a frequentar cursos na vida adulta

Foram identificadas alterações genéticas típicas de quem se dedica mais aos estudos

O impacto na expectativa de vida: onze meses a mais a cada ano de aprendizado além do ensino médio

O PERIGO DO TABAGISMO

O hábito: fumar um maço de cigarros por dia

Ligado a genes que aumentam a vulnerabilidade à dependência química

O impacto na expectativa de vida: sete anos a menos

O mais recente trabalho nessa linha foi publicado em 13 de outubro pela Universidade de Edimburgo, na Escócia. Ele indica o caminho para uma resposta mais objetiva acerca dessa questão, sensível para qualquer um de nós. Baseado em informações genéticas de 600 000 indivíduos, o estudo descobriu, por exemplo, uma alteração que potencializa o efeito negativo de alimentos com o chamado "colesterol ruim", como frituras (o que não significa, é claro, que essa predisposição de DNA seja sempre a responsável por disparar ou impedir o mau hábito na alimentação). Quem herdou tal configuração hereditária pode ter uma redução de oito meses, em média, na expectativa de vida. Já outra variação genética, ligada a melhoramentos no sistema imunológico, acarreta o oposto: um aumento de cerca de seis meses no tempo de permanência no mundo dos vivos. A pesquisa também ratificou o grau de periculosidade de hábitos como o fumo: o cigarro é responsável por 25% das mortes por doenças cardíacas, 30% por câncer de boca e 90% por câncer de pulmão. De acordo com o estudo escocês, independentemente dos males que se desenvolvem em consequência da nicotina, qualquer pessoa que fumar um maço de cigarros por dia terá sete anos a menos de vida.

"É crucial ressaltar, porém, que, apesar de ser impossível mudar nossa herança genética, não somos escravos dela. Afinal, podemos resistir aos impulsos desenhados em nosso DNA", afirmou a VEJA o geneticista escocês Peter Joshi, o principal nome à frente do novo trabalho. Para contextualizar, explicou ele, imagine um homem com tendência a consumir mais açúcar e a praticar menos exercícios, resultando disso alguns meses a menos de vida, segundo a conta dos dados genéticos. Caso não cedesse à tentação, deixasse de comer doces e passasse a frequentar uma academia com regularidade, ele venceria o suposto déficit imposto por seus genes. "Também não podemos deixar de considerar o fator 'sorte' nesse cálculo", acrescentou Joshi. "Sempre há exceções, como aqueles indivíduos que demonstram um estilo de vida nada saudável e ainda assim chegam a uma idade avançada. E vice-versa", destacou o geneticista.

Aos que não se fiam apenas na fortuna, a pesquisa oferece sugestões valiosas. Os estudiosos de Edimburgo descobriram uma série de variantes que levam a hábitos saudáveis, capazes de prolongar a existência. A predisposição a ter uma dieta com menor apreço pelo açúcar ou por pratos com "colesterol ruim" acarreta, como consequência, oito meses a mais de vida. Continuar estudando depois de atravessar o ensino médio — hábito avaliado como sendo 20% herdado dos genes dos pais — representaria um ano extra. "No fim das contas, o que mais colabora para a longevidade é uma boa educação, pois ela costuma proporcionar uma maior consciência de si e maior motivação para viver melhor", diz Joshi. Ter bom-senso, na vida em geral, também é sem dúvida uma ajuda e tanto. ■

NÃO SÃO SÓ UNS QUILINHOS A MAIS

O hábito: ser sedentário

Variações no gene Apoe aumentam a tendência a engordar

O impacto na expectativa de vida: dois meses a menos a cada quilo acima do peso ideal, na fase adulta

FAST-FOOD MORTAL

O hábito: ingerir alimentos com "colesterol ruim", como frituras, por exemplo

Pode-se herdar do DNA dos pais a tendência a desenvolver doenças pelo consumo de pratos mais gordurosos

O impacto na expectativa de vida: oito meses a menos, mesmo que a pessoa esteja com o peso ideal

O ESTILO NEYMAR

A mudança para Paris está fazendo bem ao visual do craque. As extravagâncias do jeitão boleiro continuam presentes, mas vêm ganhando um toque de classe **ISABELA IZIDRO**

MUITA GENTE que viu o jogador Neymar de smoking vinho no meio de um mar de trajes escuros na premiação dos melhores do ano da Fifa, em Londres, na segunda 23, foi correndo fazer piada nas redes sociais. Pois surpreenda-se: para quem entende de moda, ele estava elegante na medida certa para um jovem de 25 anos entre veteranos que ele próprio vai (se tudo der certo) desbancar. Os motivos mais citados para a gradual metamorfose do garoto espalhafatoso de penteados atrozes em adulto de gosto ainda, digamos, excêntrico mas seguramente mais requintado são a mudança para a Espanha, há quatro anos, e, principalmente, a relocação para a França, em agosto. "Paris explica tudo. A cidade tem um *dress code* poderoso. Lá se torce o nariz para o visual despojado e moletom é malvisto. Neymar é um cara que gosta de moda. Não poderia dar outra coisa", afirma a jornalista Iesa Rodrigues, especialista no assunto.

O smoking em questão, em tecido meio furta-cor que vai do vinho ao azulado, acompanhado de gravata estreita no mesmo tom, é obra do estilista Ricardo Almeida, de quem o jogador é cliente desde 2011. "O traje exprime bem o jeito ousado e inovador de Neymar. Seu grande diferencial é poder fazer o que quiser. Roupas que causariam estranheza em outra pessoa nele viram tendência", diz Almeida. O mesmo estilista assina outro visual recente do atacante, o terno usado no casamento da atriz Marina Ruy Barbosa, azul-marinho com filetes de xadrez em tom tijolo, que Neymar completou com chapéu e tênis — acessórios sobre os quais Almeida não tem jurisdição: "Só produzo os ternos".

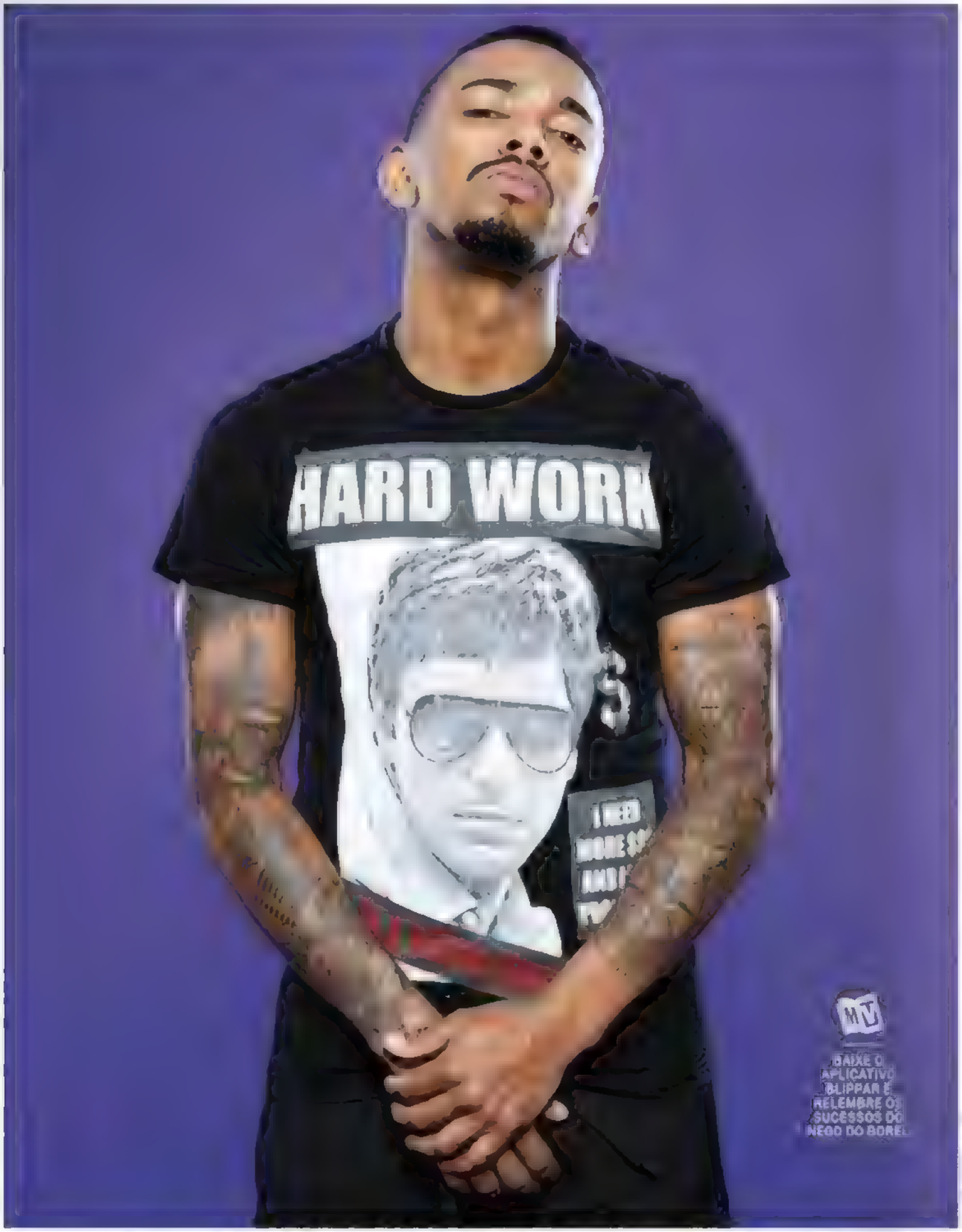
APROVADO Neymar em tom de vinho: um jovem abusado entre os veteranos

Brasileiros que foram jogar na Europa e passaram pelos grandes centros da moda confirmam que a mudança enverniza o estilo. "Em apenas uma tarde, já gastei milhares de euros em roupas na Champs-Élysées", declarou em entrevista o atacante Fred, que jogou quatro anos na França e hoje está no Atlético Mineiro. "Paris é uma cidade sensacional, onde aprendo muito sobre moda", empolgou-se David Luiz na época em que atuava no PSG (atualmente está no inglês Chelsea). Também acontece de a imersão no mundo fashion provocar certa dose de alucinação — e Daniel Alves é a prova em pessoa, com sua escalafobética coleção de jaquetas metalizadas, calças coloridas e bermudas quase saias. Amigo do peito e colega de time de Daniel Alves, Neymar admira a sua ousadia. Indagado sobre quem é, na sua opinião, o jogador mais estiloso, cravou: "Dani Alves".

Da curta passagem pelo Brasil neste mês, para jogar na seleção e esticar no casamento de Marina, Neymar levou mais dois ternos Ricardo Almeida ainda inéditos. O estilista conta que faz sugestões de tecidos e cortes, que, mediante aprovação do jogador, confecciona com base nas medidas anotadas no ateliê. "Não interfiro no estilo. Ele chega com a ideia do que quer e, juntos, trabalhamos a melhor forma de pô-la em prática", explica. As provas são feitas conforme a disponibilidade do cliente e normalmente acontecem em quartos de hotel reservados para isso. A assessoria do jogador garante que ele vai às lojas para comprar as próprias roupas e se arruma sozinho, sem ajuda profissional. É de sua exclusiva autoria, portanto, o look todo branco com jaqueta vermelha Louis Vuitton por cima (mais colares, brincos e óculos, de que não precisa) exibido no mês passado em uma noitada em Londres. Diferente, sim — mas certíssimo para Neymar. "É normal uma estrela querer se diferenciar do padrão. E a moda masculina precisa disso para acordar", diz o estilista João Pimenta.

O jogador também ganha muita coisa. Na semana de moda de Paris, no final de setembro, compareceu como convidado (com Daniel Alves) ao desfile da grife de luxo Balmain vestindo luxo — e, sim, elegância — dos pés à cabeça. Um avanço e tanto para quem ostentou no início da carreira, e até hoje repete, o moicano mais pavoroso — e imitado — da história dos penteados. Jovem, milionário, em ótima forma física, influente (tem 83 milhões de seguidores no Instagram), Neymar, neste viés parisiense, é candidato a entrar para a seleção sartorial do muito cool David Beckham (que, aliás, já foi a expressão de tudo o que é brega). Nada garante que não vá derrapar nos excessos da moda ostentação. Tudo bem — é do jogo. ■

VESTIDO PARA INFLUENCIAR De terno, chegando para um jogo do PSG, e na balada em Londres: "Paris explica tudo"



SUCESSO NO ASFALTO Nego do Borel: o nome de batismo, Leno Maycon, homenageia John Lennon e Michael Jackson

O SUPERSTAR DO GUETO

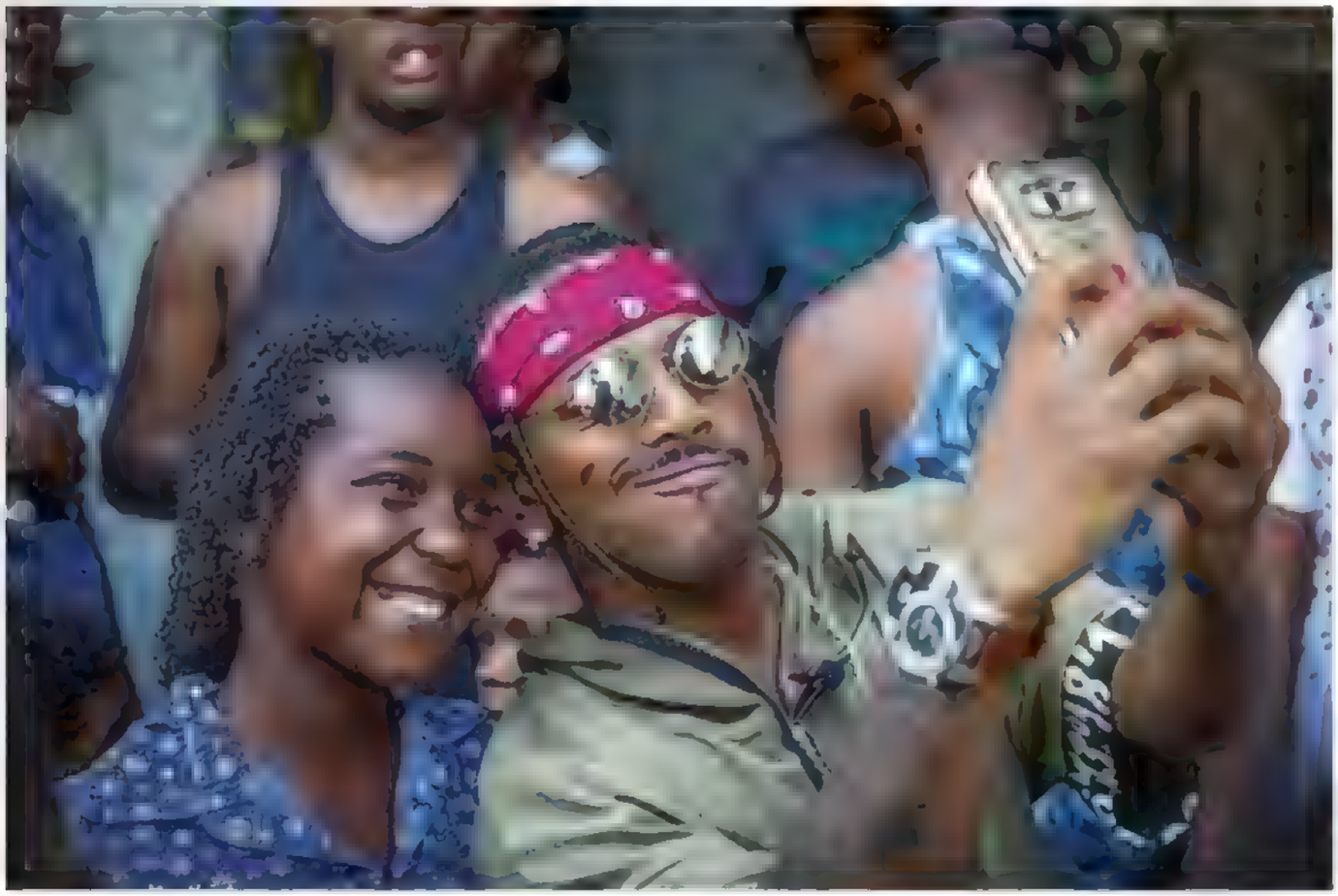
Como Leno Maycon, o Nego do Borel, saiu da favela cujo nome adotou para se tornar o principal astro masculino da vertente pop do funk **SÉRGIO MARTINS**

ROSELI VIANA sentiu um aperto no coração quando seu único filho, Leno Maycon, chegou em casa com um aparelho dentário. Disse ao rapaz que não teria como bancar o tratamento ortodôntico — ainda que em parcelas mensais de 50 reais "a perder de vista". Maycon, no entanto, tinha outros planos. Talento em ascensão no oscilante mundo do funk carioca, acreditava que logo multiplicaria os caraminguás arrecadados em bailes do Rio. "Ele garantiu que consertaria os dentes e que em pouco tempo eu não precisaria trabalhar", recorda-se Roseli. Cinco anos depois, o trabalho de diarista ficou realmente para trás. O filho acomodou a mãe em sua luxuosa casa no Recreio, na Zona Oeste do Rio, e ainda lhe presenteou com um possante Chevrolet Tracker (e Roseli nem tem carteira de motorista). Tudo fruto do sucesso de Leno Maycon — aliás, Nego do Borel. Ele hoje faz cerca de quinze apresentações mensais, a um cachê médio de 60 000 reais. Na semana passada, consagrando o trânsito feliz de suas canções entre morro e asfalto, Nego do Borel estreou o single *Eu Vacilei, Mas Eu Te Amo*. Como estratégia de divulgação, 32 celebridades — entre elas a atriz Juliana Paes, o cantor Wesley Safadão e a apresentadora Sabrina Sato — apareceram cantando trechos da música no Instagram. "Sou talentoso, lindo, gostoso — e modesto", diz o funkeiro.

Nascido há 25 anos na favela que lhe deu o nome artístico, Maycon pouco fala do pai — prefere dizer que ele "morreu". Esse pai ausente contribuiu com o nome do menino: Leno Maycon é uma homenagem abrasileirada a John Lennon e Michael Jackson. Na infância, sonhava ser jogador de futebol. Foi lateral no time infantil do Fluminense. "Mas eu só tinha fôlego para ir, não conseguia voltar", brinca. Abandonado o sonho futebolístico, o funk despontou como alternativa. Em 2012, Nego do Borel participou do grupo de dança Bonde das Maravilhas. "Eu chamei as dançarinas para se apresentar na minha festa de aniversário. Prometi 400 reais, paguei 200, mas assim mesmo elas deram um empurrão na minha carreira." Dois anos mais tarde, veio *Ah, Não, o Brinquedo Não*, a primeira de suas canções a chegar à Zona Sul do Rio.

Nego já foi do "proibidão", estilo de funk que flerta com a criminalidade e a pornografia, e depois enveredou pela vertente da ostentação. Mas não faz mais nem pinta de marginal nem de novo-rico: seu funk agora é mais pop e radiofônico. "Ele se reinventou. É um artista que oferece um produto a plateias diferenciadas", analisa o produtor cultural Julio Ludemir, autor de *101 Funks que Você Tem de Ouvir Antes de Morrer*. "Os MC's estão percebendo que podem ter uma vida útil muito maior no pop", atesta Kamilla Fialho, empresária responsável pelo início da carreira de Anitta.

"Queria tocar na programação normal da rádio, não ficar restrito aos programas de funk", diz Nego. Para realizar essa ambição, uniu-se



RAIZ NO MORRO Nego, no Borel: carinho pelo Dia das Crianças, a única data em que ganhava presentes na infância

ao produtor Umberto Tavares, responsável pela conversão de Anitta e Ludmilla ao universo pop. "Ele me procurou para fazer um reposicionamento de carreira", diz o produtor. O resultado foi *Não Me Deixe Sozinho*, até hoje uma de suas músicas mais populares. Ainda em 2015, veio o contrato com a Sony Music, episódio em que Nego do Borel revelou sua faceta trocista. Conta Paulo Junqueiro, presidente da gravadora: "Ele olhou para mim e disse: 'Esse cara feio, gordo e careca é presidente da Sony?'. Mandei contratá-lo no ato". E no mesmo ano foi coroado com o papel em *Malhação*, novela na qual viveu o personagem Cleyton por duas temporadas (hoje, está no novo *Os Trapalhões*), e com o hit *Você Roubou Meu Coração*, parceria com Anitta e Wesley Safadão. "Participar de uma canção com esses dois foi um presente. Nego é meu irmão", derrete-se Safadão. O irmão fala do esforço conjunto com menos reverência e mais gabolice: "Está vendo? Os dois gravaram comigo e passaram para um patamar superior".

Nego do Borel já não vive no Borel, mas não perdeu o contato com o lugar. Faz questão, por exemplo, de animar o Dia das Crianças do morro. "Gosto do Dia das Crianças. Era quando eu ganhava presente. No meu aniversário, o máximo que tinha era um bolo decorado com pipoca, feito pela minha avó", lembra. VEJA acompanhou Nego em sua visita ao Borel no dia 12 de outubro. É um lugar em que se deve tomar cuidado por onde se anda (e com quem se fotografa). Mas Nego do Borel estava em casa: distribuiu presentes à criançada, fez selfies com fãs e conversou com amigos.

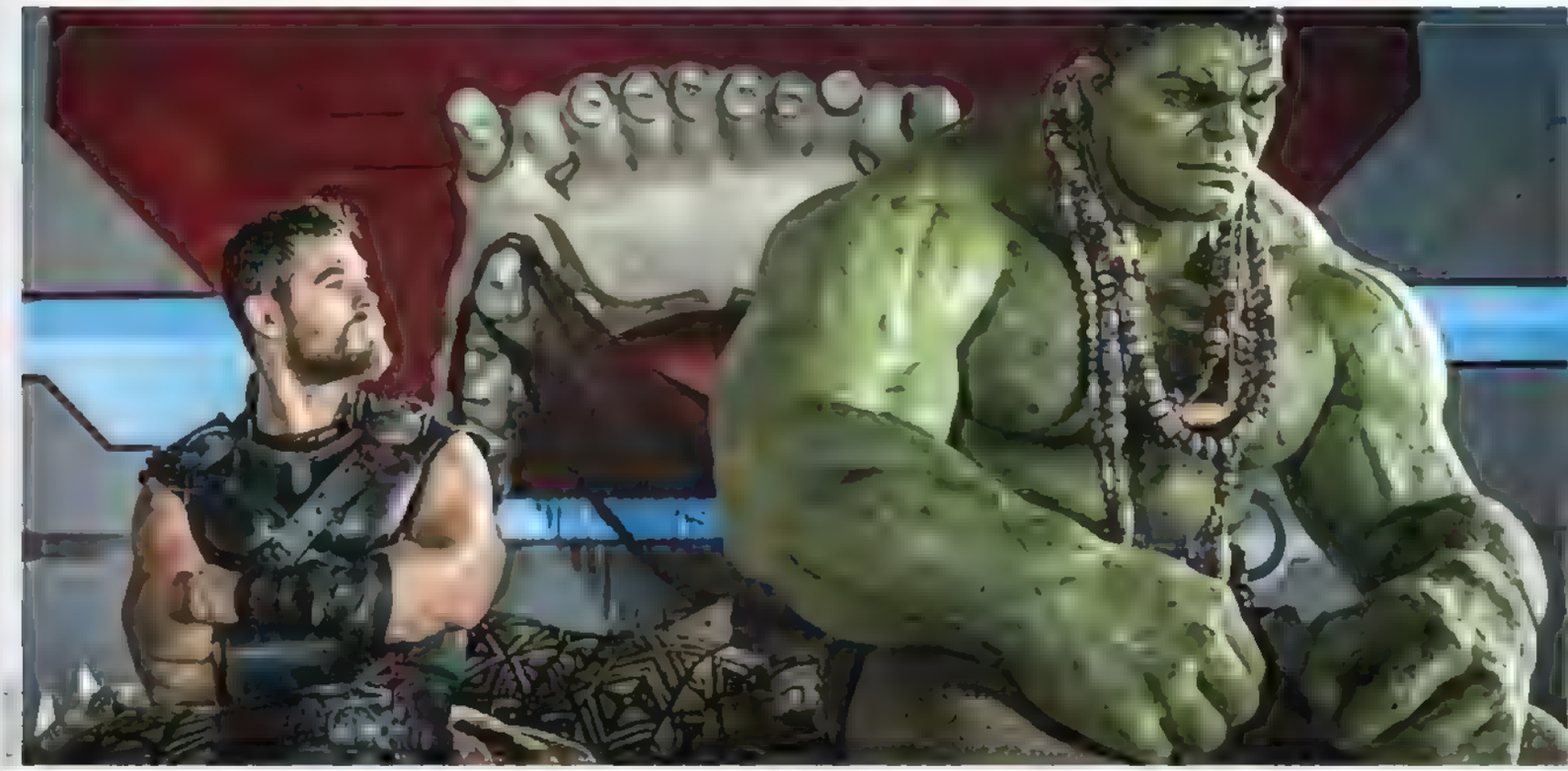
No mundo do asfalto, Nego do Borel é uma marca de sucesso que referenda outras marcas — faz comercial de supermercado e celular. "Ele é de ponta, pode validar qualquer coisa", avalia o publicitário Sérgio Amado. Tal como a amiga Anitta, Nego tem ambições internacionais. O plano da gravadora é lançá-lo no reggaeton, aquele gênero meio jamaicano, meio qualquer coisa do fenômeno *Despacito*. Falta melhorar o inglês e também a técnica vocal — com seus antecedentes de rapper, Nego do Borel às vezes mais verseja do que canta. No plano pessoal, o artista, que já foi "muito safadinho" (é ele quem diz), está de namoro firme, há um ano, com Julia Schiavi, modelo de 19 anos. O aperto com o aparelho ortodôntico, como se vê, ficou no passado. Dois anos atrás, Nego do Borel gastou 150 000 reais em facetas de porcelana. Mas não sorri para qualquer um. ■

DEUS DA COMÉDIA

Sob o comando do neozelandês Taika Waititi, a série *Thor* afinal encontra o seu Valhalla: um paraíso feito de ação épica e diversão ininterrupta **ISABELA BOSCOV**

PENDURADO por uma corrente, Thor (Chris Hemsworth) a toda hora tem de pedir licença ao demônio de lava incandescente com quem está trocando bravatas: a cada giro, a corrente o põe de costas, interrompendo rudemente a conversa. Thor é um deus, mas isso não o exime dos bons modos, ora. Taika Waititi, o diretor neozelandês que ganhou o comando de *Thor: Ragnarok* (Estados Unidos, 2017; já em cartaz no país) com base em um punhado de trabalhos de orçamento modestíssimo, é um especialista em garimpar ouro cômico dos desconfortos da interação social (seu filme mais conhecido até aqui, *O que Fazemos nas Sombras*, sobre três vampiros que dividem o aluguel, é um tratado sobre o tema). Waititi, que nasceu em 1975, é também amigo de infância das aventuras espalhafatosas dos anos 70 e 80 — *Conan*, *Predador*, *Flash Gordon*, *Superman*. Juntem-se as duas coisas a uma concepção livre e surpreendentemente épica da ação, e afinal a série *Thor* se torna aquilo que, desde o seu início, em 2011, ela clamava por ser: uma comédia do absurdo, feita com uma alegria e um desimpedimento que rivalizam com os de *Deadpool* (menos os palavrões).

Tudo o que Thor quer é voltar para casa. Mas, como uma espécie de Ulisses desastrado, ele se vê sempre mais longe dela. Tendo escapado do demônio que deseja infligir ao lar mítico de Asgard o fim dos dias viking — o Ragnarok —, Thor encontra a casa em desordem: seu irmão trapaceiro, Loki (Tom Hiddleston), anda se fazendo passar pelo pai deles, o deus supremo Odin (Anthony Hopkins), e só quer saber de festa. O desleixo de Loki abre a porta para o retorno de Hela (Cate Blanchett), a deusa da morte (morte de preferência indiscriminada e em grande quantidade). Thor vai parar num planeta que é o ferro-velho cósmico; é capturado por uma valquíria beberrona (Tessa Thompson), e o mandachuva local (Jeff Goldblum) o põe para lutar na arena com o amigo Hulk (Mark Ruffalo). De incidente em incidente, vão todos se encontrar em Asgard, para uma batalha cósmica que é ao mesmo tempo hilariante e arrebatadora. O elenco, delicioso de ponta a ponta, por pouco não se diverte até mais do que a plateia: para Hemsworth e Hiddleston, em especial, este Ragnarok bate até o Valhalla. ■



DE MAL Thor (Hemsworth) e Hulk (Ruffalo): o humor do desconforto dentro de uma aventura espalhafatosa e colorida

UM OUTRO BRASIL

Em obra de fôlego, Jorge Caldeira percorre a trajetória econômica do país e descobre razões para otimismo – na iniciativa popular, não no desmando estatal **JOEL PINHEIRO DA FONSECA**

TODOS TEMOS UMA imagem mental simplificada da história do Brasil, aprendida nos bancos escolares e nos clássicos que os inspiram. Do ponto de vista econômico, essa história é basicamente assim: o Brasil nasceu como um país de exploração da terra e do trabalho escravo visando à exportação de matérias-primas. Senhores de engenho (ou cafeicultores) e escravos representavam as duas classes sociais. No campo da política, um povo passivo e incapaz de se governar. Em ***História da Riqueza no Brasil***, Jorge Caldeira nos traz um outro olhar. Passando por todos os períodos de nossa trajetória, realça aquilo que a narrativa oficial omitia, às vezes por pura carência de documentação. A história do Brasil aqui aparece pelo avesso: centrada na maioria de indivíduos livres, empreendedores e pequenos produtores rurais. Filhos de uniões entre portugueses, índios e negros libertos — ou seja, nem latifundiários, nem escravos — compunham a maior parte da população, sendo que menos

FORÇA SUFOCADA Jorge Caldeira: uma nação onde crescimento e criatividade são reprimidos pelo conservadorismo

da metade deles era branca. Na data da abolição, os escravos compunham 5% da população brasileira; os grandes fazendeiros, uma minoria ínfima; o resto era de cidadãos livres comuns, dos quais pouco se fala. O crescimento econômico — notável em quatro dos cinco séculos de nossa história — deveu-se antes de tudo a esses indivíduos livres, que constituíam o mercado interno em expansão. Eram também autônomos na construção de governos democráticos locais, como a Câmara de Vereadores de São Paulo, que existe desde o século XVI. Aliás, houve eleições democráticas (embora imperfeitas: só homens alfabetizados votavam) em nível municipal durante toda a história brasileira, com exceção do breve período do Estado Novo.

A história estuda o passado, mas nem por isso seu objeto é imóvel. Novas fontes e tecnologias permitem rever o que achávamos saber. Caldeira é capaz de contrariar a narrativa-padrão justamente porque tem acesso ao processamento digital de dados dispersos — como censos — e consegue assim estimar, ainda que de forma imprecisa, as magnitudes da nossa economia e de seu crescimento, tarefa difícil se temos em mente que por grande parte da história a moeda corrente (metais preciosos) foi muito escassa.

O Brasil retratado pelo historiador é filho da primeira expansão imperial portuguesa, de caráter "laico, mercantil e universalista", e da cultura tupi. Mas, para compensar alguns reveses em suas ambições globais e salvaguardar seus preciosos segredos de navegação, o Estado português reverteu para uma orientação conservadora, agrária e religiosa (inquisitorial). Assim, reprimiu o avanço do saber e das letras entre nós (tipografias eram confiscadas até o século XIX) e esmagou as tentativas de progresso manufatureiro, que contudo puderam prosseguir no interior, mais distantes do poder imperial lusitano.

Longe do poder central, nossa população empreendia, criava e se miscigenava. O crescimento econômico da colônia era superior ao da metrópole. Em nossa independência, tivemos a sorte de ter como patriarca alguém como José Bonifácio, que, de forma visionária, enxergou na mestiçagem do povo um ativo, e não uma fraqueza do Brasil. Soube ele também criar um modelo de Estado mestiço, unindo o princípio iluminista do poder que emana do povo com características da monarquia absoluta. A

HISTÓRIA DA RIQUEZA NO BRASIL, de Jorge Caldeira (Estação Brasil; 624 páginas; 69,90 reais ou 49,99 na versão digital)

BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR PARA ASSISTIR A DEPOIMENTO DO AUTOR E LER TRECHO DO LIVRO

obra política da independência foi bem-sucedida em manter o país de dimensões continentais unido, mas economicamente, argumenta Caldeira, o século XIX foi de estagnação. Nosso império não estava à altura dos desafios produtivos da era da industrialização, e, com sua tentativa fracassada de centralizar o comando e microgerenciar a economia, ficou para trás.

O período inicial da República viu um crescimento estrondoso. O Brasil estava mais uma vez pronto para alçar voo, mas a persistência de um imaginário conservador e dirigista sempre esteve ali para nos segurar. Entre altos e baixos, esse Estado centralizador, repressor e controlador — que se reeditou com Getúlio e com os militares — continuou a atrasar o progresso.

Caldeira retoma temas de sua obra anterior: o papel decisivo da cultura tupi em nossa formação, a prevalência da pequena propriedade produtiva e empreendedora, o mercado interno como motor do crescimento. A diferença está na articulação de uma grande história, com 600 páginas. A leitura nunca é árida, pois estamos sempre dialogando com personagens marcantes. No campo das ideias, que não é propriamente seu foco, poderia haver mais cuidado. Por exemplo: Caldeira atribui a Aristóteles uma teoria política simplista de monarquia absoluta e manutenção da escravidão, e vê a concepção aristotélica de mundo como responsável pelos desmandos reacionários do Estado português. Isso não é justo com um pensamento tão rico, que influenciou muitos iluministas e liberais. Do ponto de vista econômico, seria interessante tentar distinguir crescimento sustentável de surtos de expansão artificial. Sempre que a moeda se tornou abundante e o crédito barateou, o país cresceu, e Caldeira retrata esses momentos com imenso otimismo. Mas hoje, vivendo justamente a ressaca de uma experiência dessas, está claro que nem todo crescimento fácil vem para ficar.

Seja como for, Caldeira nos dá elementos para refundar a identidade nacional: não mais apenas o Brasil da carência, da exploração, da corrupção e da pobreza, mas um país dotado de imenso dinamismo interno e capacidade de crescer em meio a adversidades. É nesse Brasil informal e criador que mora nossa força. Falta abraçá-la e se abrir ao mundo. Fechamos o livro, mas o país continua aí, pronto para dar um passo além. ■

SONHO E PESADELO A garotinha Eleven (Millie Bobby Brown): os anos 80 recriados com as cores e o ritmo da era digital

ADMIRÁVEL MUNDO VELHO

A nova temporada de *Stranger Things* prova que não há truque mais valioso, e infalível, do que proporcionar que os adultos voltem a ser crianças numa redoma nostálgica **MARCELO MARTHE**

O ANO DE 1984 transcorria com fidelidade exemplar aos livros de história no lugarejo fictício de Hawkins, no Meio-Oeste americano. O presidente Ronald Reagan singrava sua bem-sucedida campanha à reeleição. Com a Guerra Fria em curso, os americanos ainda se arrepiavam diante da possibilidade de um conflito nuclear contra os soviéticos. Para quebrar a tensão no ar, havia o colorido peculiar da cultura pop dos anos 80: amava-se o filme *Ghostbusters* (no Brasil, *Caça-Fantasmas*) e ouvia-se a new wave grudenta do Devo e do Oingo Boingo. Os adoráveis protagonistas infantis da série *Stranger Things* — cuja segunda temporada acaba de ser lançada na Netflix — viviam tudo isso com a sofreguidão típica do período. Só que a década de 80, na ótica deles, extrapolava de longe a realidade concreta: suas aventuras avançavam para o terreno dos sonhos e, sobretudo, dos pesadelos do imaginário do período — tendo por lastro o universo fantástico de Steven Spielberg ou os filmes de horror de seu colega John Carpenter.

Se a primeira temporada de *Stranger Things* já se esmerava nessa irresistível mistura de nostalgia e viço inovador, seus criadores, os irmãos Matt e Ross Duffer, redobram a aposta na nova leva de capítulos. A realidade em Hawkins é cada vez mais opressiva. A chegada ao pedaço de um metaleiro violento e aparentemente racista aumenta o mal-estar social. E o laboratório do governo que realiza experiências inomináveis na cidadezinha continua a atuar com a mesma desenvoltura cínica, afetando até a lavoura de abóboras para o Halloween. A menina Eleven (Millie Bobby Brown) vive emparedada entre as dores do crescimento de alguém com superpoderes e as ameaças que emanam de uma dimensão paralela habitada por monstros feitos de ectoplasma repulsivo. Mas é o retorno ao lar de Will (Noah Schnapp), o miúdo ga-

roto com cabelo tigela que passou quase toda a primeira temporada desaparecido, que vem catalisar a nova temporada: enquanto ele tenta manter um pé no mundo real, o outro é sempre puxado para a tenebrosa dimensão alternativa.

Contar mais que isso é, decerto, estragar a surpresa do gracioso caleidoscópio de reviravoltas de *Stranger Things*. É melhor limitar-se à essência do negócio: os irmãos Duffer mais uma vez exploram com sagacidade a recriação manipulativa do passado. Os anos 80 que se veem na série são um retrato impecável da época. Ao mesmo tempo, porém, são uma deturpação calculada e deliciosa: uma projeção romântica de um tempo do qual muitos tigrões hoje se lembram com saudade não só pelo que a década foi de fato, mas por seu caldo de referências. A presença no elenco da estridente Winona Ryder, como a mãe do garoto Will, resume a confusão singela entre realidade e ficção. São os anos 80 vistos não em sua lentidão analógica inevitável, mas sim com o ritmo dos videogames e da vida de hoje — o que reforça, claro, o apelo para as novas gerações.

E aqui se chega à razão maior do sucesso de *Stranger Things*: a série acena com um mundo em que a imaginação infantil tem licença para se libertar. Não que qualquer licença fosse necessária para as crianças curtirem os devaneios de certa fase do desenvolvimento: são os adultos que ganham autorização para embarcar na fantasia, e de modo esperto o suficiente para não acharem que regrediram em sua idade mental. Enquanto a temporada durar, todos podem ser estranhamente felizes. ■

JOSÉ FRANCISCO BOTELHO

NÃO PERDOO CHAUCER

A arte, boa ou ruim, jamais deve pedir desculpas. Não a sério

É IMPOSSÍVEL exagerar a importância do britânico Geoffrey Chaucer (1342-1400) para a literatura em língua inglesa — ou em qualquer língua do Ocidente. Baste-nos, por falta de espaço, dizer que foi um precursor do romance moderno e o maior ironista na literatura ocidental antes de Jonathan Swift. Ainda assim, ao término de sua obra-prima, os *Contos da Cantuária* — que traduzi para a Penguin/Companhia das Letras em 2013 —, Chaucer fez aquilo que, segundo um adágio, nenhum artista deveria fazer: pediu desculpas. Para espanto de inúmeros leitores ao longo dos séculos, o que nos espera nas últimas páginas de seus exuberantes *Contos* não é um posfácio, mas uma esquisitíssima Retratação. Após nos conduzir por um labirinto de histórias aventurosas, picarescas e obscenas, Chaucer implora perdão aos céus — e a nós, leitores futuros — pelo pecado de ter nos divertido tanto: "Se encontrarem nesta obra algo que os desagrade, imputem-no à minha ignorância — não à minha vontade, pois eu certamente teria feito algo melhor, se tivesse o poder e o conhecimento para tanto. Peço humildemente a todos que rezem por mim, para que Cristo tenha piedade e perdoe minhas faltas, especialmente minhas traduções e composições referentes às vaidades humanas, que ora rejeito".

Se Chaucer escreveu essas palavras a sério, estamos diante de um dos casos mais enfáticos de autocensura pública na literatura. Há quem goste de ver artistas pedindo desculpas; há quem se compraza perante justificações estéticas ou ideológicas, apologias políticas ou morais. Já eu penso que existe algo de ontologicamente constrangedor nesse tipo de autoflagelo — e no prazer perverso, e aparentemente atemporal, que as retratações da arte causam em certas multidões. Perante a obra que ofende, há várias reações adultas possíveis — minha preferida é a crítica. Perante a obra que entedia — e aí se incluem as que se aferram, ainda, à pitoresca doutrina de *épater le bourgeois* —, voto pela indiferença, esse bálsamo. Quanto ao artista, seja ele genial ou medíocre, o mais prudente é seguir as palavras de Pôncio Pilatos na Vulgata: *Quod scripsi, scripsi*. "O que escrevi está escrito."

Lembremos, porém, um fato crucial: Chaucer era um ironista. E, no fim das contas, a ironia (esse tema infinito, do qual já falamos na coluna passada) talvez seja, hoje e sempre, a melhor resposta a todas as formas de censura — oficiais ou diletantes, verticais ou difusas. A censura é avessa à multiplicidade de sentidos; quer que os textos e obras digam claramente a que vieram, para que possa, então, ratificá-los ou condená-los. Parece-me boa ideia, portanto, fazer o oposto do que os censores de todas as estirpes desejam. Em vez de decifrar intenções, cifrá-las ainda mais; em vez de criar sentidos únicos, multiplicá-los e confundi-los até estontear os carcereiros. Isso — prefiro acreditar — é o que fez o mestre Chaucer em sua estranha Retratação.

De minha parte, amigo Chaucer, eu não o perdoo. O que você escreveu está escrito. E é eterno. ■

CINEMA

DEPOIS DAQUELA MONTANHA

[illegible]

[illegible]

A fotógrafa Alex (Kate Winslet) e o cirurgião Ben (Idris Elba) escapam de um desastre horrível com um bimotor. Mas agora estão ali, dois completos estranhos (mais o labrador do piloto), perdidos nas Montanhas Rochosas em pleno inverno, sem alimento e cercados por dezenas de quilômetros de neve espessa. Baseado no romance homônimo do americano Charles Martin, o filme do diretor Hany Abu-Assad começa como uma história de sobrevivência, mas se encaminha para o inevitável: com dois atores irresistíveis sozinhos em cena, não é surpresa que também seus personagens sejam incapazes de resistir um ao outro. Abu-Assad resvala no sentimentalismo, mas Elba e Winslet, impecáveis, compensam qualquer falha.

CINEMA *Depois Daquela Montanha:* neve, muita neve, e um casal irresistível

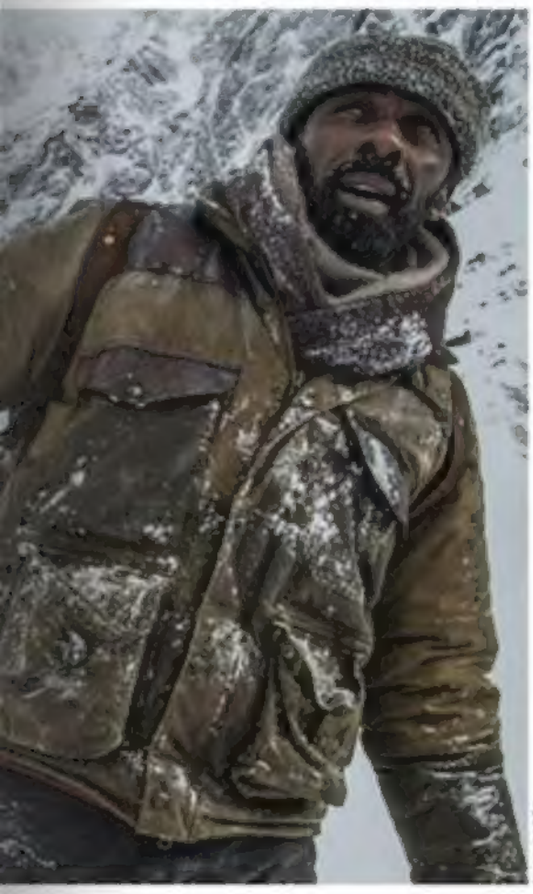
DISCO Marcia Castro: do tecno ao funk melody, uma cantora baiana boa de briga

DISCOS

TRETA, de Marcia

[illegible]

A cantora baiana despontou com *Pecadinho* (2014), álbum delicioso que reunia frevo, samba e música pop. À ótima estreia sucederam-se dois trabalhos irregulares, que não confirmaram a primeira impressão. *Treta* recoloca Marcia nos trilhos. Como indica o próprio título (gíria que significa briga, confusão), trata-se de um disco de confronto. Isso transparece nas letras, muitas vezes inspiradas num rompimento amoroso, e na sonoridade pesada, com os melhores elementos da música eletrônica. Entre os belos acertos de *Treta* está *Ela É Pan*, uma espécie de axé tecno, além do funk batidão *Baba no Quiabo* e do funk melody *Chave de Cadeia*. Marcia voltou boa de briga.



DIVULGAÇÃO

ROUGH TIMES, **de Kadavar (Nuclear Blast/Shinigami)**

O Analista de Bagé, personagem de Luis Fernando Verissimo, diria que este trio alemão é mais ortodoxo que receita de Biotônico Fontoura. Christoph Lindemann (guitarra e vocais), Christoph Bartelt (bateria) e Simon Bouteloup (baixo) fazem o estilo chamado de *stoner rock*, inspirado no hard rock dos anos 70, do peso mastodôntico do Black Sabbath às melodias lisérgicas do Hawkwind. *Rough Times*, seu quarto álbum, prova que o Kadavar vai muito além da cópia. Se a faixa *Words of Evil* lembra o Sabbath, o riff de *Die, Baby, Die* e a balada *You Found the Best in Me* atestam sua originalidade. ■

MV | BAIXE O APLICATIVO BLIPPAR PARA ASSISTIR AO TRAILER DO FILME E OUVIR OS DISCOS

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **ORIGEM** Dan Brown [1 | 3] ARQUEIRO
2. **IT – A COISA** Stephen King [2 | 7] SUMA DE LETRAS
3. **OUTROS JEITOS DE USAR A BOCA** Rupi Kaur [3 | 30] PLANETA
4. **O HOMEM MAIS INTELIGENTE DA HISTÓRIA** Augusto Cury [4 | 52] SEXTANTE
5. **COLUNA DE FOGO** Ken Follet [5 | 6] ARQUEIRO
6. **A IRMÃ DA PÉROLA** Lucinda Riley [0 | 1] ARQUEIRO
7. **O CONTO DA AIA** Margaret Atwood [0 | 1] ROCCO
8. **O LIVRO DOS RESSIGNIFICADOS** João Doederlein [6 | 44] PARALELA
9. **A CABANA** William Young [0 | 190+] SEXTANTE
10. **DEPOIS DE VOCÊ** Jojo Moyes [7 | 78+] INTRÍNSECA

NÃO FICÇÃO

1. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [1 | 49+] L&PM
2. **LEONARDO DA VINCI** Walter Isaacson [0 | 1] INTRÍNSECA
3. **HOMO DEUS** Yuval Noah Harari [2 | 40+] COMPANHIA DAS LETRAS
4. **POR QUE O BRASIL É UM PAÍS ATRASADO?** Luiz Philippe de Orleans e Bragança [9 | 3] NOVO CONCEITO
5. **A ELITE DO ATRASO** Jessé Souza [5 | 3] LEYA
6. **RITA LEE: UMA AUTOBIOGRAFIA** Rita Lee [7 | 49] GLOBO
7. **VICENTE FALCONI** Cristiane Correa [0 | 1] SEXTANTE
8. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [3 | 168+] RECORD
9. **NA MINHA PELE** Lázaro Ramos [4 | 18] OBJETIVA
10. **CAVALEIRO DAS AMÉRICAS** Filipe Masetti Leite [0 | 54] HARPERCOLLINS BRASIL

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **LÍDER DE RESULTADO** Elias Leite [0 | 1] GENTE
2. **COMO USAR A INTERNET PARA ALAVANCAR VENDAS OU CRIAR UM NEGÓCIO DIGITAL DO ZERO** Erico Rocha [0 | 1] BUZZ
3. **CRER OU NÃO CRER** Leandro Karnal e Pe. Fábio de Melo [1 | 5] PLANETA
4. **SEJA FODA!** Caio Carneiro [6 | 2] BUZZ
5. **PROPÓSITO** Sri Prem Baba [4 | 45+] SEXTANTE
6. **O PODER DA AÇÃO** Paulo Vieira [3 | 107+] GENTE
7. **ANSIEDADE** Augusto Cury [7 | 190+] SARAIVA
8. **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?** Mario Sergio Cortella [9 | 61+] PLANETA
9. **O PODER DO AGORA** Eckhart Tolle [0 | 51+] SEXTANTE
10. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [10 | 92+] OBJETIVA

INFANTOJUVENIL

1. **FELIPE NETO** Felipe Neto [1 | 8] ESCRIGRAD
2. **MINHA VIDA FORA DE SÉRIE – 4ª TEMPORADA** Paula Pimenta [4 | 6] GUTENBERG
3. **TARTARUGAS ATÉ LÁ EMBAIXO** John Green [2 | 2] INTRÍNSECA
4. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [10 | 190+] VÁRIAS EDITORAS
5. **O MUNDO DE LARISSA MANOELA** Larissa Manoela [3 | 23] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **PLANETA DAS GÊMEAS** Melissa e Nicole [5 | 13] ASTRAL CULTURAL
7. **MEAGLE – VIVENDO UM SONHO NOS ESTADOS UNIDOS** Victor Trindade e Gabriel Fernandes [0 | 10+] ASTRAL CULTURAL
8. **EXTRAORDINÁRIO** R.J. Palacio [9 | 33+] INTRÍNSECA
9. **VOCÊ SABIA?** Lukas Marques e Daniel Molo [6 | 17+] OUTRO PLANETA
10. **QUERIDO DANE-SE** Kefera Buchmann [7 | 7] PARALELA

Fontes: **Balneário Camboriú:** Livrarias Catarinense; **Belém:** Laselva; **Belo Horizonte:** Fnac, Laselva, Leitura; **Betim:** Leitura; **Blumenau:** Livrarias Catarinense; **Brasília:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura, Nobel; **Campinas:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura; **Campo Grande:** Leitura; **Curitiba:** Fnac, Laselva, Livrarias Curitiba; **Florianópolis:** Laselva, Livrarias Catarinense; **Fortaleza:** Cultura, Laselva; **Foz do Iguaçu:** Laselva; **Goiânia:** Fnac, Leitura; **Governador Valadares:** Leitura; **Guarulhos:** Fnac; **Ipatinga:** Leitura; **João Pessoa:** Leitura, Saraiva; **Joinville:** Livrarias Curitiba; **Juiz de Fora:** Leitura; **Londrina:** Leitura; **Londrina:** Livrarias Curitiba; **Macaé:** Laselva; **Novo Hamburgo:** Laselva; **Petrópolis:** Nobel; **Piracicaba:** Nobel; **Porto Alegre:** Cameron, Cultura, Fnac; **Recife:** Cultura, Laselva; **Ribeirão Preto:** Fnac, Paralelo; **Rio de Janeiro:** Argumento, Fnac, Laselva, Travessa; **Santa Bárbara d'Oeste:** Nobel; **São Paulo:** Cultura, Fnac, Laselva, Livraria da Vila, Livrarias Curitiba, Martins Fontes, Nobel; **Vitória:** Laselva, Leitura; **Internet:** Cultura, Fnac, Laselva, Leitura, Nobel, Submarino

[A|B#] – A| posição do livro na semana anterior B| há quantas semanas o livro aparece na lista #| semanas não consecutivas

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO

DIÁRIO DE PISTOIA

ESSA CIDADE ITALIANA, a meia hora de trem de Florença, abrigou entre 1945 e 1960 os corpos de 465 soldados brasileiros mortos na II Guerra Mundial. Em 1960 seus restos foram trasladados para o monumento então inaugurado no Aterro do Flamengo, no Rio de Janeiro. Hoje, no antigo cemitério de Pistoia, junto a uma bandeira do Brasil e uma pira eterna, ergue-se uma elegante peça de concreto, com formas que lembram uma tenda, ou, melhor ainda, um baldaquino. Desenhado pelo arquiteto modernista Olavo Redig de Campos (1906-1984), o monumento lembra os brasileiros caídos em combate e serve de abrigo ao soldado desconhecido: um último pracinha, encontrado no campo de batalha de Montese depois do traslado dos demais e nunca identificado, repousa entre suas esguias colunas. Num local retirado, junto a uma estrada de pouco movimento e na vizinhança de plantações de oliveira, o Brasil assinala aqui uma presença silenciosa e honrosa.

A participação do país na guerra vai desaparecendo da memória dos brasileiros. Quando se lembram dela, o comum é fazer graça do papel de formiguinha entre as feras em confronto. No entender das próprias feras, porém, o papel da formiguinha não era irrelevante. Em livro relançado neste ano, acrescido de partes inéditas *(Getúlio Vargas, Meu Pai)*, a filha do então ditador brasileiro, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, conta que, em viagem de lua de mel aos Estados Unidos, foi convidada, junto com o marido, Ernani do Amaral Peixoto, a visitar o presidente Franklin Roosevelt na Casa Branca. Era julho de 1939, vésperas do início da guerra. Aplicando uma régua sobre um mapa-múndi, Roosevelt mostrou a pouca distância entre Natal e Dacar; segundo ele, se os alemães dominassem o litoral africano, teriam um trampolim para, pelo Nordeste brasileiro, invadir o continente americano. Roosevelt empenhava-se em trazer o Brasil para a causa aliada, num momento em que nossos dois principais chefes militares, Eurico Dutra e Góes Monteiro, favoreciam o nazifascismo, e os sinais de Getúlio eram ambíguos.

E se a célebre batalha do Norte da África tivesse terminado com a vitória dos alemães?

Recado semelhante havia sido dado meses antes pelo presidente americano ao chanceler brasileiro Oswaldo Aranha. Os estrategistas americanos, segundo escreve Lira Neto, biógrafo de Getúlio, temiam que o Brasil se constituísse "na porta de entrada dos nazifascistas no hemisfério". Ao contingente de 25 000 soldados enviados à Itália somou-se, como contribuição brasileira, a cessão da base aérea com que os aviões americanos, de Natal, abasteciam as tropas aliadas na África. Ao se cogitar do rumo que o conflito poderia ter tomado, apresentam-se dois "e se". Primeiro: e se o Brasil tivesse optado pela neutralidade, de todo conveniente aos alemães? Segundo: e se da célebre batalha do Norte da África, entre o inglês Montgomery e o alemão Rommel, o segundo tivesse saído vitorioso? Ter o Brasil ao lado garantiu uma vantagem estratégica para a causa aliada à qual não se costuma atentar.

O monumento de Pistoia tem como administrador um batalhador incansável pela divulgação da relevância do Brasil na guerra. O ítalo-brasileiro Mario Pereira exerce essa função, subordinada à embaixada brasileira em Roma, desde a morte de seu pai, Miguel Pereira, em 2003. Miguel foi um dos 58 soldados brasileiros que se casaram com italianas; radicou-se em Pistoia e assumiu a administração, primeiro do cemitério, depois do monumento, a partir de sua inauguração, em 1967. O filho faz frequentes viagens ao Brasil, para palestras. Quando o colunista lhe pergunta quem paga essas viagens, ele tira a carteira do bolso: "É isso aqui que paga".

O terreno do antigo cemitério foi cedido pelo governo italiano ao brasileiro em regime de comodato. O Brasil empenha-se em obter sua doação e as negociações caminhavam bem, segundo explica Mario Pereira, até que o caso Cesare Battisti, ao azedar as relações entre os dois países, reconduziu-as à estaca zero. Atrás do monumento Redig de Campos ergueu um muro em que se inscrevem os nomes dos soldados mortos. No Dia de Finados, como em todos os anos, haverá no local uma cerimônia, com a presença do embaixador na Itália e talvez de alguma autoridade vinda do Brasil. Quando ativo, o cemitério possuiu uma quadra para generosamente abrigar também os alemães mortos nas batalhas com os brasileiros; 47 deles estiveram ali enterrados. Ao contrário de muitos outros, esse é um lugar em que é reconfortante ver tremular a bandeira do Brasil. ■

Carmim
LOVE
MORE
Carmim
carmimbrasil
0811 3068 4433

SAFRA GALILEO: PATRIMÔNIO DE R$ 14,7 BILHÕES. NOSSO ORGULHO É VER NOSSOS CLIENTES SATISFEITOS.

SAFRA GALILEO
FIC FI MULTIMERCADO

CDI

143,77%
ACUMULADO EM 105 MESES

308,61%
ACUMULADO EM 105 MESES (DESDE O INÍCIO)

Safra
Tradição Secular de Segurança

175 ANOS
GRUPO J. SAFRA

NOME	Classificação ANBIMA	Aplicação Inicial (R$)	Taxa Adm Max	Taxa de Performance	Conversão / Pagamento	PL Médio (R$ Milhões) dos últimos 12 meses	Início do fundo	Setembro		2017		12 meses		Desde o início	
								Fundo	CDI %	Fundo	CDI %	Fundo	CDI %	Fundo	CDI %
SAFRA GALILEO FIC FI MULTIMERCADO	Multimercados Estratégia Livre	R$ 500 Mil	2,00%	20% do que exceder o CDI	D+31 / D+32*	R$ 11.418,09	30/12/2008	1,07%	0,84%	11,53%	8,05%	14,80%	11,55%	308,61%	143,77%

A presente instituição adere ao Código ANBIMA de Regulação e Melhores Práticas para os Fundos de Investimento.

ANBIMA

O SAFRA GALILEO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO - CNPJ nº 10.347.249/0001-21 ("Fundo") é destinado a fundos de investimentos e/ou fundos de investimentos em cotas de fundos de investimentos administrados e/ou geridos pelo Grupo Safra. O Fundo investe preponderantemente em cotas do SAFRA GALILEO MASTER FUNDO DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO, (CNPJ/MF 21.246.022/0001-46) ("Galileo Master") que tem como objetivo buscar rentabilidade diferenciada para seus cotistas mediante aplicação de recursos em ativos financeiros e demais modalidades operacionais disponíveis no âmbito dos mercados financeiro e de capitais tais como ouro, câmbio, títulos e valores mobiliários, juros, cotas de fundos de investimento de qualquer classe, títulos públicos, derivativos, entre outros. O Fundo encontra-se com suas aplicações temporariamente suspensas. Por fechamento de 07 de julho de 2017 o Fundo transformou-se em um Fundo de Investimento em Cotas de Fundos de Investimento Multimercado e sofreu uma cisão, que deu origem a cinco novos Fundos. Antes de decidir sobre o investimento, o cliente deve verificar junto ao seu gerente eventuais restrições quanto à captação do Fundo. Rentabilidade nominal do Fundo no mês de Setembro de 2017 (compreendido entre 29/08/2017 e 29/09/2017), acumulada no ano de 2017 (compreendido entre 30/12/2016 e 29/09/2017), 12 meses (compreendido entre 30/09/2016 e 29/09/2017) e "desde o início" (compreendido entre 30/12/2008 e 29/09/2017). Data-base 29/09/2017. Fonte: www.cvm.gov.br. LEIA O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES, A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS E TAXA DE SAÍDA, A QUAL INCIDIRÁ SE O COTISTA NÃO RESPEITAR A PROGRAMAÇÃO DE RESGATE DE 30 DIAS. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITOS - FGC. ESTE FUNDO PODE ESTAR EXPOSTO À SIGNIFICATIVA CONCENTRAÇÃO EM ATIVOS DE POUCOS EMISSORES, COM OS RISCOS DAÍ DECORRENTES. Classificação de fundos ANBIMA disponível nos formulários de informações complementares. NÃO HÁ GARANTIA DE QUE ESTE FUNDO TERÁ O TRATAMENTO TRIBUTÁRIO PARA FUNDOS DE LONGO PRAZO. Este Fundo está autorizado a realizar diariamente ajuste por meio de Fundos investidos, aplicações em ativos financeiros negociados no exterior. *Não será cobrada taxa de saída, caso seja apresentada à Administradora uma notificação de resgate com antecedência mínima de 30 (trinta) dias corridos da data do efetivo pedido de resgate. Nesta hipótese, a conversão ocorrerá no 1º dia útil subsequente ao 30º dia após a data da programação de resgate e o pagamento ocorrerá no 1º dia útil subsequente à data da conversão. Caso o cotista opte pelo pagamento da taxa de saída, a conversão de cotas ocorrerá no 1º dia útil após a solicitação do resgate e o pagamento ocorrerá no 1º dia útil após a data da conversão. Taxa de saída de 10% sobre o valor bruto resgatado. O Patrimônio de R$ 14,7 bilhões se refere ao patrimônio total do Galileo Master, no qual o Fundo e os 05 novos fundos resultantes da cisão investem na data-base de 29/09/2017. Fonte CVM – www.cvm.gov.br. Administrador: J. Safra Serviços de Administração Fiduciária Ltda. Gestor: J. Safra Asset Management Ltda. Para mais informações, procure um gerente Safra ou acesse-nos em www.safrasset.com.br e www.jsafrafiduciaria.com.br. Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha reclamado no SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados. E-mail: safra.ouvidoria@safra.com.br.